ELBEN M. LENZ CÉSAR

História da Evangelização do Brasil

DOS JESUÍTAS AOS NEOPENTECOSTAIS

História da evangelização do Brasil

DOS JESUÍTAS AOS NEOPENTECOSTAIS

ELBEN M. LENZ CÉSAR

História da evangelização do Brasil

DOS JESUÍTAS AOS NEOPENTECOSTAIS

Para
Jônatas, Artur, Pedro, Josué,
Alice, Raquel, André, Clara e Davi

Que vocês sejam discípulos
e servos de Jesus Cristo.

Agradecimentos

Aos historiadores Abraão de Almeida (assembleiano), Arlindo Müller (luterano), Duncan A. Reily (metodista), Ebenézer Soares Ferreira (batista), Frank Arnold (presbiteriano), Frans Leonard Schalkwijk (reformado), Joyce Every-Clayton (congregacional); ao sociólogo Waldo César (luterano); aos missiólogos Antonia Leonora van der Meer (reformada), Bertil Ekström (batista), Isaac Costa de Souza (cristão evangélico) e Manfred Grellert (batista); ao editor Eude Martins da Silva (assembleiano) e ao major David W. Waste (do Exército de Salvação), por terem lido antecipadamente os capítulos que falam sobre suas denominações e feito preciosas sugestões.

À arquivista Ester Marques Monteiro (da Igreja Evangélica Fluminense), por me ter enviado fotocópia de três livros há muito esgotados.

Ao missiólogo Carlos Ribeiro Caldas Filho (presbiteriano), por ter lido toda a obra e colaborado com pesquisas e sugestões.

Sumário

III. Pentecostalização (Século XX)

Nota:

A história do Exército de Salvação encontra-se na 3ª parte por uma questão de cronologia, e não porque se trata de uma denominação pentecostal.

Apresentação

As respostas aos desafios católico de Pero Vaz de Caminha e protestante de Henry Martyn

A *História da evangelização do Brasil* não é adaptação de uma dissertação acadêmica. Quer dizer, não é um trabalho científico. Embora tenha o cuidado de ser rigorosamente fiel às muitas fontes consultadas, o livro que o leitor tem em mãos contém uma série de relatos ao mesmo tempo históricos e edificantes. Estamos focalizando mais os instrumentos humanos dos quais Deus se serviu de uma maneira e outra do que as instituições que eles fundaram ou trouxeram para o Brasil ao correr dos 500 anos de história, a partir da ocupação portuguesa.

Nem todos pensavam e agiam do mesmo modo, quase nunca trabalharam lado a lado, não foram unânimes na exegese bíblica, cometeram erros de estratégia missionária, tornaram-se culpados de pecados de intolerância, não levantaram suficientemente suas vozes contra a escravidão indígena e africana e outras injustiças sociais, nem sempre exigiram arrependimento e conversão daqueles aos quais ministravam. Todavia, ninguém pode negar que esses missionários e missionárias, europeus e americanos do norte,

estrangeiros e nacionais, católicos e protestantes, não-pentecostais e pentecostais, instruídos e iletrados, casados ou solteiros, eram realmente vocacionados, amavam a Deus acima de tudo, deram-lhe suas vidas e trouxeram para cá o evangelho de Jesus, promovendo e ampliando o reino de Deus.

Não estamos contando a história das igrejas, mas a história da evangelização do Brasil, desde os jesuítas até os neopentecostais, esforçando-nos para fazê-lo com isenção de ânimo. Não contamos a história das igrejas nem dos desdobramentos delas, como, por exemplo, a história da Igreja Presbiteriana do Brasil, da Igreja Presbiteriana Independente, da Igreja Presbiteriana Conservadora, da Igreja Presbiteriana Renovada e da Igreja Presbiteriana Unida. Cada denominação já tem livros de sua história. Não queremos repetir o que já foi escrito. Contamos só o início de cada esforço missionário, mencionando a figura dos pioneiros e o seu trabalho. Não foi possível evitar por completo o ponto de vista evangélico do autor, que está inserido na história. Faz parte da terceira geração de um casal que aceitou o evangelho por meio do primeiro missionário estrangeiro a se fixar no Nordeste brasileiro em 1873.

A *História da evangelização do Brasil* persegue dois notáveis desafios missionários, separados entre si por três séculos. O primeiro desafio é católico: encontra-se na carta de Pero Vaz de Caminha dirigida a Dom Manuel I, o Venturoso, rei de Portugal. O segundo desafio é protestante: encontra-se no precioso diário de Henry Martyn. Os dois desafios são sintomáticos: enquanto Caminha, em 1500, talvez com 50 anos, menciona a necessidade de vir de Portugal algum clérigo para batizar os índios, Martyn, em 1805, com 24 anos, menciona a necessidade de vir, de qualquer lugar, algum missionário para pregar "a doutrina da cruz". Os missionários católicos esforçaram-se para batizar o maior número possível de indígenas, negros e crianças brasileiras, com ou sem catequese suficiente. Anchieta chegou a desenterrar um recém-nascido aleijado sepultado ainda vivo pela mãe índia e o batizou.[1] Os missionários protestantes esforçaram-se para anunciar o sacrifício vicário de Jesus ao maior número possível de brasileiros.

Grosso modo, é possível dividir a história da evangelização do Brasil em três períodos distintos e naturais: nos séculos XVI, XVII e XVIII, os missionários católicos *cristianizaram* o país; no século XIX, os missionários protestantes *evangelizaram* o país; e, no século XX,

os missionários pentecostais *pentecostalizaram* o país (com o auxílio dos carismáticos católicos). No início ocorreu a *pré-evangelização*, no século seguinte, a *evangelização* propriamente dita e no último século, a *pós-evangelização*.

Em todo o mundo, o século XVI foi o grande século missionário católico, o século XIX, o grande século missionário protestante e o século XX, o grande século pentecostal.

O que vai acontecer no século XXI pertence ao futuro, e não à história. Queira Deus que seja algo superior, em número e em profundidade, ao que foi feito até agora.

Elben M. Lenz César
MAIO DE 2000

Nota

[1]CAXA, Quirício, RODRIGUES, Pero. *Primeiras biografias de José de Anchieta*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 154.

I.

Cristianização
(Séculos XVI a XVIII)

1.

Bispo abençoa a armada de Pedro Álvares Cabral

Religiosidade é o que não faltava aos portugueses na época da "descoberta" do Brasil. O próprio capitão-mor da armada de dez naus e três caravelas, que transportava para a Índia cerca de 1.350 homens, era cavaleiro da Ordem de Cristo. Por coincidência, Pedro Álvares Cabral tinha então a idade de Jesus quando este morreu (33 anos). A Ordem de Cristo era uma ordem militar e religiosa fundada e instituída pelo papa João XXII em Avignon, na França, em março de 1319, a pedido de Dom Dinis, sexto rei de Portugal. Foi essa ordem que financiou, com os tesouros da Ordem dos Templários, extinta em 1311, a expansão marítima portuguesa no final do século XV.

Na véspera da partida da armada de Cabral, dia 8 de março de 1500, domingo, na capela da Ermita de São Jerônimo, à margem do rio Tejo, em Lisboa, houve uma cerimônia religiosa, na qual o bispo Diogo Ortiz benzeu a bandeira da Ordem de Cristo, passando-a em seguida para Dom Manuel I e este para Pedro Álvares Cabral. Estavam presentes a corte, os banqueiros que financiariam grande parte do empreendimento e os capitães da frota.

Como acontecia em todas as viagens marítimas portuguesas, havia capelães a bordo. No caso de Cabral, vieram oito franciscanos e o frei Dom Henrique Soares de Coimbra, um frade para cada 150 tripulantes.

Ao depararem a costa brasileira, chamaram de Monte Pascoal a pequena elevação isolada (536 metros) que avistaram dos navios, situada a 50 quilômetros do mar, no litoral da Bahia. O nome era apropriado, pois dentro de poucos dias se daria a celebração da Páscoa. A terra que estava diante deles denominaram Ilha de Vera Cruz. Nas expedições posteriores, fez-se a mesma coisa. Com o calendário litúrgico nas mãos, iam batizando todos os acidentes geográficos do litoral com os nomes religiosos: cabo de São Roque, cabo de Santo Agostinho, rio São Francisco, baía de Todos os Santos, cabo de São Tomé, ilha de São Sebastião, porto de São Vicente etc.

No quarto dia depois da "descoberta", no domingo 26 de abril, Dom Henrique Soares de Coimbra celebrou a primeira missa em território brasileiro. Cabral participou da cerimônia carregando consigo a bandeira de Cristo. No dia seguinte, João Faras, mais conhecido como Mestre João, médico e astrônomo da armada, desceu à terra pela primeira vez (pois estava doente) e, à noite, batizou de Cruzeiro do Sul a constelação cujas estrelas principais formam o desenho de uma cruz. E no dia 1º de maio, sexta-feira, para comemorar a paixão de Cristo, frei Henrique celebrou a segunda missa, precedida de uma procissão, tendo à frente os estandartes da Ordem de Cristo. Participaram da cerimônia mais de mil portugueses e cerca de 150 nativos.

A religiosidade portuguesa da época incluía uma consciência missionária generalizada e bem arraigada. Antônio Vieira dizia que "os outros cristãos têm obrigação de crer a fé; o português tem obrigação de a crer e, mais, de a propagar"[1]. O rei Dom João III, filho de Dom Manuel I, lá pelo ano de 1549, confessou a Tomé de Sousa, primeiro governador do Brasil, que a principal coisa que o moveu a povoar as terras descobertas era "para que a gente delas se convertesse à nossa santa fé católica"[2]. Naturalmente, como aconteceu com outras nações católicas e protestantes, essa consciência missionária tinha relação com a expansão territorial, com o colonialismo e com o aumento do poder político. É como explica Charles Boxer: "A aliança estreita e indissolúvel entre a cruz e a coroa, o trono e o altar, a fé e o império, era uma das principais

preocupações comuns aos monarcas ibéricos, ministros e missionários em geral"[3].

Embora tenha algum valor, a religiosidade precisa da companhia de frutos verdadeiros. Basta lembrar Israel em determinadas ocasiões, quando a expressão litúrgica era mais visível do que a obediência aos mandamentos. Os profetas deixaram bem claro que Deus não suporta "iniqüidade associada ao ajuntamento solene" (Is 1.13). O tratamento dispensado ao índio e ao negro, o desejo de enriquecimento rápido e o concubinato, entre outros escândalos, colocam em dúvida a profundidade religiosa dos portugueses que vieram para o Brasil.

Notas

[1] VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados*; moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 26.

[2] Id., ibid.

[3] Id., ibid.

2.

Dom Manuel I engaveta o desafio missionário de Pero Vaz de Caminha

O primeiro desafio missionário em favor do Brasil tem a idade do país: 500 anos. Não foi redigido por nenhum missionário ou missiólogo. É da lavra de um nobre que vivia nas cortes de Dom Afonso V, o Africano, Dom João II, o Príncipe Perfeito, e Dom Manuel I, o Venturoso, reis de Portugal. Seu nome é muito conhecido, por ele ter escrito o primeiro relato da descoberta do Brasil, que ele chama de "achamento". Trata-se de Pero Vaz de Caminha, nomeado escrivão da feitoria de Calicute, na Índia, em 1499.

Caminha teria 50 anos quando escreveu a famosa carta dirigida a Dom Manuel I, então com 31anos. O relatório pormenorizado de 27 páginas foi escrito obviamente à mão, a bordo da nau capitânia da armada de Pedro Álvares Cabral, fundeada na altura de Porto Seguro, na Bahia. Embora tenha a data de 1º de maio de 1500, a carta começou a ser escrita nos dias anteriores.

Numa linguagem sem rodeios e alicerçada nas impressões pessoais que teve dos indígenas, Caminha diz ao rei que ele precisa cuidar da salvação deles e enviar um clérigo para os batizar o mais

breve possível. Depois de descrever a exuberância da terra com entusiasmo, o ex-vereador do Porto declara: "O melhor fruto que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar".[1]

Enquanto o missionário não chegasse, os índios poderiam ser catequizados pelos quatro portugueses que ficaram na Ilha de Vera Cruz (dois degredados e dois desertores), embora os degredados (um deles chamava-se Afonso Ribeiro) regressassem a Portugal um ano e oito meses depois (dezembro de 1501), na expedição de Gonçalo Coelho.

É possível que eles tenham feito mais do que catequizar, pois quando Pero de Campos Tourinho, 35 anos depois, assumiu a capitania de Porto Seguro, encontrou ali uma pequena comunidade de mamelucos, também chamados de lusíndios ou luso-brasileiros, nomes que se dão aos filhos de índio com português.

O entusiasmo de Caminha pela evangelização dos indígenas assenta-se, em parte, numa impressão demasiadamente otimista e simplista que teve dos nativos por ocasião da segunda missa campal: os índios ajudaram a carregar a cruz para o local designado e imitaram os portugueses durante o ofício religioso, ajoelhando-se, pondo-se em pé, levantando as mãos para o alto e olhando atentamente para o celebrante. Para o escrivão da feitoria de Calicute, o peixe já estava quase na rede. Faltava apenas o clérigo para os batizar!

Menos de dois meses depois, a carta de Pero Vaz de Caminha chegou a Portugal levada pela nau de Gaspar de Lemos. Não há nenhuma indicação de que o apelo missionário nela contido tenha causado algum impacto em Dom Manuel I ou em qualquer outra pessoa. Nem naqueles dias nem nos anos seguintes, simplesmente porque não se deu publicidade a ela. O documento foi parar nos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa, e permaneceu desconhecido por quase 300 anos. Foi o historiador espanhol Juan Bautista Muñoz quem o localizou em 1793. A *Corografia Brasílica*, de Aires de Casal, publicou-a pela primeira vez 24 anos depois, em 1817.

Embora tão urgente e ardoroso, o primeiro desafio missionário em favor da salvação dos naturais do Brasil caiu no esquecimento logo em seguida à sua elaboração. Pero Vaz de Caminha morreu naquele mesmo ano, em 16 de dezembro, quando cerca de 300 árabes e hindus atacaram a feitoria portuguesa de Calicute.

Se a carta de Caminha tivesse sido publicada, certamente não seria necessário esperar 49 anos pela chegada da primeira leva de missionários estáveis, aqueles que vieram com Tomé de Sousa, o primeiro governador do Brasil, em março de 1549.

Nota

[1] PEREIRA, Paulo Roberto. *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999. p. 58.

3.

A Europa pega fogo

Enquanto os indígenas do Brasil esperavam o clérigo solicitado em caráter de urgência na carta de Pero Vaz de Caminha, a Europa mudou muitíssimo, principalmente no que diz respeito à religião.

No período de 50 anos, de 1500 a 1549, sete papas passaram pelo Vaticano: Alexandre VI (1492-1503), Pio III (1503), Júlio II (1503-1513), Leão X (1513-1521), Adriano VI (1522-1523), Clemente VII (1523-1534) e Paulo III (1534-1549). Em média, cada um deles reinou sete anos. Com raras exceções, esses papas não honraram o nome de Deus nem o cargo que ocupavam. A começar com o papa da "descoberta" do Brasil, Alexandre VI, que se relacionou com uma senhora da nobreza romana, Vanozza de Cataneis, da qual teve quatro filhos, entre eles os tristemente famosos César Bórgia, que assassinou o marido da irmã, e ela própria, Lucrécia Bórgia. Os outros papas eram escandalosamente nepotistas e amantes do fausto e do poder. Os dois que mais prometiam tiveram pontificados muito curtos — Adriano VI (21 meses) e Pio III (25 dias). Foi o papa Alexandre VI quem traçou a linha de Tordesilhas, sete anos antes da "descoberta" do Brasil, que separava as zonas de influência portuguesa e espanhola, na esperança de acabar com a disputa entre os dois grandes países da época.

Foi nesse ambiente de profunda decadência doutrinária e moral que surgiram, quase simultaneamente, alguns movimentos espontâneos de reforma religiosa em vários países da Europa. Na verdade, esses esforços de reforma da igreja começaram bem antes da expedição de Cabral, com João Wycliffe (1320-1384), na Inglaterra, e João Huss (1369-1415), na Tchecoslováquia. Wycliffe é conhecido como a Estrela d'Alva da Reforma. Outra tentativa de reforma, de caráter mais regional e mais moral, aconteceu na última década do século XV, com o dominicano Jerônimo Savonarola (1452-1498), na cidade de Florença. Tanto Huss como Savonarola foram condenados à morte, este aos 46 anos, por ordem do papa Alexandre VI, e aquele aos 43, por ordem do papa Alexandre V.

A soma de todos os esforços de reforma da igreja realizados na primeira metade do século XVI, na Inglaterra, Escócia, Países Baixos, França, Alemanha, Suíça e Prússia deu origem à segunda grande cisão da Igreja Cristã. (O primeiro cisma ocorreu 463 anos antes, com o nascimento da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, também chamada Igreja Oriental.) Trata-se da Reforma Protestante, levada a cabo por homens como Martinho Lutero (1483-1546), Úlrico Zuínglio (1484-1531), Filipe Melâncton (1497-1560), João Calvino (1509-1564) e João Knox (1514-1572). A data mais importante da Reforma é 31 de outubro de 1517, quando Lutero protestou publicamente contra o abuso na venda de indulgências, com a afixação de suas Noventa e Cinco Teses à porta da igreja do castelo de Wittenberg, na Alemanha, à época do pontificado de Leão X. É bom lembrar que Lutero nasceu 17 anos antes da "descoberta" do Brasil e proclamou a Reforma 17 anos depois.

Para atender a demanda da reforma interna e, principalmente, para fazer frente à Reforma Protestante, a Igreja Católica Romana provocou a sua própria reforma, conhecida pelo nome de Contra-Reforma, também chamada de Reforma Católica ou Renascimento Católico. Os três grandes instrumentos da Contra-Reforma foram a Sociedade de Jesus (1540), a Inquisição Romana (1542) e o Concílio de Trento (a partir de 1545).

As duas reformas alteraram profundamente o clima religioso da Europa na primeira metade do século XVI, renovando a piedade cristã dos dois séculos anteriores a 1500. Quando, finalmente, o desejo de Pero Vaz de Caminha foi levado em conta, os seis primeiros missionários a virem para o Brasil, em março de 1549, eram da

Companhia de Jesus, fundada nove anos antes. A essa altura, já se fazia necessária a distinção entre missionários católicos romanos e missionários protestantes, pois seis anos depois (1555) chegariam ao Rio de Janeiro os primeiros missionários reformados.

4.

É preciso alcançar os não-alcançados da Ilha de Vera Cruz

Com a "descoberta" do Brasil, o clero europeu mais sintonizado com a ordem de evangelização mundial, dada por Jesus, foi obrigado a reconhecer que havia muito mais gente para ouvir o anúncio do evangelho do que eles pensavam. Além dos africanos, indianos, judeus, árabes, chineses e japoneses, havia os indígenas do lado de cá do Atlântico.

Se fosse missiólogo, Caminha bem poderia referir-se a eles usando uma expressão muito em voga hoje: os homens que foram vistos pela primeira vez pelos tripulantes dos navios mais próximos do litoral eram um *povo não-alcançado*. Se soubesse que aqueles índios eram muitos e diferentes entre si, Caminha usaria o plural: *povos não-alcançados*. Talvez até desenhasse algo parecido com a atual *Janela 10/40* — aquele retângulo do mapa-múndi onde vivem os povos não-alcançados pelo evangelho, compreendido entre os paralelos 10 e 40 ao norte da linha do Equador, da costa ocidental da África à costa oriental da Ásia. A Janela Brasileira seria entre a

linha do Equador e o paralelo 30 ao sul do Equador e os meridianos 30 e 70 a oeste de Greenwich.

Pouco a pouco os portugueses foram descobrindo que os naturais da terra habitavam todo o litoral, do Pará ao Rio Grande do Sul, e também o interior próximo e distante. Descobriram também que eles falavam diferentes línguas e não tinham todos a mesma cultura. Na verdade eles eram cerca de um milhão e meio de habitantes (no cálculo mais conservador), divididos em mais de mil etnias. Eram os aimorés, apinajés, botocudos, caetés, caiapós, canelas, cariris, goitacazes, guaianazes, guaranis, tabajaras, timbiras, tupinambás, tupiniquins, tupis, xerentes e muitos outros.

Os indígenas não tinham deuses certos nem ídolos, mas eram religiosos, dançavam, cantavam e submetiam-se aos seus pajés, que exerciam os ofícios de sacerdote, profeta e médico-feiticeiro. Alguns alimentavam a esperança de uma "terra sem males". Nada sabiam da unicidade de Deus, nem de sua santidade, soberania, amor e graça. Nunca ouviram falar sobre Jesus, sua concepção sobrenatural, seus ensinos, seus milagres, sua morte e ressurreição, sua ascensão e volta. Eram, para todos os efeitos, povos não-alcançados pelas boas novas da salvação em Cristo Jesus.

Quase todos os indígenas moravam em tabas (ou aldeias), separadas umas das outras por uma distância nunca inferior a nove quilômetros, mas que poderia chegar a cinqüenta. Cada taba possuía de quatro a dez malocas (ou ocas), cercadas de varas e cobertas de palha ou folhas. A área ao redor tinha o nome de retama. Ali os índios encontravam sua subsistência, por meio da lavoura, caça e pesca — cerca de 400 quilos de comida por dia no caso de uma taba de 400 habitantes. Depois de quatro a cinco anos, eles se mudavam para um lugar mais distante, por causa da escassez dos gêneros alimentícios. Havia sempre muito espaço e recursos de sobrevivência. Em cada oca, moravam várias famílias: pai, mãe, filhos, genros e noras, mulheres solteiras, parentes idosos, amigos agregados, netos, bisnetos e até prisioneiros de guerra. Os contatos íntimos entre o homem e a mulher eram realizados fora da maloca, no mato ou na praia. Não tinham horários fixos para as refeições nem ajuntavam em celeiros comida para o dia seguinte.

O que mais chamou a atenção dos portugueses foi a nudez dos indígenas. Caminha se refere a isso umas cinco vezes em sua carta. E a *Relação do piloto anônimo*, outro documento escrito por um

participante da armada de Cabral, menciona duas vezes o mesmo fato. Ambos elogiam a beleza dos índios e das índias. Caminha chega a dizer que as moças eram mais bonitas que as portuguesas. A nudez foi interpretada como ausência de pecado e aquela terra, como "um Éden não violado", algo semelhante à idéia de Cristóvão Colombo de que havia atingido o paraíso bíblico ao descobrir a América, oito anos antes (1492).

5.

Inácio de Loyola envia os seis primeiros missionários

Filho da nobreza basca e consagrado pelos pais ao ministério cristão, Inácio de Loyola só se converteu em 1521, aos 30 anos, depois de ler a vida de Jesus e dos santos, e enquanto se convalescia de ferimentos sofridos numa batalha. Em seguida, passou onze meses em oração e jejuns. Em 1534, depois de estudar teologia na Universidade de Paris, onde estudava também o futuro reformador João Calvino, e de reunir ao seu redor alguns amigos, Loyola e outros seis fizeram votos de pobreza e castidade perpétuos. Três anos depois, aos 46 anos, ordenou-se sacerdote em Roma, onde fixou residência. Em 1540, o papa Paulo III oficializou a Companhia de Jesus, fundada por Loyola e seus companheiros. Loyola foi eleito o primeiro superior geral da ordem. Aos 52 anos, publicou os seus *Exercícios espirituais*, fruto de profundas experiências devocionais que teve em Manresa, na Catalunha, 27 anos antes. O ministério que realizou em Roma era muito original naquela época; assemelhava-se ao ministério de Jesus de buscar e salvar o que se havia perdido (Lc 19.10). Loyola abriu uma casa de recuperação para prostitutas, uma hospedaria para moças novas e instituições para

socorrer convertidos do judaísmo, nobres empobrecidos e meninos abandonados. Para Loyola, a oração e a atividade deviam reforçar-se mutuamente: "Devo orar como se tudo dependesse de Deus e trabalhar como se tudo dependesse de mim"[1]. Na verdade, principalmente nos últimos anos de vida, ele foi um místico e um burocrata ao mesmo tempo.

Embora Loyola ressaltasse mais a qualidade do que a quantidade, a Companhia de Jesus cresceu rapidamente. Quando morreu, em 1556, aos 65 anos, já havia cerca de mil jesuítas em vários países da Europa e missionários na África, Índia, China, Japão, Brasil e Paraguai.

Eram contemporâneos de Loyola e a ele subordinados os seis jesuítas que desembarcaram na Bahia no dia 29 de março de 1549, na companhia de mais de mil pessoas, entre soldados, funcionários, colonos, artesãos e cerca de 400 criminosos condenados a viver fora da terra natal. Com eles, veio o lisboeta Tomé de Sousa, de 49 anos, filho natural de um religioso, para ocupar o cargo de primeiro governador do Brasil. O chefe dos jesuítas era Manoel da Nóbrega, de 32 anos, membro da Companhia de Jesus desde 1544. Era 26 anos mais novo que Loyola e 15 anos mais novo que Francisco Xavier (1506-1552), um dos companheiros de Loyola e o mais notável missionário jesuíta, primeiro na Índia (1541) e, depois, no Japão, onde chegou no mesmo ano da chegada de Nóbrega ao Brasil.

Por quase um ano, Nóbrega e os outros cinco jovens missionários pioneiros moraram com os indígenas e, não, com os portugueses. Nóbrega demorou pouco tempo na Bahia. Depois de instalar o Colégio da Bahia, foi para a capitania de São Vicente e fundou, em 1554, a aldeia e o Colégio de São Paulo. Quando era provincial da Companhia de Jesus no Brasil (1553-1560), Nóbrega escreveu a primeira obra literária produzida no país: *Diálogo sobre a conversão do gentio* (1557). Morreu 13 anos depois, na cidade do Rio de Janeiro, aos 53 anos.

Muitos outros jesuítas vieram para o Brasil depois da primeira leva. Os mais notáveis são: José de Anchieta (1534-1597), Antônio Vieira (1608-1697) e Pedro Dias (1622-1700). Anchieta é "o apóstolo do Brasil", Vieira, o notável pregador, e Pedro Dias, "o São Pedro Cláver do Brasil".

Em 208 anos, desde a chegada dos primeiros jesuítas (1549) até a sua expulsão (1757), o número dos missionários da Companhia de Jesus cresceu de seis (todos estrangeiros) para 474 (pouco menos da metade deles já eram brasileiros).

Ao chegar ao Brasil, na segunda metade do século XVII, o missionário europeu encontrava muitos desafios pela frente:

Muito chão. A extensão territorial do novo campo missionário era enorme. Embora as fronteiras não estivessem demarcadas, alguns anos depois o Brasil seria pouco menor que a Europa toda, quatorze vezes maior que a Península Ibérica e cem vezes maior que o minúsculo Portugal.

Muitas migrações. As gentes para evangelizar provinham de três grandes migrações: da Ásia (os indígenas), da Europa (os portugueses e mais alguns europeus) e da África (os negros que começaram a chegar em 1538).

Muitas etnias. Havia uma diversidade enorme de etnias indígenas (mais de mil) e africanas (mais de 250), com características e culturas distintas, em alguns casos, bem diferentes. Havia indígenas pacíficos e indígenas guerreiros, indígenas que comiam carne humana em rituais de guerra e indígenas não antropófagos, indígenas que viviam praticamente nus e indígenas que cobriam-se de peles. Havia negros da costa atlântica e da costa índica, de toda a África subsaariana.

Muita distância. Os indígenas se encontravam totalmente dispersos, ocupando o litoral de norte a sul e o interior do país, de leste a oeste. Eram tão numerosos quanto a população de Portugal.

Muitas línguas. A comunicação era um problema quase intransponível por causa da diversidade de línguas. Até hoje há equipes de missionários lingüistas gastando em média 25 anos para traduzir o Novo Testamento para línguas indígenas. E ainda falta bem mais da metade de traduções a fazer. Quanto aos negros, o problema era menor porque, como escravos, eram obrigados a aprender a língua dos portugueses.

Muita tentação. A dificuldade natural de conviver com respeito e castidade com a nudez das índias era uma situação absolutamente nova para os europeus. José de Anchieta explica: "Elas andam nuas e não sabem negar-se a ninguém, mas elas mesmas assediam e importunam os homens, metendo-se com eles nas redes, pois consideram uma honra dormir com os cristãos"[2]. A este respeito, o padre Quirício Caxa, o primeiro biógrafo de José de Anchieta, diz que os tamóios ficavam pasmados "de ver um mancebo [o próprio Anchieta] rodeado de todo fogo babilônico e estar nele sem lhe chamuscar um cabelo"[3]. Para se livrar "desses ardentíssimos perigos

e propinquíssimas ocasiões, [Anchieta] usava de muita oração e comunicação com Deus", completa Caxa[4]. Segundo o cronista italiano Francisco Antonio Pigafetta, quando o navio *Trinidad*, no qual se encontrava, entrou na Baía de Guanabara, em 1519, vários nativos se aproximaram de canoa ou a nado dos navios e as mulheres que subiram a bordo "estavam nuas, eram muito jovens e se ofereciam aos marujos em troca de facas alemãs da pior qualidade"[5].

Muitos perigos. Em 1556, o navio em que viajava Pero Fernandes Sardinha, o primeiro bispo do Brasil, que também fora colega de Calvino na Universidade de Paris[6], naufragou no litoral de Alagoas. Os náufragos foram mortos pelos caetés. Entre 1570 e 1571, quatorze anos depois, o desastre foi muito pior: piratas franceses atacaram dois navios nas proximidades das Canárias, mataram alguns passageiros e jogaram os outros ao mar. Entre os mortos estavam 43 jesuítas a caminho do Brasil.[7] Dizia-se na época: "Se queres aprender a orar, faze-te ao mar".[8]

Muito desconforto. Embora ensolarado e exuberante, o campo missionário não oferecia nenhum conforto, por causa do calor, das doenças tropicais, dos animais selvagens e dos insetos. Certo jesuíta contou 45 grilos e 450 pulgas entre a grandíssima multidão de insetos que perturbavam a missa, o sono, a mesa e tudo o mais.

Muito pecado. Os brancos que haviam fixado residência e os que passavam certo período de tempo aqui eram, com raras exceções, pessoas de baixo padrão moral. Bom número eram degredados, desterrados e desertores. Outros eram náufragos e colonos, ávidos de enriquecimento rápido. Os jesuítas diziam que eles se portavam "de acordo com a lei natural"[9], cercados de mulheres e escravos. Eduardo Bueno assevera que eles "viviam para além dos limites, para além da lei e para aquém da ética"[10]. O degredado Bacharel de Cananéia tinha seis mulheres, 200 escravos e um exército de mil indígenas e era o maior traficante de escravos da época. Manoel da Nóbrega chamava o misterioso João Ramalho de *petra scandali* para a missão.[11] Eram todos batizados na igreja e "cristãos". Além do baixo padrão moral, esses portugueses, ao contrário dos colonizadores da Nova Inglaterra, vieram para o Brasil sem suas esposas, o que explica em grande parte o concubinato de quase todos. Gilberto Freyre escreveu que o colonizador português chegou ao Brasil "hiperexcitado" e aqui encontrou o ambiente propício para liberar sua sexualidade. Segundo Freyre, seria o português, mestiço

de europeu com mouro, o grande responsável pela forte sexualização da cultura brasileira, mais que o negro ou o índio. Havia também a influência do culto afro-brasileiro, cujos deuses são louvados por suas proezas sexuais. Xangô, por exemplo, tinha 400 mulheres e Oxum é uma espécie de deusa do desejo.[12]

Muita injustiça. O sentimento de superioridade étnica do europeu aliado ao seu poder econômico e militar causou inomináveis barbáries, especialmente no Brasil colônia. Índios eram perseguidos, escravizados e exterminados. Depois de um pequeno período de recuperação física e de engorda, os negros recém-chegados da África eram separados de seus familiares e misturados entre si para dificultar a comunicação entre eles e evitar uma possível rebelião. Eles recebiam os famosos três pês: pão (comida), pano (roupa) e pau (castigo físico). Por qualquer transgressão eram açoitados, acorrentados e torturados. A escravidão no Brasil durou exatamente 350 anos (de 1538 a 1888).

Muitas desvantagens. Os primeiros brasileiros eram todos mamelucos, filhos de pai branco e mãe índia. E, como as crianças eram criadas pela mãe, meninos e meninas de sangue mestiço eram educados na cultura e crenças nativas, não na fé cristã.

Para enfrentar tão grande e diversificado desafio da Janela Brasileira[13], seria de bom alvitre o envio de missionários escolhidos. Era isso que Anchieta solicitava aos seus superiores na Europa. Numa de suas cartas, o "apóstolo do Brasil" escreve: "Mais vale um bom na casa de Deus que muitos que lancem a perder a si e aos outros"[14].

Todavia, nem todos os missionários e clérigos que vieram para o campo missionário brasileiro eram de "provada virtude". Alguns deles queimaram seus cabelos no forno babilônico, como escreve Euclides da Cunha: "A mancebia com as caboclas descambou logo em franca devassidão, de que nem o clero se isentava"[15].

De qualquer modo, os missionários dos três primeiros séculos conseguiram conquistar a Janela Brasileira e transplantaram para aqui a cultura cristã. Com raríssimas exceções, todos os brasileiros são cristãos, muito embora a maioria esmagadora seja formada de cristãos nominais, sem vida religiosa, sem doutrina e sem salvação, como todos reconhecem.

Notas

[1] In: CÉSAR, Elben M. Lenz. *Práticas devocionais*. 4. ed. Viçosa: Ultimato, 1996. p. 22.

[2] In: BUENO, Eduardo. *Náufragos, traficantes e degredados*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. p. 177.

[3] CAXA, Quirício, RODRIGUES, Pero. *Primeiras biografias de José de Anchieta*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 20.

[4] Id., ibid.

[5] In: BUENO, Eduardo. *Náufragos, traficantes e degredados*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. p. 13.

[6] PRIORE, Mary Del. *Religião e religiosidade no Brasil colonial*. São Paulo: Ática. p. 10.

[7] Id., ibid. p. 11.

[8] BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. p. 10.

[9] In: ____. *Náufragos, traficantes e degredados*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. p. 195.

[10] BUENO, Eduardo. *Náufragos, traficantes e degredados*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. p. 10.

[11] ____. *A viagem do descobrimento*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. pp. 178-179.

[12] MASSON, Celso, FERNANDES, Manuel. A sexo-música. *Veja*, p. 84, 12 fev. 1997.

[13] Ver capítulo anterior, p. 28.

[14] ANCHIETA, Joseph de. *Cartas*; correspondência ativa e passiva. São Paulo: Loyola, 1984. p. 332.

[15] In: HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989. p. 48.

6.

Calvinistas celebram na Baía de Guanabara o primeiro culto protestante

Pouco mais de meio século depois da descoberta do Brasil, 38 anos depois da proclamação da Reforma Protestante e apenas 6 anos depois da chegada dos jesuítas à Bahia, aportou no Brasil uma caravana ecumênica procedente da França. Eram nobres, artesãos, soldados, criminosos e agricultores, alguns católicos e outros protestantes, sob o comando do navegador e aventureiro Nicolau Durant de Villegaignon, de 45 anos, ora católico ora protestante. Os três navios e os 600 tripulantes e passageiros haviam saído de Hâvre-de-Grâce no dia 22 de julho de 1555 e chegaram à Baía de Guanabara menos de quatro meses depois, em 10 de novembro.

Os franceses queriam construir aqui a França Antártica, por razões econômicas e religiosas. Em nenhum canto da França, então com 15 milhões de habitantes, havia segurança para os protestantes, lá chamados de huguenotes. Um deles, o almirante Gaspar de Coligny, de 36 anos, era muito influente e deu total apoio à empreitada de Villegaignon. Conseguiu o patrocínio da expedição com o rei Henrique II, também de 36 anos.

Sob o ponto de vista religioso, a França Antártica seria uma experiência inédita, já que católicos e protestantes participariam juntos de uma aventura caracterizada pela liberdade de culto, o que não estava sendo possível na metrópole. Para os portugueses, o empreendimento de Villegaignon nada mais era do que uma invasão de seu território por uma potência estrangeira.

No dia 7 de março de 1557, um ano e três meses depois da primeira expedição, chegou a segunda leva de franceses: cerca de 300 colonos, católicos e sem religião em sua maioria. Com eles vieram quatorze huguenotes (nome que se dá aos reformados de língua francesa) de Genebra, enviados por João Calvino, a pedido do próprio Villegaignon. Entre estes estavam o doutor em teologia Pierre Richier, de 50 anos, o pastor Guillaume Chartier, o historiador Jean de Léry e dez artesãos. No dia 10 realizou-se o primeiro culto reformado debaixo da linha do Equador. Richier pregou em francês sobre o verso 4 do Salmo 27: *"Je demande à l'Eternel et une chose, que je désire ardemment: je voudrais habiter toute ma vie dans la maison de l'Eternel, pour contempler la magnificence de l'Eternel et pour admirer son temple"*. A cerimônia foi realizada no Forte Coligny, na ilha de Serijipe, hoje Villegaignon. Onze dias depois, 21 de março, foi organizada a primeira igreja evangélica do Brasil e da América do Sul. Entre os que participaram da Santa Ceia à maneira calvinista estava Villegaignon. Isto quer dizer que entre a primeira missa católica e a primeira celebração eucarística reformada houve um espaço de apenas 57 anos.

O namoro do vice-almirante com os huguenotes durou muito pouco tempo. Em outubro de 1557, sete meses depois de ter tomado a Ceia do Senhor em duas espécies (pão e vinho), Villegaignon os expulsou da ilha para um local chamado La Briqueterie, hoje Olaria, no continente. Menos de três meses depois, em janeiro de 1558, Richier e outros genebrinos foram obrigados a voltar para a Europa e lá contaram o que havia acontecido e chamaram Villegaignon de "o Caim da América". Nesse mesmo ano, no dia 9 de fevereiro, o homem forte da França Antártica mandou estrangular e lançar ao mar os quatro signatários de uma confissão de fé reformada: Jean de Bourdel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon e André la Fon. Eles faziam parte da delegação de Genebra e eram leigos. Por ser o único alfaiate dos franceses e por ter voltado atrás, André la Fon, na última hora, foi poupado. Os outros três tornaram-se os primeiros mártires

evangélicos do continente. Para não serem mortos, outros huguenotes fugiram para o interior, inclusive Jacques de Balleur, que foi parar em São Vicente, onde foi preso e levado para a Bahia. Em 1567, foi enforcado no Rio de Janeiro por ordem de Mem de Sá e com a assistência de José de Anchieta, de 33 anos.[1]

A Confissão de Fé solicitada por Villegaignon, escrita por Jean de Bourdel e assinada por ele e pelos outros três, ficou conhecida como *Confissão Fluminense*. É tida como a primeira confissão do gênero da América. Consta de dezessete artigos, quatro deles sobre o "Santo Sacramento da Ceia". No artigo XVI, eles declaram: "Cremos que Jesus Cristo é o nosso único Mediador, Intercessor e Advogado, pelo qual temos acesso ao Pai, e que, justificados no seu sangue, seremos livres da morte, e por Ele já reconciliados teremos plena vitória sobre a morte".[2]

Sob todos os pontos de vista, a França Antártica ou a invasão francesa foi um fracasso. A aventura de Villegaignon durou menos de 11 anos: no dia 20 de janeiro de 1567, os franceses foram expulsos do Rio de Janeiro por Mem de Sá. Villegaignon morreu em 1575, aos 65 anos, três anos depois de Coligny, que foi uma das vítimas da matança de São Bartolomeu, na França, em 24 de agosto de 1572. Tanto Coligny como Catarina de Médicis, seu maior desafeto e mentora da chacina que acabou com os huguenotes, tinham então 53 anos.

O historiador Jean de Léry, que veio da parte de Calvino para a falida França Antártica, publicou, em 1578, o livro *Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América*. Esta obra foi imediatamente traduzida para o latim, holandês e alemão, e até hoje é muito consultada.

Notas

[1] A história do martírio de Le Balleur foi escrita por Álvaro Reis em 1917, sob o título *O Martyr Le Balleur*.

[2] A Confissão Fluminense aparece por inteiro na página 65 de *A tragédia de Guanabara*, escrita em francês por Jean Crespin (1554) e traduzida para o português por Domingo Martins (1917), e na página 166 de *The Martyres of Guanabara*, de Jonh Gillies (1976).

7.

A escravatura aumenta o número de não-alcançados

Em 1538, onze anos antes da chegada dos primeiros jesuítas, o Brasil já era um dos maiores e mais difíceis campos missionários do mundo. Isso porque, além das várias centenas de etnias indígenas encontradas no país, naquele ano começaram a chegar levas e mais levas de africanos na qualidade de escravos. Em 1585, de acordo com José de Anchieta, já havia 14 mil negros no território brasileiro contra 24.750 brancos.[1] O número de brancos empatou com o número de negros quinze anos depois, no alvorecer do século XVII, com 30 mil habitantes para cada grupo, nos cálculos de Rocha Pombo.[2] No final daquele século, o número de negros e mulatos escravos (1,5 milhão) era bem maior que o número de brancos (1 milhão). Em três séculos e meio de escravatura, de 1538 a 1888, quando foi decretada a Lei Áurea, 8 milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil, segundo Pedro Calmon e Eduardo Fonseca Júnior.[3]

Os africanos que aqui aportaram não vieram de um único país, não vieram apenas da costa atlântica. Muitos procediam de Moçambique e outros pontos situados no outro lado da África,

banhado pelo oceano Índico, inclusive da ilha de Madagascar. Na verdade, eles vieram de quase todos os recantos da África, de várias nações, tribos e etnias. Calcula-se em cerca de 250 as etnias às quais pertenciam os escravos importados do continente africano, tais como os ambundos, angolas, balantos, bambas, bantos, bengas, benguelas, benins, cabindas, cacimbas, cacondas, cacumbas, congos, dêmbos, egbás, felanis, ganguelas, heroros, iorubas, jingas, mandingas, nagoas, nagôs, orangas, pepêis, quibandos, quimbundos, quiçamas, senegâmbios, tongas, zulus etc. Eles falavam um número enorme de outras línguas e dialetos.[4]

O sofrimento do negro começava em seu próprio continente. Ele vinha para o Brasil porque seus ancestrais "estavam do lado mais fraco de uma luta fratricida contra outros negros circunstancialmente mais fortes", como explica Luiz Almeida. Então, aprisionado e trazido para os portos de embarque, era comprado pelos traficantes e embarcado para o Brasil. Cada navio trazia em média de 500 a 700 negros, entre homens, mulheres e crianças. Eles eram acumulados nos porões das embarcações, que serviam a um só tempo de morada, cama e latrina. Muitos morriam durante a viagem por falta de ventilação, higiene e alimentação necessária. Calcula-se que no século XVI a taxa média de perda pode ter chegado a 25%. Diz-se que 400 mil negros saíram da África e nunca chegaram ao Brasil. Alguns tumbeiros (navios negreiros) tinham mais da metade da carga de escravos lançada ao mar. Os navios que partiam de Angola gastavam em média de 35 a 50 dias para aportar no Brasil. De lugares mais distantes e em condições climáticas desfavoráveis, a travessia podia durar de 5 a 6 meses.

Uma vez aqui, os escravos eram automaticamente batizados e recebiam nomes portugueses, acompanhados do nome da nação de origem: Antonio Angola, Gertrudes Benguela, João Mina, José Cobu, Manuel Congo, Maria Crioula, Maria Moçambique etc. Depois de um pequeno período de recuperação física e de engorda, eram separados de seus familiares e misturados entre si, para dificultar a comunicação entre eles e evitar uma possível rebelião. Só então eram postos à venda. O comprador tinha o direito de apalpar o negro, tomar-lhe o pulso, examinar a língua e os olhos e avaliar sua constituição muscular. O preço variava de acordo com a robustez, a idade e o sexo. O homem valia mais que a mulher e os menores de 30 anos valiam mais que os acima de 55. O valor do escravo oscilava

também de acordo com as necessidades do mercado. É possível que nunca tenha valido menos de 100 réis nem mais de 1.500. Um cavalo valia vinte bons escravos.

Uma vez comprado, o escravo era propriedade de seu senhor. Poderia ser doado, alugado, vendido, leiloado, hipotecado e trocado. Em algumas fazendas, os escravos mais robustos engravidavam as escravas mais férteis, a mando de seus senhores, para multiplicar seletivamente o número de trabalhadores braçais e o capital de seus donos.[5] Outra vantagem era a quantidade de leite humano para amamentar as crianças brancas da fazenda e vender a sobra para outras mães. Os negros recebiam os famosos três pês: *pão* (comida para o corpo e para a alma), *pano* (vestuário para cobrir as partes mais íntimas) e *pau* (castigo físico). Dormiam sobre esteiras em miseráveis e apertadas senzalas não muito distantes da casa grande, onde moravam os seus senhores. À noite, as senzalas eram fechadas para evitar desordem e fuga. Comiam três vezes ao dia: almoço (às 8 horas), jantar (às 13) e ceia (entre 20 e 21 horas). Trabalhavam o dia inteiro, na casa grande, na fazenda ou na vila. Faziam de tudo. Por qualquer transgressão eram açoitados, acorrentados e torturados. Chama-se bacalhau o chicote de couro com cinco ou sete pontas com o qual se punia os negros. Para proteger e preservar a castidade das futuras esposas brancas, as escravas eram usadas para satisfazer os desejos sexuais de seus senhores. A relação homossexual também era possível. Depois de recapturado, o escravo fugitivo era marcado a ferro com a letra "F", de fujão. A vida útil do escravo estendia-se por quinze anos.

Para pôr fim ao seu sofrimento, não poucos escravos praticavam o suicídio, tanto nos navios negreiros como já em terra. Muitos sofriam de banzo, uma espécie de nostalgia provocada pela lembrança e saudade da África, que os deixava tristonhos, abatidos e apáticos. Essa estranha doença levava-os a um tipo de loucura e à morte. Nas palavras de Vieira, os escravos "tinham o corpo na América e a alma na África"[6].

O número de escravos e o número de missionários católicos cresceram na mesma época. Mas a igreja não enxergou plenamente o sofrimento dos negros nem levantou satisfatoriamente a voz contra essa loucura econômica, social e religiosa, não muito diferente do genocídio praticado contra os judeus 400 anos depois, na época do nazismo alemão. Por causa disso, a escravidão só acabou por completo

em 1888. Além de ter sido o último país a extinguir o comércio e a utilização de mão-de-obra escrava, o Brasil foi a nação que importou maior número de escravos — perto de 40% do total de 9 milhões e meio de negros transportados da África para o continente americano.[7]

Notas

[1] SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. *Dicionário da escravidão*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1997. p. 142.

[2] Id., ibid. p. 142.

[3] Id., ibid. p. 142 e 146.

[4] Eduardo Fonseca fala em 280 etnias (In: SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. *Dicionário da escravidão*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1997. p. 147).

[5] SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. *Dicionário da escravidão*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1997. p. 290.

[6] In: ____. ____.

[7] SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. *Dicionário da escravidão*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1997. p. 144.

8.

O "apóstolo do Brasil" não menciona a ressurreição de Jesus em seu catecismo bilíngüe

José de Anchieta é de fato um dos maiores nomes da evangelização do Brasil. Nascido na ilha de Tenerife, a maior das Canárias, Anchieta veio para cá como noviço em 1553, aos 19 anos, depois de ter iniciado seus estudos na Universidade de Coimbra. Só se ordenou padre treze anos depois, em 1566, aos 32. Tem sido denominado de "o apóstolo do Brasil", "o Xavier da América" e "o taumaturgo do Novo Mundo". Quando estudante em Portugal, era chamado de "o canário de Coimbra". Os indígenas deram-lhe o nome de *Paye-guassu*, isto é, "o grande pajé".

Meio parente de Inácio de Loyola, o fundador da ordem dos jesuítas, Anchieta tinha 12 anos quando Lutero morreu e 30 quando aconteceu o mesmo a Calvino. Além de uma quantidade enorme de cartas, poemas, dramas e sermões, o jesuíta escreveu a *Gramática da língua mais usada na costa do Brasil* e o catecismo bilíngüe (tupi e português) intitulado *Diálogo da fé*, este por volta de 1560, sete anos depois de chegar ao Brasil.

Escrito para doutrinar os colonos portugueses e os indígenas, principalmente as crianças, o *Diálogo da fé* tem 616 perguntas e respostas. Não obedece ao esquema do velho catecismo *Disputatio Puerorum*, do século XI, no qual o discípulo é quem faz as perguntas e o mestre é quem oferece as respostas. Ao contrário e como é mais comum, Anchieta coloca a pergunta na boca do mestre e a resposta na boca do discípulo. Em sua *Bibliotéque de la Compagnie de Jésus*, Charles Sommervogel cita alguém que diz que o catecismo de Anchieta é o que havia de melhor no gênero catequético.

Percebe-se com facilidade que o autor tinha em mente mais o natural da terra do que os portugueses. O catecismo aborda costumes puramente indígenas como "comer gente" (antropofagia), "comer terra ou outra coisa para morrer" (suicídio) e fazer-se feiticeiro "para matar gente ou para benzer".

Das 616 perguntas, 168 (mais de 25%) invocam os acontecimentos da sexta-feira santa, desde a saída de Jesus do cenáculo até o sepultamento. Nas sete primeiras, Anchieta deixa claro que Jesus morreu por sua própria vontade para tornar possível o perdão de Deus. Depois fala sobre a agonia do Getsêmani e dos encontros de Jesus com Anás, Caifás, Pilatos e Herodes. Conta a traição e o suicídio de Judas e a tríplice negação de Pedro. Descreve a caminhada de Jesus até o Lugar da Caveira e sua crucificação, não se esquecendo da conversão de um dos ladrões e dos fenômenos ocorridos ali. Não menciona o rompimento do véu do templo. Qualquer cristão reformado poderia pôr a sua assinatura embaixo dessas 168 perguntas e respostas, excetuando-se numa única resposta, a qual diz que Maria cobriu a nudez de Jesus com o seu véu, simplesmente porque esse detalhe não se acha em nenhum dos quatro Evangelhos ou em outra parte da Bíblia.[1]

Todavia, causa uma desagradabilíssima surpresa a omissão de Anchieta quanto à ressurreição de Jesus. Nada há sobre o túmulo vazio, sobre as diferentes aparições de Jesus pelo espaço de 40 dias, depois de ressuscitado, nem sobre sua ascensão. No *Diálogo da fé*, a história de Jesus termina no túmulo de José de Arimatéia, embora na última resposta se diga que "o Senhor Jesus se preparava para viver de novo"[2]. É claro que Anchieta cria na ressurreição gloriosa de Jesus, mas, de fato, não a mencionou em parte alguma de seu catecismo. Crianças e adultos, nativos, negros e europeus que estudavam e decoravam o seu catecismo, anos a fio, ficaram sem

essa informação clara e precisa, que é uma das mais importantes e emocionantes colunas do cristianismo: "Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé" (1 Co 15.14).

Talvez essa omissão, muito provavelmente involuntária, explique em parte a preferência que o brasileiro, de modo geral, tem pela morte de Jesus em detrimento de sua ressurreição. Sempre há mais comemoração na sexta-feira da paixão do que no domingo da ressurreição. Esse desequilíbrio entre a morte e a ressurreição de Jesus tornou lúgubre a Semana Santa a tal ponto, que, na entrada de uma pequena cidade mineira, há coisa de 30 anos, havia duas faixas com os seguintes dizeres: "Silêncio. Estamos de luto. Jesus morreu."

Sobre o decálogo, o *Diálogo da fé* apresenta 99 perguntas. Uma delas é: "Quantos são os mandamentos?" Obviamente, a resposta do discípulo é "são dez". Não obstante, Anchieta se ocupa de oito mandamentos e não cita nem o segundo nem o décimo. Talvez tenha unido o segundo ao primeiro e o décimo ao sétimo. Ele afirma que vão para o céu aqueles que guardam os mandamentos e para o inferno, aqueles que não os guardam. Beber vinho não é pecado, exceto "se o beber muito demasiadamente". Quebra o mandamento quem não paga o dízimo.

A respeito do mandamento de honrar pai e mãe, os cristãos devem obedecer a seu pai e a sua mãe, aos tios, aos irmãos mais velhos, aos anciãos, ao maioral, ao que governa a aldeia e ao sacerdote. A mulher deve obedecer a seu marido e os escravos, a seu senhor. Se o pai ou a mãe manda os filhos fazerem alguma coisa má, eles ficam desobrigados da obediência.

"A [mãe] que mata a seu filho na barriga ou [o] faz mover antes do tempo", "quem dá peçonha a outrem para que morra", "o que come terra ou outra coisa para morrer" ou "o que se vinga de seus inimigos", todos quebram o mandamento "Não matarás". Mas "os que matam gente na guerra" não o quebram.

Comete adultério não só o que está amancebado e o que tem cópula com mulher, mas também "o que tem tatos, abraços e beijos desonestos" e "quem se enfeita para que o desejem". Em uma das respostas sobre o "Não adulterarás", Anchieta parece fazer referência ao homossexualismo: "[Peca] o que se deleita considerando em mulher e diz: 'Assim seja eu o tal'". O alcoviteiro também é culpado de quebrar o mandamento.

"O que descobre os pecados ocultos dos outros ao que não os sabe" quebra o mandamento que reza: "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo".[3]

Os indígenas que praticavam a poligamia simultânea ou sucessiva e os portugueses que possuíam concubinas encontraram no *Diálogo da fé* que o homem só pode ter uma mulher e a mulher só pode ter um homem e que o casamento é indissolúvel. Nos artigos sobre o casamento, Anchieta declara que a mulher não é escrava do homem, mas sua própria carne, e que é possível pecar algumas vezes os casados entre si e para saber, nesse caso, em que pecam, devem consultar o sacerdote no momento da confissão. Casam-se para ter filhos, "para não andarem amancebados e para viverem só com uma mulher". Anchieta endossa o ensino de Paulo segundo o qual os cônjuges não devem se privar mutuamente (1 Co 7. 3-5): "Amando-se muito [os casados] não se furtem certamente um ao outro". O homem não pode tornar a casar "antes da morte da sua consorte".

Anchieta toma muito cuidado para o fiel não colocar a culpa de seu pecado no demônio. Chama de tentação "ao que o demônio quer que façamos e aos deleites que a carne apetece", mas não é o demônio que nos faz cair em pecado: "Esse somente nos persuade, nós mesmos nos deixamos cair, por não nos querermos fazer fortes". Em outras palavras: "O laço arma-se somente e o pássaro é que vai comer nele".

O *Diálogo da fé* explica aos indígenas, com êxito, coisas difíceis de entender, como a Trindade e as duas naturezas de Jesus. Deus é um só, mas não é uma pessoa só. Enquanto Deus, Jesus não tem mãe, nem corpo nem princípio. Enquanto homem, Jesus é "filho de Santa Maria, virgem e mulher santíssima".

Anchieta sabia espanhol porque nasceu nas Canárias, sabia português porque estudou em Coimbra, sabia latim por causa da igreja e sabia tupi porque tornou-se missionário no Brasil. Ele foi intérprete de Manuel da Nóbrega e de outros jesuítas e escreveu a famosa *Gramática tupi*. Tudo isso o ajudou a produzir o catecismo bilíngüe. Como traduzir para o tupi as palavras anjo, demônio e limbo, por exemplo? Anchieta escreveu *karaíbebí* (santidade voadora) para anjo, *añánga* (espírito do mal) para demônio e *putunusú* (noite grande) para limbo.[4]

Sob o ponto de vista reformado, o *Diálogo da fé* tem, obviamente, doutrinas que jamais fariam parte de um catecismo cristão, como a

intercessão de Maria e dos santos, a transubstanciação, o celibato obrigatório, o uso de imagens, as indulgências, o limbo e o purgatório. No resto, foi um esforço muito válido. Ainda mais na lamentável ausência de pregadores evangélicos, que só vieram para o Brasil em caráter missionário e definitivo 300 anos depois da chegada de Anchieta, em 13 de julho de 1553.

José de Anchieta morreu no dia 9 de junho de 1597, aos 63 anos, numa pequena colina na cidade hoje denominada Anchieta, no Espírito Santo. Seu corpo foi carregado até Vitória, por seus fiéis, quase todos indígenas. O mesmo aconteceu 176 anos depois com o missionário e explorador britânico David Livingstone, que morreu em 1873. Depois de arrancar e sepultar seu coração debaixo de uma árvore em Chitambo, no interior da África, os nativos secaram o seu corpo até ser mumificado e, então, levaram-no à costa numa viagem de 160 quilômetros, de onde seguiu para ser colocado na Abadia de Westminster.

Notas

[1] As perguntas sobre a Paixão estão nas páginas 164-193 do *Diálogo da fé*, edição de 1988.

[2] ANCHIETA, Padre José. *Diálogo da fé*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 193.

[3] As perguntas sobre o Decálogo estão nas páginas 196-218.

[4] ANCHIETA, Padre José. *Diálogo da fé*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 44.

9.

Holandeses transplantam para o Nordeste brasileiro a Igreja Cristã Reformada

No dia 20 de setembro de 1634 um brasileirinho foi batizado em uma igreja protestante de Recife. Ao redor da pia batismal encontravam-se o oficiante, os pais da criança, o alto conselheiro Servatius Carpentier, os coronéis Sigismundo von Schoppe e Chrestofle Arciszewski, o almirante Jan Cornelisz Lichthart e uma senhora da alta sociedade. Estes últimos eram as testemunhas do batismo. Parecia um encontro internacional, pois entre eles havia holandeses, alemães, poloneses, portugueses e brasileiros. A criança chamava-se Domingos Fernandes Filho e os pais, Bárbara Cardosa e Domingos Fernandes Calabar. Esse Calabar era membro da Igreja Cristã Reformada, muito estimado pelos estrangeiros na orla litorânea que ia de Pernambuco ao Rio Grande do Norte e muito odiado pelos luso-brasileiros que viviam mais no interior. Tão odiado que, em julho de 1635, dez meses depois do batismo do filho, Calabar foi apanhado, estrangulado e esquartejado pelas forças de Matias de Albuquerque. Afinal, ele havia passado para o lado dos invasores

em 1632, aproximadamente aos 35 anos, dois anos depois da ocupação de Pernambuco pelos holandeses.

Como explicar essa estranha presença protestante no Nordeste brasileiro 130 anos depois da descoberta do Brasil e 63 anos depois da expulsão dos franceses do Rio de Janeiro? Ora, a emigração de protestantes suíços e alemães para o Brasil só começaria em 1817, 187 anos depois, e a chegada dos primeiros missionários protestantes só aconteceria em 1855, 225 anos depois.

Embora tenha desenvolvido um trabalho missionário principalmente entre os indígenas, a Igreja Reformada Holandesa se estabeleceu no Nordeste brasileiro não como resultado do anúncio do evangelho. Ela foi simplesmente transplantada para cá por ocasião da ocupação holandesa, em 1630, e desapareceu em seguida à expulsão dos invasores, em 1654. Durou menos de um quarto de século.

Fundada em junho de 1621, a Companhia das Índias Ocidentais, a famosa WIC (West Indisch Compagniie), era a irmã mais nova da Companhia das Índias Orientais, nascida 19 anos antes. Um dos seus mentores, o flamengo Willen Usselinx, defendia a formação de colônias agropecuárias de evangélicos no Novo Mundo, desde a Terra Nova, no extremo norte, até o Estreito de Magalhães, no extremo sul, a exemplo da sonhada Nova Genebra de João Calvino. Os holandeses já haviam fundado a Nova Amsterdam em 1614 e os peregrinos ingleses do *Mayflower*, a Nova Inglaterra em 1620, ambas ao norte de onde ficam hoje os Estados Unidos. Por que não fundar também a Nova Holanda aqui no Nordeste? Não seria necessariamente uma invasão, argumentava-se. O nome mais ameno poderia ser a colonização de uma "terra de ninguém", embora essa terra, para todos os efeitos, fosse de Portugal, inclusive de acordo com o Tratado de Tordesilhas (1494).

A Companhia das Índias Ocidentais não era uma companhia religiosa e missionária, como a Companhia de Jesus, fundada em 1534, embora esta tivesse também interesses políticos, ao ponto de ser, mais tarde, banida do Brasil e de outros países. Era uma companhia secular, com o propósito de enriquecer os seus sócios. Mas, à semelhança dos navegadores e colonizadores dos países católicos (Espanha e Portugal), havia também propósitos acentuadamente religiosos e missionários. Um de seus grandes incentivadores era o pastor Godefridus Udemans, conhecido como

o grande "apóstolo das companhias", autor do livro *Leme espiritual do navio mercante*, que enfatizava o ofício divino do comerciante e do navegante mercador. Além do mais, era preciso fazer guerra à Espanha, que, desde 1580, dominava Portugal. Estes três grandes interesses — político, econômico e religioso — estavam tão misturados entre si como o trigo e o joio. A navegação holandesa era um instrumento eficaz na guerra contra a Espanha e na divulgação do cristianismo. Por esta razão, além de pregar o evangelho aos domingos em Amsterdam, o pastor Petrus Plancius ensinava a arte da navegação aos marinheiros durante a semana.

A ocupação do Nordeste brasileiro fazia parte de uma guerra contra a Espanha, uma guerra chamada então de guerra religiosa, guerra justa e guerra mundial. Mundial porque era contra o poderoso Filipe IV, "o rei do planeta" e porque envolvia tropas holandesas, francesas, inglesas, alemãs, polonesas e outras. A guerra entre Holanda e Portugal terminou, como diz o historiador e pastor reformado Frans Leonard Schalkwijk, "com uma vitória holandesa na Ásia, um empate na África e uma vitória portuguesa no Brasil"[1]. A Companhia das Índias Ocidentais faliu em 1674, exatos 20 anos depois da perda do Nordeste.

O período áureo do Brasil holandês, tanto para os holandeses como para os luso-brasileiros, durou oito anos e está compreendido entre janeiro de 1637 e maio de 1644. Coincide com o governo do Conde João Maurício de Nassau-Siegen, membro e freqüentador assíduo da Igreja Reformada. Quando Nassau se retirou, até os portugueses pediram a sua permanência. Estes o chamavam de seu "Santo Antônio"; os índios, de "irmão" e diziam-se prontos a viver e morrer com ele; os judeus lhe ofereceram 3 mil florins por ano para que ele permanecesse no Brasil. Nassau tinha então 40 anos. Se ele tivesse ficado, talvez o Nordeste brasileiro viesse a falar holandês e a maioria da população se tornasse cristã reformada. Até o jesuíta padre Antonio Vieira era a favor do parecer que entregava Pernambuco aos holandeses.

Em junho de 1645, um ano depois da retirada de Nassau, mais de 200 soldados holandeses e índios potiguares mataram o padre André de Soveral e outros setenta fiéis durante a missa dominical realizada na Capela Nossa Senhora das Candeias, município de Canguaretama, no Rio Grande do Norte. Três meses depois ocorreu outro martírio, desta vez a dezoito quilômetros de Natal, envolvendo,

entre outros, o lavrador Mateus Moreira. Algumas dessas vítimas foram beatificadas pelo papa João Paulo II mais de 350 anos depois, em março do ano 2000. Os trinta novos santos católicos não são as primeiras pessoas a morrerem por sua fé em solo brasileiro: os três primeiros eram calvinistas e foram mortos por Villegaignon 87 anos antes, em fevereiro de 1558.

Na época de Nassau, o Nordeste tinha 90 mil habitantes: 30 mil luso-brasileiros, 30 mil escravos, 16 mil índios, 12 mil holandeses e outros europeus, e 1.500 judeus. Além das etnias indígenas e africanas, havia pelo menos onze nacionalidades européias. Por terem se refugiado de Portugal para a Holanda, os judeus tinham a facilidade de falar tanto o português como o holandês. Havia poucas moças holandesas, o que provocou muitos casamentos mistos quanto à raça e quanto à religião. Holandeses se casaram com luso-brasileiras, com índias e, em pouquíssimos casos, com negras. Uns poucos cristãos reformados, casados com portuguesas católicas, acabaram apostatando da fé reformada, isto é, deixaram de ser católicos apostólicos para serem católicos apostólicos romanos, como se dizia na época.

No Brasil holandês, dava-se muita importância à fé e à conduta dos fiéis. Era o reflexo da Reforma Protestante de 100 anos atrás e de um movimento mais recente conhecido como puritanismo holandês. A Bíblia era a *norma credenti et agendi*, isto é, norma de fé e comportamento. Era preciso tratar os escravos com mais humanidade, era preciso cuidar das viúvas e dos órfãos, era preciso proteger o meio ambiente, era preciso observar o domingo, era preciso conhecer de perto os dez mandamentos da lei de Deus, era preciso consolar os doentes, era preciso dar alguma liberdade de culto aos não-protestantes, era preciso controlar a taxa de juros, era preciso ter momentos de lazer (pois "trabalhar demais era roubar a si mesmo"[2]), era preciso aproximar-se da Mesa do Senhor prévia e devidamente preparado etc.

Para pastorear o rebanho e alcançar esses resultados em uma terra estranha, num clima totalmente diferente e em meio às tentações da natureza humana, havia pregadores, presbíteros, diáconos, consoladores, mestres-escolas e proponentes. Os pregadores ou predicantes eram os capelães militares, os pastores das igrejas e os missionários entre os indígenas. Os presbíteros eram leigos que pastoreavam a igreja juntamente com os predicantes. Os

diáconos davam assistência social aos necessitados (por causa da luta armada, havia muitas viúvas e muitos órfãos). Os consoladores trabalhavam nos hospitais, nas fortalezas, nos acampamentos e nos navios, com os doentes, as viúvas, os órfãos e os condenados à morte. Os proponentes eram os candidatos ao ministério, que adquiriam experiência trabalhando junto com os ministros na qualidade de pastores auxiliares.

Para disciplinar os oficiais da igreja, era costume cobrar uma pequena multa ao presbítero que chegasse atrasado à reunião do consistório (conselho da igreja) e outra, maior, ao que se ausentasse.

À Ceia do Senhor dava-se a maior importância possível. Em preparação, o pastor ou presbítero visitava os membros da igreja e os que pretendiam participar da Mesa do Senhor deviam dar os seus nomes previamente. Havia apenas quatro celebrações por ano.

Uma hora antes de começar o culto dominical das nove horas, o sino da igreja tocava para chamar os fiéis. Como havia poucos bancos, alguns traziam seus próprios assentos. O ministro tirava seu chapéu ao subir ao púlpito. Os demais homens, só na hora da oração, pois "os homens livres não tiram o chapéu para ninguém, senão para Deus"[3]. O sermão durava quase uma hora. À tarde havia outro culto, chamado culto de doutrina, no qual era estudado o famoso Catecismo de Heidelberg, de 1563.

Por considerarem cristãos os templos católicos já existentes, os reformados quase não construíram templos em Recife e na zona ocupada. Usavam os templos católicos depois de retirarem deles as imagens, os altares e os paramentos sacerdotais. No lugar deles, colocavam o púlpito (e sobre ele um exemplar da Bíblia), a pia batismal e a mesa da Santa Ceia.

Estima-se em 22 o número de igrejas no Brasil holandês, todas jurisdicionadas, a princípio, ao Presbitério de Amsterdam. Essas igrejas e os demais ministérios paralelos eram servidos por 54 pastores e proponentes, 120 presbíteros e igual número de diáconos, e mais de 100 consoladores e mestres-escolas. A proporção era de um pastor para cada grupo de 222 estrangeiros. Se incluíssemos a população toda (portugueses, brasileiros, índios, escravos, judeus e outros europeus), teríamos um pastor para quase 1.700 habitantes.

Um dos problemas que a Igreja Reformada teve de enfrentar foi a embriaguez, o pecado nacional holandês, que afetava inclusive alguns pastores e autoridades civis. Para ajudar a debelar esse mal,

mandaram vir da Holanda vários exemplares do livro *Ló sóbrio*, do pastor Daniel Souterius.

Pelos cálculos de Frans Leonard Schalkwijk, 17% do trabalho pastoral no Brasil holandês era dedicado aos indígenas. Entre eles destaca-se o pastor espanhol Vicentius Joachimus Soler, chamado de "o pai da missão evangélica entre os índios" ou "o apóstolo dos brasilianos" (nome que os holandeses davam aos tupis). Outro pastor, o holandês David à Doreslaer, escreveu um catecismo trilíngüe para os indígenas (tupi, português e holandês), publicado na Holanda em outubro de 1641 e chegado ao Brasil em abril do ano seguinte, 82 anos depois de pronto o catecismo bilíngüe de José de Anchieta. O título do livro era *Uma instrução simples e breve da Palavra de Deus nas línguas brasiliana, holandesa e portuguesa, confeccionada e editada por ordem e em nome da Convenção Eclesial Presbiterial no Brasil, com formulários para batismo e Santa Ceia acrescentados*. Por problemas burocráticos da parte da igreja holandesa, o *Catecismo tupi* nunca chegou às mãos dos indígenas.

A maior parte dos tupis havia sido cristianizada e batizada pelos jesuítas, mas eles geralmente "não podiam dar a razão de sua fé nem o fundamento da sua salvação"[4]. Os ministros reformados não os batizavam outra vez. Todavia, exigiam dos adultos não batizados uma profissão de fé em Jesus Cristo antes do batismo.

Toda essa bem montada estrutura religiosa acabou de repente com a retirada dos holandeses em 1654. A essa altura, a viúva e o filho de Calabar já recebiam uma pensão da Companhia das Índias Ocidentais.

Notas

[1] SCHALKWIJK, Frans Leonard. O futuro do passado. *Ultimato*, Viçosa, n. 248, p. 40, set. 1997.

[2] ____. *Igreja e Estado no Brasil holandês*. Recife: FUNDARPE, 1986. p. 45.

[3] Id., ibid. p. 115.

[4] Id., ibid. p. 250.

10.

Missionários não conseguem separar a fé cristã das crenças indígenas e africanas

Com algumas exceções, a presença da Igreja Católica Romana nos três primeiros séculos da história do Brasil foi um desastre. São os próprios historiadores e pesquisadores católicos romanos que o dizem. Basta ler o tomo II/1 da *História da Igreja no Brasil*, da Editora Vozes em parceria com as Edições Paulinas, e o livro *Formação do catolicismo brasileiro* (1550-1800), do padre belga Eduardo Hoornaert, para se ter uma idéia do problema. Porque dominava sozinha o panorama religioso, a igreja não era forçada a enxergar e a corrigir os seus erros. No aspecto quantitativo, ela não tinha nada a perder porque ainda não havia outras opções religiosas dentro do cristianismo.

O primeiro grande erro cometido pela igreja em Portugal foi a demora em enviar missionários para evangelizar os 1,5 milhão de indígenas que havia no Brasil na época da ocupação portuguesa e padres para pastorear os brancos que vieram para cá. Nem sequer enviaram um capelão para dar assistência religiosa aos degredados. É verdade que diversos religiosos franciscanos estiveram aqui por

algum tempo antes da chegada definitiva da primeira missão jesuíta, em 1549. Foram 50 anos jogados fora, por causa da preocupação de Roma com a Reforma Protestante na Europa e por causa dos interesses de Portugal nas Índias.

A situação do clero no início do século XVI era dramática. O problema vinha dos dois últimos séculos. Foi uma das causas da Reforma Protestante e da Contra-Reforma Católica. Não havia vocação, não havia preparo e não havia moral. O clérigo era um funcionário eclesiástico, sem preocupação com a evangelização, catequese e conversão do povo. O sacerdócio era um meio de vida. Não podendo se casar por causa da lei do celibato obrigatório, o sacerdote simplesmente se juntava com uma escrava. Às vezes não havia falta de padres — o que faltava era a santidade do ministro. Daí a denúncia do padre Manoel da Nóbrega: "Cá há clérigos, mas é a escória que de lá [Portugal] vem"[1]. Muitos europeus em dificuldade financeira queriam ser padres no Brasil em troca da passagem e meios de subsistência. No Rio de Janeiro, alguns jovens se faziam frades para não servirem às milícias. Filhas de senhores de engenho se faziam freiras por pressão do pai, que desejava proteger e não retalhar o seu patrimônio. Um certo José Pires de Carvalho conseguiu colocar suas seis filhas no Convento do Desterro, na Bahia, o primeiro convento feminino do Brasil. Essas irmãs sem vocação eram chamadas de "encostadas".

O casamento da evangelização com a colonização atrapalhou tudo. Eram duas coisas diferentes, mas uma tomou carona na outra. Isso não aconteceu só no Brasil nem só com as missões católicas. No século XVI e nos três séculos seguintes, na América, na Ásia, na África e na Oceania, o mesmo erro foi cometido por católicos e protestantes. Manoel da Nóbrega escreveu ao rei de Portugal em 1558 que, se o gentio for senhoreado ou despojado, "Nosso Senhor ganhará muitas almas e Sua Alteza, muita renda nesta terra"[2]. Para os reis de Portugal, evangelizar era sinônimo de aportuguesar. "Atrás do comerciante", lembra José Maria de Paiva, "veio o guerreiro e veio o missionário".[3]

Há uma grande diferença entre os batismos realizados por João Batista na circunvizinhança do rio Jordão e os batismos realizados pelos missionários católicos no Brasil colônia. Enquanto no primeiro caso são os batizandos que vão atrás do batizador, no segundo são os batizadores que vão atrás dos batizandos, nas aldeias, nos portos

de desembarque de escravos e nas senzalas. O precursor de Jesus dificultava o batismo, exigindo arrependimento e mudança de comportamento (Lc 3.1-14). O missionário europeu aplicava o batismo com muita facilidade, não necessariamente porque o candidato se tornara cristão, mas *para que ele se tornasse cristão*. Daí o batismo do príncipe indígena Essomeriq, de 13 anos, a bordo do *L'Espoir*, pelo próprio comandante do navio, Binot Paulmier, já que o rapaz estava com escorbuto e poderia morrer antes de chegar à França, no final de 1504. O número de indígenas batizados logo no início é muito grande. No período de oito anos, entre 1558 e 1566, os jesuítas teriam batizado entre 12 e 15 mil índios. De uma só vez, o padre Euzébio Dias Laços batizou 3.700 naturais. Na prática e na mente dos indígenas e africanos, o batismo era uma questão de sobrevivência, um rito de passagem da própria cultura para a cultura alheia, uma espécie de salvo-conduto para enfrentar a nova situação, exigido e explorado pelos colonizadores. Nem sempre havia alegria no céu quando alguém era batizado, mesmo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas certamente havia alegria na corte, porque o batismo quase sempre representava sujeição aos brancos. Esses batismos em massa eram comuns na época, aqui e em outros campos missionários, como no Japão, onde os jesuítas batizaram mais de 50 mil pessoas entre 1549 e 1575. Missionários protestantes holandeses seguiram o modelo católico no Ceilão (atual Sri Lanka) e na Indonésia de tal forma, que no final do século XVII havia 100 mil cristãos em Java e 40 mil em Ambom. O pior é que o missionário recebia da Companhia Holandesa das Índias Orientais uma recompensa monetária por cada batismo realizado.[4] Havia uma distorção do significado do batismo, o que se vê nesta carta de Anchieta: "Os que em toda esta província foram este ano, pelo trabalho dos nossos, *arrancados à impiedade e purificados pelo batismo* chegam a 2 mil (tal é a bondade de Deus!)"[5]. O que purifica o pecador de seus pecados é o sangue de Jesus Cristo, isto é, o seu sacrifício expiatório (1 Pe 1.17-21; 1 Jo 1.7), e não o batismo em si.

Por incrível que pareça, não havia nem imprensa, nem universidade no Brasil nos três primeiros séculos de sua história, o que significa dizer que não havia livros. O problema era exclusivamente português, porque em algumas colônias espanholas da América do Sul havia universidades já no primeiro século (duas

no Peru, uma na Colômbia e outra no Equador). A Bíblia era propriedade dos padres e de mais alguns poucos privilegiados. A censura proibia a posse e a circulação de livros religiosos sem a aprovação da autoridade eclesiástica. A conseqüência dessa política antilivros é muito bem denunciada pelo historiador católico Eduardo Hoornaert: "Um cristianismo sem livros se torna em pouco tempo uma religião sem fundamentação bíblica, divorciada da teologia, uma prática de devoções e cerimônias sem ligação com a vida"[6].

Havia uma guerra de culturas — a cultura européia, a cultura indígena e a cultura africana. Nessa guerra todos saíram perdendo. A dominação européia, que era branca e cristã, não conseguiu se impor totalmente, apesar da força e do poder que tinha. O resultado final foi a mistura das três culturas maiores, que, por sua vez, já eram produtos de muitas misturas anteriores, especialmente entre os negros. É isso que se chama de sincretismo cultural e religioso. O sincretismo é inevitável, mas deveria ser bem conduzido. Hoornaert declara que há o sincretismo verdadeiro e o sincretismo falso:

> [O primeiro] leva à cristianização de uma determinada cultura, isto é, consegue transmitir a mensagem essencial da paternidade de Deus, da decorrente fraternidade entre os homens, da ressurreição dos justos em Cristo, da ação do Espírito Santo na história. [Já] o falso sincretismo leva à paganização do próprio cristianismo, faz com que o 'sal da terra' perca seu sabor, consagra a vitória da descrença em Deus Pai, do desespero e do egoísmo, muitas vezes sob as aparências da mais perfeita ortodoxia, da mais santa religião.[7]

A igreja não conseguiu manter separadas as crenças ameríndias e africanas de um lado e a fé cristã de outro. Elas se uniram e geraram um cristianismo diferente do cristianismo original.

Por causa da ausência de missionários por meio século, por causa do pequeno número de missionários e de padres, por causa da má qualidade moral e espiritual da maior parte dos padres, por causa do conúbio da evangelização com a colonização, por causa do triunfalismo dos batismos em massa, por causa da inexistência e escassez de Bíblias e literatura religiosa, e por causa do falso sincretismo — o século XIX recebeu dos três séculos anteriores um cristianismo deformado, nominal e superficial, sem coerência e autoridade, baseado mais em festas do que em compromissos, do qual, até hoje, colhem-se frutos muito amargos.

Notas

[1] In: HOORNAERT, Eduardo, AZZI, Riolando et al. *História da igreja no Brasil.* 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 184. v. II/1.

[2] In: PAIVA, José Maria de. *Colonização e catequese*. São Paulo: Cortez, 1982. p. 44.

[3] PAIVA, José Maria de. *Colonização e catequese*. São Paulo: Cortez, 1982. p. 101.

[4] NEILL, Stephen. *Missões cristãs*. Lisboa: Ulisseia, 1964. p. 229.

[5] ANCHIETA, Joseph de. *Cartas*; correspondência ativa e passiva. São Paulo: Loyola, 1984. p. 383.

[6] HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 20.

[7] Id., ibid., p. 138.

II.

Evangelização (Século XIX)

11.

Protestantes demoram a vir para o Brasil

Logo no início do século XIX, mais precisamente em 1805, 300 anos depois da descoberta do Brasil, um navio de bandeira inglesa, que estava de viagem para a Índia pela mesma rota de Cabral, aportou na Bahia por quinze dias. Um dos passageiros, de 24 anos, formado em matemática em Cambridge e ordenado ministro anglicano três anos antes, desceu do navio e foi conhecer a terra ensolarada que estava à sua frente. Chamava-se Henry Martyn e era apaixonado por Lydia Grenfield, uma inglesinha indecisa que não lhe dizia nem "sim" nem "não". Martyn, à semelhança dos franciscanos que vieram com Cabral, ia para a Índia na qualidade de missionário, onde, em menos de sete anos, traduziria o *Novo Testamento* e o *Livro comum de oração* para o hindustani, antes de morrer, solteiro e tuberculoso, aos 31 anos.

Em terra, o jovem em trânsito se encontrou com pessoas importantes e com alguns sacerdotes católicos romanos, com os quais conversou em latim e francês. Como Paulo, que ficou impressionado com a grande quantidade de altares na cidade de Atenas (At 17.22-23), Martyn ficou surpreso com a quantidade de cruzes em Salvador e registrou em seu apreciadíssimo diário:

> Que missionário será enviado para trazer o nome de Cristo a estas regiões ocidentais? Quando será que esta linda terra se libertará da idolatria e do cristianismo espúrio? Há cruzes em abundância, mas quando será levantada a doutrina da cruz?[1]

Até então a evangelização do Brasil estava nas mãos dos missionários e dos padres católicos romanos, salvo a rápida presença de pastores de língua francesa no Rio de Janeiro por ocasião da ocupação francesa (1557-58) e a presença um pouco mais demorada de pastores de língua holandesa no Nordeste brasileiro, por ocasião da ocupação holandesa (1630-1654). A essa altura, ainda não havia imigrantes suíços e alemães de fé evangélica vivendo no país. Entre a chegada da primeira missão jesuíta (1549) e a passagem de Henry Martyn por Salvador (1805) transcorreram 265 anos.

O registro histórico de Martyn é uma crítica velada ao cristianismo existente no Brasil e, ao mesmo tempo, um veemente desafio missionário. A cruz, o melhor e mais conhecido símbolo cristão, estava aqui, nas igrejas, nos hospitais, nas escolas, nos morros, nas casas, nas vestimentas clericais, no peito e até na constelação do Cruzeiro do Sul. Mas a cruz sem a doutrina da cruz apenas cristianiza, não evangeliza. Daí o dramático apelo missionário: "Quando será [aqui] levantada a doutrina da cruz?"

Entre o primeiro desafio missionário em favor do Brasil, da lavra de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, e o desafio de Henry Martyn, outros desafios foram feitos. Um deles é muito curioso. Aparece em um livro em cuja introdução de dezoito páginas é dedicado ao Papa Alexandre VII, escrito em francês e intitulado *Mémoires touchant l'établissement d'un mission* (Memórias sobre o estabelecimento de uma missão).[2] O autor do livro tornou-se abade em 1658 e chamava-se Jean Paulmier. Era descendente do príncipe carijó Essomeriq, do litoral catarinense, e de Marie Moulin, filha do aventureiro francês Binot Paulmier, que comandou uma expedição ao Brasil em 1503. Fiel às suas origens, o abade solicitava ao papa que enviasse missionários ao sul do Brasil, onde viviam seus antepassados indígenas.

Cerca de trinta anos depois da passagem de Henry Martyn pela Bahia, aconteceu um fato surpreendente: o padre Diogo Antonio Feijó, então regente do império (1835-37), solicitou ao Marquês de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant Pontes Oliveira e Horta), no

momento exercendo funções diplomáticas em Londres, que providenciasse a vinda de duas corporações dos Irmãos Morávios para trabalhar com os indígenas brasileiros. Ora, os morávios eram protestantes e tinham vários missionários nos pontos mais remotos e difíceis do globo. Curiosamente, o Marquês de Barbacena era natural de Mariana, Minas Gerais, uma das cidades mais católicas daquela época. O convite do Regente Feijó não pôde ser atendido.

Henry Martyn morreu em 1812, antes de saber que o século XIX seria o grande século missionário protestante, assim como o século XVI havia sido o grande século missionário católico romano. Os missionários católicos demoraram 49 anos para atender ao apelo de Caminha e os missionários protestantes demoraram 50 anos para atender ao apelo de Martyn. Se bem que ambos os grupos fizeram algumas tentativas anteriores, sem, contudo, obter êxito permanente.

Por que as missões evangélicas demoraram tanto a vir para o Brasil? Uma das razões era a ausência quase total de visão missionária por parte das igrejas protestantes da Europa e da América do Norte nos séculos anteriores, com exceção dos morávios e dos holandeses radicados no Extremo Oriente. Dizia-se então que o "ide" e o "fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28.19) era uma ordem de Jesus a ser cumprida pelos apóstolos logo após a descida do Espírito Santo e pronto. As coisas só começaram a mudar com a publicação de um livro de 87 páginas, escrito por William Carey em 1792, sob o pomposo título *Investigação sobre a obrigação dos cristãos de empregar meios para a conversão dos pagãos*. A partir daí, várias sociedades missionárias começaram a se organizar e enviar missionários para o mundo inteiro. A outra razão diz respeito à ausência de liberdade religiosa no Brasil, descoberto, colonizado, evangelizado e governado por um dos dois países mais católicos do mundo de então (Portugal e Espanha). Além do mais, havia uma certa preferência pelo clamor missionário proveniente da Ásia e da África, onde a presença cristã era quase nenhuma. Pensava-se que a América Latina, já cristianizada pelos espanhóis e portugueses, não deveria fazer parte do campo missionário protestante.

Além dos desafios precisos e verbais, como os de Pero Vaz de Caminha, Jean Paulmier, Henry Martyn e Diogo Feijó, havia os desafios indiretos provocados pelas notícias e relatos de viagem.

Lutero tinha 21 anos e estudava filosofia na Universidade de Erfurt quando, não muito longe dali, mais ao sul, em Augsburgo, começou a circular um panfleto de quinze páginas, escrito em latim, com o sugestivo título *Mundus Novus*. Só naquele ano, 1504, o livrinho atingiu 4 mil exemplares em doze edições. No ano seguinte, quando Lutero desistiu de fazer direito para se tornar monge agostiniano, o *Mundus Novus* já havia sido traduzido para o alemão, francês, italiano, holandês, espanhol e tcheco. É bem provável que os futuros reformadores Martinho Lutero e Úlrico Zwínglio tenham lido este *best-seller* de Américo Vespúcio, que narrava a "descoberta" e as maravilhas do Brasil. Já que o *Mundus Novus* contava que a terra descoberta era povoada e que seus habitantes praticavam a antropofagia, era de se esperar que qualquer alma sensível pudesse sentir-se na obrigação de fazer alguma coisa pela evangelização dos novos gentios ou pagãos.

Três anos depois do lançamento do *Mundus Novus*, o Ginásio Vosgense, uma pequena academia de eruditos nas proximidades de Estrasburgo, lançou em latim outro folheto atribuído a Américo Vespúcio, de 32 páginas, chamado *Quatour Americi Vespucci Navigationes* (As quatro navegações de Américo Vespúcio). Em 1507 e 1508 foram vendidos quase 10 mil exemplares na Europa. A essa altura, Lutero já havia sido ordenado sacerdote.

No Carnaval de 1557, quarenta anos depois da Reforma e onze depois da morte de Lutero, saiu em Marburg a primeira edição do livro *Descrição verdadeira de um país de selvagens*, do alemão Hans Staden, que esteve no Brasil duas vezes, em 1548 e em 1550. Esse livro teve mais de 50 edições em alemão, flamengo, holandês, latim, francês, inglês e português. A primeira edição em português ficou pronta em 1892. Ao longo de seus 91 capítulos, o livro de Staden, que, na versão portuguesa chama-se *Duas viagens ao Brasil*, é um dos documentos mais preciosos e confiáveis da etnografia brasileira. As informações são valiosas porque o próprio autor passou nove meses aprisionado pelos tupinambás em Ubatuba, litoral de São Paulo, e correu o risco de ser comido por eles. Hans Staden era um homem profundamente religioso, talvez luterano, que confiava na graça de Deus e na oração, da qual fazia uso constante para livrar-se de situações difíceis.

Em 1578, onze anos depois do lançamento da obra de Staden, o pastor calvinista Jean de Léry publicou em francês o seu livro

Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América. Logo traduzido para o latim, holandês e alemão, o livro de Léry fala sobre Villegaignon, os indígenas, a flora, a fauna e "demais coisas singulares e absolutamente desconhecidas aqui" [na Europa]. Léry era discípulo de Calvino e ex-missionário no Brasil, no tempo da França Antártica.

É muito estranho que esses dois últimos livros não tenham provocado alguma reação missionária entre os protestantes europeus na época em que foram publicados e nos séculos seguintes. Pois uma das influências que despertaram a consciência missionária de William Carey foram as notícias que circulavam nos jornais da Inglaterra relativas às viagens do navegador britânico James Cook ao Pacífico Sul, de 1768 até o seu assassinato pelos nativos do Havaí em 1779, aos 51 anos.

Já o livro *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do sul do Brasil*, do missionário metodista Daniel Parish Kidder, publicado em 1840, mais de dois séculos e meio depois dos livros de Hans Staden e Jean de Léry, provocou algumas vocações missionárias para o Brasil. Foi o livro de Kidder que trouxe para o Rio de Janeiro, em agosto de 1855, o missionário escocês Robert Kalley e para Salvador, em agosto de 1882, o missionário americano Zacarias Taylor. Kalley foi o pioneiro dos congregacionais e Taylor, um dos dois pioneiros dos batistas brasileiros. Na verdade, os olhos dos protestantes só foram desvendados para enxergar o clamor dos campos missionários no século XIX, com 300 anos de atraso em relação aos católicos romanos.

Os três preciosíssimos livros de Hans Staden *(Duas viagens ao Brasil)*, Jean de Léry *(Viagem à terra do Brasil)* e Daniel Kidder *(Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do sul do Brasil)* são atualmente publicados no Brasil pela Editora da Universidade de São Paulo.

Notas

[1] REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984. p. 29.

[2] BUENO, Eduardo. *Náufragos, traficantes e degredados*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. p. 97.

12.

A Bíblia chega ao Brasil 40 anos antes dos missionários protestantes

Nascido no ano de 1628, em Torre de Tavares, nas proximidades de Viseu, em Portugal, João Ferreira de Almeida cedo emigrou para os Países Baixos e de lá para a Indonésia, onde aceitou o evangelho no seio de uma igreja reformada holandesa. Dotado de grande capacidade na área de lingüística, Almeida tinha 16 anos quando traduziu o Novo Testamento para o português, valendo-se da versão latina de Teodoro de Beza (1519-1605) — o substituto de João Calvino em Genebra —, e das versões espanhola, francesa e italiana. Depois de trabalhar como missionário em Sri Lanka (antigo Ceilão) e na Índia, Almeida pôs-se a traduzir dos originais hebraico e grego toda a Bíblia. Sua morte em 1691, aos 63 anos, impediu que terminasse o Velho Testamento. Ficaram faltando o livro de Daniel e os doze profetas menores, completados por Jacobus Akker. A princípio, a tradução de Almeida destinava-se apenas aos falantes de língua portuguesa residentes no sudeste asiático. Mas, 118 anos depois de sua morte, em 1809, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, fundada cinco anos antes, começou a editar a Bíblia de Almeida, que é a primeira Bíblia em português e a 32ª versão integral das Escrituras nas línguas modernas, depois da Reforma. O público

primeiramente visado eram os refugiados portugueses que foram para a Inglaterra, quando Napoleão invadiu e ocupou Portugal (1807). Depois, a Bíblia começou a ser enviada para Portugal e para o Brasil.

A introdução das Sagradas Escrituras no Brasil começou discretamente em 1814. Naqueles primórdios, exemplares de Novos Testamentos e Bíblias completas eram distribuídos a bordo de navios que deixavam Lisboa e portos ingleses com destino ao Brasil. Era um trabalho muito inteligente e de bons resultados. Dependia da boa vontade e do espírito missionário de capitães de navio, comerciantes e pessoal diplomático e militar que viajavam para o Brasil. Os capelães britânicos radicados nos mais importantes portos do país também participavam desse ministério.

A partir de 1818, a distribuição de Bíblias na América Latina passou a ser feita por meio de agentes das duas sociedades bíblicas existentes, a Britânica e a Americana. O primeiro deles foi o pastor batista escocês James Thomson (1781-1854). Foi ele quem introduziu a Palavra de Deus em quase todos os países da América Latina: Argentina, Chile, Peru, Equador, Colômbia, Porto Rico, Haiti, Cuba, México e várias ilhas das Antilhas. Não se sabe se ele esteve no Brasil, mas tem-se notícia de que Thomson, em 1820, solicitou a remessa de 100 Bíblias e 200 Novos Testamentos para distribuição no Brasil.[1]

O missionário metodista americano Daniel Parish Kidder (1815-1891) foi o primeiro correspondente da Sociedade Bíblica Americana a se fixar no Brasil. Com a idade de 22 anos, já casado, ele percorreu o país de norte a sul. Kidder era destemido e criativo. Em uma de suas viagens a São Paulo, propôs à Assembléia Legislativa da Imperial Província de São Paulo o uso da Bíblia nas escolas primárias de toda a província e se comprometeu a doar doze exemplares para cada escola, caso a proposta fosse aprovada. Ele fazia de tudo para tornar a Bíblia conhecida. O *Jornal do Commercio* de 12 de dezembro de 1837, por exemplo, publicou o seguinte anúncio:

> Vende-se por 1$000 [um mil réis], na rua Direita, nº 114, o Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo, traduzido pelo Rev. Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Este livro é muito recomendável a todos os mestres e diretores de aulas e colégios do Império do Brasil, para o adotarem como livro de instrução para os seus alunos, porque nele se acha o tesouro mais precioso que o homem pode exigir neste mundo. Ele é a fonte de luz, a fonte de moral, a fonte de virtude, a fonte de sabedoria.

Com a morte prematura da esposa e um filho para criar, Kidder regressou aos Estados Unidos quatro anos depois. Em 1845, publicou os dois volumes de sua obra *Sketches of Residence and Travel in Brazil* (Reminiscências de viagens e permanências no Brasil).

A essa altura, os colportores (pessoas que se ocupam da circulação da Bíblia por motivação missionária) vendiam e ofertavam não apenas a tradução do pastor protestante João Ferreira de Almeida, mas também a tradução do padre católico Antonio Pereira de Figueiredo (1725-1797), de nacionalidade portuguesa. A diferença entre uma e outra é que a Bíblia de Almeida foi feita a partir dos originais hebraico e grego, e a Bíblia de Figueiredo é uma tradução da Vulgata Latina e inclui os livros apócrifos. Figueiredo, um exímio latinista, gastou 18 anos na tradução. Era mais fácil vender a Bíblia de Figueiredo por causa da desconfiança católica.

Entre a chegada dos primeiros exemplares da Bíblia (1814) e a chegada do primeiro missionário protestante, cujo ministério não foi interrompido (1855), há um espaço de 41 anos. Isso significa dizer que as Escrituras Sagradas precederam a implantação das primeiras igrejas evangélicas brasileiras.

Naquele tempo, a Igreja Romana não estimulava a leitura da Bíblia e não via com bons olhos o trabalho das sociedades bíblicas. Os protestantes pensavam e agiam de maneira diferente. Cada fiel deveria possuir seu próprio exemplar da Bíblia e conhecer o seu conteúdo, na certeza de que ela é "a única regra de fé e prática". Na primeira metade do século XIX, Roma mostrou a sua preocupação com a disseminação das Escrituras Sagradas por parte dos protestantes por meio de várias encíclicas. As mais importantes foram promulgadas pelos papas Leão XII (*Ubi primum*, de 5 de maio de 1824), Pio VIII (*Traditi humilitati*, de 23 de abril de 1829) e Pio IX (*Qui pluribus*, de 9 de novembro de 1846).

Em 1856, um ano depois da chegada de Robert Kalley (o pioneiro da Igreja Congregacional) e quatro anos antes da chegada de Ashbel Green Simonton (o pioneiro da Igreja Presbiteriana), a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira abriu um depósito permanente das Escrituras Sagradas no Rio de Janeiro, sob a gerência de Richard Corfield.

A Bíblia de João Ferreira de Almeida, depois de várias e sucessivas revisões, ainda é a Bíblia preferida pelos evangélicos portugueses e brasileiros.

Nota

[1] Outros dados sobre Diego Thomson, como é chamado pelos hispânicos, podem ser encontrados na *História del cristianismo en America Latina*, do paraguaio naturalizado argentino Pablo Alberto Deiros (Buenos Aires: Fraternidade Teológica Latino-americana, 1992. p. 640).

13.

Constituição de 1824 proíbe os protestantes alemães de construir igrejas com torre, sino e cruz

Foi preciso esperar a Independência do Brasil, em setembro de 1822, para o país deixar de ser cem por cento católico, muito embora o grosso dos fiéis carregasse apenas o batismo cristão, como acontecia especialmente com os escravos, que eram 68,5% da população, e com os índios cristianizados. Menos de dois anos depois, em 1824, começaram a chegar os primeiros imigrantes alemães, dos quais um pouco mais da metade eram protestantes. A maior parte seguiu para o Rio Grande do Sul. Outros foram para Nova Friburgo, na região montanhosa da província do Rio de Janeiro. Esse grupo de 300 alemães trouxe em sua companhia o pastor Friedrich Oswald Sauerbronn, de 52 anos, que se enviuvou durante a viagem de seis meses entre Amsterdã e o Rio de Janeiro, tendo ficado sozinho com seis filhos menores. Tido como o primeiro ministro protestante residente no país, Sauerbronn pastoreou a comunidade luterana de Nova Friburgo por quarenta anos, até morrer em 1864, aos 80 anos. Em novembro de 1824 e em fevereiro de 1825, chegaram a São Leopoldo dois colonos que se fizeram pastores:

Johann Georg Ehlers, de 45 anos, e Carl Leopold Voges, de 49. Com a chamada lei do orçamento, do dia 15 de dezembro de 1830, quando o governo cortou qualquer ajuda à imigração, os alemães deixaram de vir para o Brasil nos quinze anos seguintes. A essa altura, já havia no país em torno de 5 mil imigrantes. De repente, os protestantes eram mais de 2.500 almas e os eclesiásticos existentes recebiam proventos do Estado à semelhança dos sacerdotes católicos. O quadro religioso brasileiro estava realmente mudando.

Os alemães vieram para o Brasil, entre outros motivos, para branquear a população brasileira, por demais negra, para dificultar uma possível revolta dos escravos, para garantir a posse da parte mais meridional do país contra os espanhóis, para criar uma classe intermediária entre o latifundiário e o escravo, e para fazer a terra produzir. Cinco anos antes do início da imigração alemã, havia apenas 943 mil brancos no Brasil, contra 1.728.000 escravos negros, 202 mil escravos mulatos, 159.500 negros alforriados e 426 mil mulatos livres e mamelucos. Além disso, como explica o pastor luterano Armindo L. Müller, o governo pretendia engajar alguns alemães no exército para proteger a independência havia pouco proclamada e a monarquia.

Da parte dos diversos e pequenos estados alemães também havia interesse na emigração. Por meio dela, eles enriqueceriam a população, livrando-a dos contigentes humanos excedentes, alguns deles desempregados e de precária condição financeira. À semelhança de Portugal, que enviou para cá não poucos degredados, a começar com expedição de Pedro Álvares Cabral, alguns condenados pela justiça alemã vieram para o Brasil. Entre os 500 imigrantes que aqui chegaram na galera dinamarquesa *Georg Friedrich*, em fevereiro de 1825, havia 163 reclusos de casas de correção do Grão-Ducado de Mecklenburg. Outros continuaram a vir nas viagens seguintes.

Não se deve omitir a figura de uma jovem e culta senhora, de apenas 27 anos, mas já mãe de cinco filhos, nascida em Viena, que atendia pelo comprido nome de Maria Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo. Por ser ao mesmo tempo filha de Francisco I, imperador da Áustria, e esposa de Pedro I, imperador do Brasil, a imperatriz soube harmonizar interesses de seus patrícios de língua germânica e interesses de sua segunda pátria. Maria Leopoldina morreu dois anos depois do início da nova colonização, aos 29 anos.

A emigração alemã recomeçou em 1845. Só no ano seguinte chegaram 1.749 colonos. É possível que o Brasil tenha recebido 300 mil imigrantes de língua alemã no correr do século XIX. Além das províncias do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, alguns foram para Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo e Minas Gerais (Teófilo Otoni e Juiz de Fora). Eles eram pequenos agricultores, em grande número, e trabalhadores assalariados, em pequeno número. Entre eles havia muito mais nascimento do que mortes. Percebe-se isso pelos registros pastorais: no período de 20 anos compreendidos entre 1850 e 1869, houve 471 batismos de crianças e apenas 71 cerimônias fúnebres. Para matar a saudade da Alemanha, prezavam e mantinham suas origens germânicas, o que se chamava de solidariedade étnica.

Com exceção dos suíços que começaram a chegar a Nova Friburgo em 1817, os imigrantes alemães só vieram depois de 1822, porque a independência do Brasil trouxe relativa liberdade religiosa. Mas a Constituição de 25 de março de 1824 dizia: "A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com o seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo." Portanto, nada de torre, nada de sino e nada de cruz, peças que faziam parte da arquitetura das igrejas protestantes da Europa. Em caso de desobediência, os infratores seriam multados e dispersos. Apesar das limitações legais e da pobreza do fervor religioso dos colonos, "o cristianismo foi o esteio espiritual, a força e o ânimo moral dos imigrantes"[1], na opinião de Carlos Henrique Hunsche, descendente de alemães e estudioso do assunto.

Além de não ter nenhuma consciência nem prática missionária, quase todos os primeiros pastores deixaram muito a desejar, tanto no púlpito como na vida particular, porque eram totalmente despreparados e contra-indicados para o ofício. Os registros históricos são chocantes. Os colonos se queixaram de Johann Ehlers, o segundo pastor a exercer o cargo: "Não estamos satisfeitos com a conduta do sr. Ehlers, ele faz coisas que não podemos aceitar, prega a moral, mas justamente é a moral que lhe falta"[2].

Solicitaram a substituição de Ehlers por Carl Voges, "a quem amamos e estimamos, pois atua com todo o zelo possível"[3]. De fato, Voges, dois anos exatos depois de chegar a São Leopoldo, solicitou à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em Londres, a remessa de

grande quantidade de Bíblias e Novos Testamentos em alemão e em português. Os 200 Novos Testamentos em português destinavam-se aos habitantes católicos de língua portuguesa, "para acender a verdadeira luz da Sagrada Escritura também aos pobres portugueses, pois nas cátedras dos apóstolos e profetas estão sentados líderes cegos que não têm a maneira de pensar dos apóstolos"[4]. Não obstante, Voges fazia muita coisa estranha para um pastor de almas que tem a obrigação de ser "um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza" (1 Tm 4.12). Fabricava e vendia cachaça, comprava e explorava o serviço de escravos (chegou a ter vinte escravos), ocupava-se mais com seus interesses econômicos do que com a paróquia. Além da fábrica de cachaça, possuía uma olaria, um curtume, um armazém de secos e molhados para compra e venda, e ainda fazia grandes investimentos de capital em Porto Alegre. Enquanto os padres batizavam os negros recém-chegados com nomes portugueses, Voges batizava seus escravos com sobrenomes alemães, como a negra Adelina Schmitt, que todo mundo chamava de Picucha. Como pastor, Voges pregava, batizava, confirmava, casava e enterrava suas ovelhas, mas não as alimentava. Seus cultos consistiam na leitura de sermões e orações impressas. Quando a comunidade se cansava, ele pulava algumas páginas. Exerceu o ministério até morrer, em 1893, aos 92 anos.

Em 1838, o professor Johann Friedrich Schrader, pregador não formado, que chegou ao Rio Grande do Sul quatorze anos antes, apresentou-se como candidato para substituir o recém-falecido pastor Friedrich Christian Klingelhoeffer. Mas era um ébrio, que acabou morrendo de maneira misteriosa — foi encontrado morto no campo. Eram também dados à bebida os pregadores leigos Philipp Andreas Weber, Erdmann Wolfram e K. Strüker. Reza a história que Otto Heinrich Theodor Recke, "pastor, doutor e mestre, docente, membro de diversas sociedades eruditas da Alemanha"[5], depois de conduzir satisfatoriamente seu rebanho de Campo Bom, perto de São Leopoldo, em 1867 foi obrigado a abandonar o seu posto em conseqüência de um "delito vergonhoso" e a fugir para Buenos Aires.

Se os guias espirituais não tinham bom testemunho, quanto mais os fiéis! Basta passar os olhos no relatório de 24 páginas preparado por Wilhelm Kleingünther — primeiro pastor devidamente formado de Porto Alegre —, publicado na Alemanha em 1866. Entre outras coisas, o jovem pastor afirma:

> Sob o ponto de vista econômico e mundano, a sorte dos alemães no Brasil é invejável, mas, em relação à sua vida eclesiástica, moral e religiosa, é profundamente deplorável... O pastor diz rapidamente a sua prédica horripilante e lá vai todo mundo à venda para cantar e dançar toda a tarde e durante toda a noite. O pastor, se quer ser bom pastor, acompanha tudo, e tanto maior farra tanto melhor para os colonos... Se a comunidade não quer mais seu pastor ele é mandado às favas, e se o pastor não quer mais seu emprego, começa outra atividade na agricultura ou no comércio, torna-se carroceiro ou troca a Bíblia pelo sabre e fica soldado... Os pastores batizam crianças com a água do despejo, onde se lavaram os copos de cachaça... Não podemos repreender demasiadamente esta gente pela sua ignorância e bruteza, pois, durante 20 a 30 anos, ela ficou sem cuidados eclesiásticos e apenas interessada em seu corpo e nos prazeres... Não exagero ao afirmar que a metade da [minha] comunidade confessa abertamente: não acreditamos nem em Deus e nem no diabo... O próprio presidente da comunidade me disse que seria um exagero celebrar cultos todos os domingos... A comunidade consiste, na maior parte, de comerciantes muito ricos e de artesãos abastados, num total de 500 almas... Se eu pensasse só numa linda igreja e num ordenado alto, tudo seria tão fácil! Mas, não é o que eu quero. Meu desejo é captar almas para o reino de Deus e isso não é fácil. A gente aqui está completamente nas garras do materialismo e é dominada pelo dinheiro.[6]

O problema não era só entre os colonos protestantes. Os colonos católicos tinham vergonha do padre português Manoel Vieira da Conceição Braga, que não sabia se comunicar em alemão e ainda vivia escandalosamente. A situação começou a mudar entre os protestantes com a chegada do pastor Hermann Borchad, que veio para o Brasil em 1864, quarenta anos depois da primeira leva de colonos. Do início da colonização alemã até a chegada de Borchad, os pastores com formação teológica eram poucos. Entre os anos de 1864 e 1886, o número subiu para 59. Só por intermédio de Borchad e da Sociedade Missionária da Renânia, vieram dezenove missionários formados em Barmen. Esse Borchad transformou São Leopoldo no baluarte do luteranismo brasileiro. Morreu aos 68 anos no púlpito, em Greifwald, na Alemanha (1891). Entre os católicos, a situação começou a mudar com a chegada dos jesuítas alemães em 1850.

No final do século XIX, o Brasil tinha 18 milhões de habitantes. Destes, 600 mil eram alemães ou descendentes de alemães. Menos da metade eram católicos e mais da metade eram protestantes, quem sabe em torno de 350 mil. Era, então, o maior grupo protestante do Brasil, que ultrapassava certamente a soma de todos os congregacionais, todos os presbiterianos, todos os metodistas, todos os batistas, todos os episcopais e todos os adventistas. Ao mesmo tempo, era o grupo protestante mais nominal. Eles eram filhos da emigração, e não do cuidadoso trabalho missionário.

Notas

[1] HUNSCHE, Carlos Henrique. *Protestantismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre / São Leopoldo: EST / Sinodal, 1983. p. 5.

[2] In: ____. ____. p. 17.

[3] In: ____. ____. p. 17.

[4] HUNSCHE, Carlos Henrique. *Protestantismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre / São Leopoldo: EST / Sinodal, 1983. p. 21.

[5] Id., ibid. p. 37.

[6] In: HUNSCHE, Carlos Henrique. *Protestantismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre / São Leopoldo: EST / Sinodal, 1983.p. 59.

14.

Missionários de língua inglesa espalham-se pelo Brasil

Eram anglo-americanos os missionários protestantes que vieram para o Brasil na última metade do século XIX. Muito excepcionalmente poderia haver algum missionário alemão ou holandês. A maior parte provinha dos Estados Unidos. Naturalmente vieram vários ministros da Alemanha não como missionários, mas para pastorear o rebanho luterano formado exclusivamente de imigrantes alemães. A enorme e contínua movimentação missionária começou em 1855, com os congregacionais, e terminou em 1889, com os episcopais. Entre uns e outros estão, pela ordem de chegada, os presbiterianos, os metodistas e os batistas. Eles tinham de aprender a língua e entender a cultura brasileira, bastante diversa das culturas britânica e norte-americana. Alguns deles foram muito bem-sucedidos. Pode ser que entre eles houvesse algum turista travestido de missionário. Outros certamente confundiram evangelismo com americanismo e pregaram as duas coisas ao mesmo tempo. Parte desses deslizes eram inconscientes, devido ao nacionalismo exacerbado e à falta de preparo missiológico, sobretudo na área da ciência chamada antropologia missionária com o seu conceito de contextualização.

Em geral eles tinham boa cultura teológica. Uma grande parte era formada de missionários realmente vocacionados, apaixonados por Jesus, homens e mulheres piedosos, pessoas de oração, de testemunho impecável, dispostos a qualquer sacrifício em favor do evangelho e em favor dos fiéis. Alguns deles eram missionários biocupacionais, isto é, missionários e educadores, missionários e médicos, missionários e agrônomos, missionários e escritores. Fundaram igrejas, escolas, seminários, institutos bíblicos, universidades, clínicas, hospitais, jornais e editoras. Colocaram a Bíblia na mão do povo. Trabalharam em favor da liberdade religiosa no país. Obrigaram a Igreja Católica Romana a reconhecer e a respeitar a diversidade religiosa. Apresentaram a salvação pela graça, mediante a fé. Ao mesmo tempo pregaram que a fé sem obras é morta. Mudaram completamente o rumo de muitas famílias, oferecendo outros modelos de vida, mais indicados para quem quer seguir a Cristo. Muitos brasileiros deixaram a mentira, o furto, a ira, a vingança, o ódio, a prostituição, o álcool, a malandragem, o analfabetismo e outros males por causa do temor do Senhor. E eram ensinados a educar seus filhos nessa direção.

É verdade que os missionários cometeram erros, exageraram em algumas coisas e omitiram outras. Alguns trouxeram junto com o evangelho o espírito sectarista e denominacionalista, que perdura até hoje. Falaram pouco sobre justiça social e muito sobre conduta sexual. Enfatizaram a vida futura em detrimento da vida presente.[1] Os protestantes são um povo que canta, graças aos missionários do século passado, a começar com o casal de escoceses Sarah e Robert Kalley, que organizaram a primeira e maior coletânea de cânticos em língua portuguesa, o famoso *Salmos e hinos*, exageradamente criticado por Antônio Gouvêa de Mendonça em seu livro *O celeste porvir*. Ali estão hinos de Martinho Lutero, dos irmãos Carlos e João Wesley, da compositora cega Fanny Crosby, do cantor e evangelista Ira Sankey e de muitos outros. Antes de terminar o século, essa coletânea já reunia letra e música de 618 hinos. Os missionários ensinaram os protestantes a cantar em quatro vozes, dando origem aos muitos coros das igrejas locais. Alguns crentes naquele século e principalmente no século seguinte se fizeram músicos, cantores, regentes de corais e compositores, a partir da cantoria eclesiástica. Os velhos hinos, quase todos importados da Europa e da América do Norte, edificavam, consolavam e davam esperança. Alguns eram

apropriados para chamar o pecador à conversão, à cruz de Cristo, ao perdão de pecados e à vida eterna. Evangelizavam o povo e santificavam os fiéis.

Menos de 80 anos depois da genial idéia do jornalista inglês Robert Raikes (1735-1811) de organizar a chamada Escola Dominical (estudo bíblico em pequenos grupos de acordo com a idade, da pré-escola aos adultos, na concepção moderna), o casal Kalley deu início a esse departamento da igreja na cidade de Petrópolis, RJ, em 1855. Desde então, quase todas as igrejas evangélicas locais se valem da Escola Dominical para promover o ensino da Bíblia, usando os mais modernos métodos pedagógicos.

Quantos missionários anglo-americanos vieram para o Brasil na segunda metade do chamado século missionário? Parece que até agora ninguém pesquisou o suficiente para encontrar um número exato ou aproximado. Mas foram algumas centenas. Outras perguntas pertinentes e curiosas poderiam ser feitas: Os missionários eram casados ou solteiros? Eram homens ou mulheres? Qual o tempo de permanência no Brasil?

Serve de amostragem o relatório montado sobre o livro *Mission to Brazil*, de James E. Bear, ex-missionário na China e, posteriormente, professor de missões no Union Theological Seminary, em Richmond, Virginia, publicado em 1961. O livro se refere exclusivamente aos missionários americanos enviados ao Brasil pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, que é uma das denominações presbiterianas do país. Geralmente conhecida como a Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos, essa igreja começou seu trabalho missionário no Brasil em 1869, dez anos depois da chegada de Ashbel G. Simonton, enviado pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, antes da divisão havida por ocasião da guerra civil.

Nos últimos 32 anos do século XIX, a Junta de Missões Estrangeiras da Igreja do Sul nomeou e enviou 65 missionários para o Brasil. Destes, 47 eram casados e dezoito, solteiros. Entre os solteiros havia cinco homens e treze mulheres. O número de mulheres casadas (24) e solteiras (13) era maior (57%) que o número de homens casados (23) e solteiros (5). Era de se esperar que os missionários solteiros permanecessem menos tempo no campo. Mas tal não aconteceu. Dos vinte missionários que ficaram no campo, apenas por um período de um a cinco anos, onze eram casados e dez eram solteiros. A proporção é a mesma se esse período de

permanência vai de um a dez anos: dos 25 missionários incluídos aí, treze eram casados e doze eram solteiros. Dos cinco homens solteiros, nenhum atingiu mais de oito anos no campo. Das treze mulheres solteiras, apenas cinco ultrapassaram esse limite, sendo que duas delas foram além dos 40 anos: Charlotte Kemper (46 anos) e Ruth B. See (48). Dos 47 missionários casados, três casais permaneceram mais de 40 anos no campo: William e Kate Thompson (49 anos), Alva e Kate Hardie (ele, 45, e ela, 43) e William e Katherine Porter (ele, 45, e ela, 38).

Enquanto seis missionários (dois casados e quatro solteiros) ficaram no Brasil por um ano apenas, alguns não foram mais longe porque encerraram seus dias aqui. Pelo menos 23 missionários americanos morreram e foram sepultados no Brasil. Entre estes estão os muito bem-sucedidos Samuel Gammon, John Rockwell Smith, George Butler e Charlotte Kemper.

Nem todos os que permaneceram pouco tempo no Brasil eram menos consagrados que os demais. Três deles, por exemplo, morreram aqui no mesmo ano ou no ano seguinte da chegada ao país: Ballard F. Thompson, James Dick e Carrie M. Cunningham. Algumas missionárias perderam seus maridos, mas continuaram no campo: Kate E. Bias ficou viúva em 1894, dois anos depois de casada, e continuou no país até 1928.

Esta amostragem reflete a realidade do campo missionário brasileiro no final do século XIX. Muitos missionários recém-casados, como Ashbel G. Simonton e Daniel Kidder, ficaram prematuramente viúvos, por causa das doenças daquela época, a febre amarela em especial, e por causa do clima diferente. Essas mortes não diminuíram nem o entusiasmo dos velhos missionários nem o fluxo de novos missionários. Eram homens e mulheres sérios, que queriam servir a Deus.

Em todo o mundo e também no Brasil, a mulher tem desempenhado um papel muito importante na área de missões, seja solteira ou casada. Basta ler o livro *Guardians of the Great Commission*, de Ruth R. Tucker, professora visitante do Trinity Evangelical Divinity School, nos Estados Unidos. Ela conta a história de mulheres nas missões modernas.

Nota

[1] A bem da verdade, é bom explicar que esse problema aconteceu mais em meados do século XX do que no período estudado.

15.

Missionário *free-lancer* vem para o Brasil

Na verdade não se tem feito justiça com o médico escocês Robert Reid Kalley, o missionário que estabeleceu no Brasil "o primeiro serviço sistemático de evangelização do país"[1]. O sociólogo francês Émile-G. Léonard, embora mencione alguns de seus notáveis feitos, coloca-o junto daqueles "propagandistas anglo-saxões, aristocratas ou burgueses ricos que, por motivos culturais ou de sáude, tornavam-se grandes viajantes e utilizavam fortuna e turismo na difusão da fé protestante"[2]. Um dos biógrafos de Kalley afirma que ele é "um estranhamente esquecido na literatura das missões e do movimento ecumênico"[3]. Testa se queixa de Kenneth Scott Latourette, autor dos sete volumes de *History of the Expansion of Christianity* (1945): o autor nem sequer menciona o nome de Kalley quando escreve sobre o trabalho missionário realizado por ele na Ilha da Madeira, a partir de 1838. Todavia, Kalley foi o pioneiro do presbiterianismo na Madeira e do congregacionalismo no Brasil, e um dos primeiros médicos missionários na história de missões. O escritor e pregador Andrew Bonar refere-se a Kalley como "o maior acontecimento das missões modernas"[4].

Formado em medicina e cirurgia na Universidade de Glasgow, Kalley submeteu-se aos exames requeridos para exercer a profissão em Portugal e seus domínios em 1839, um ano depois de chegar a Funchal. Uma vez no Brasil, a partir de 1855, repetiu todo o processo para legalizar a sua posição de médico e cirurgião. Aos 51 anos tornou-se membro do Royal College of Physicians and Surgeons de Edimburgo, em sua terra natal (1860). Ajudou a debelar a epidemia de cólera que aconteceu em Petrópolis, em novembro de 1855, e a epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro, em julho de 1858.

Émile Léonard tem razão ao se referir à situação econômica de Kalley. Tanto ele como sua segunda esposa pertenciam a famílias abastadas da Escócia. Quando Kalley veio para o Brasil, alugou a casa do embaixador americano em Petrópolis. Tinha duas camareiras alemãs e um jardineiro português, privilégios incomuns para missionários. Por causa de seu nível cultural e econômico, Kalley pôde alcançar com o evangelho a elite brasileira. Em 1859, batizou, em Petrópolis, duas damas da corte imperial: Gabriela Augusta Carneiro Leão, irmã do marquês de Paraná, aquele que foi ministro da Justiça e presidente das províncias do Rio de Janeiro e de Pernambuco na década de 1840, e sua filha Henriqueta. Kalley e o imperador Dom Pedro II se visitavam de vez em quando. Certa feita, este foi à casa de Kalley, que não pôde recebê-lo por estar acamado. Prometeu procurá-lo outro dia no palácio. Mas quem tomou a iniciativa de um novo encontro foi o próprio Dom Pedro, que permaneceu na casa de Kalley por duas horas, no dia 6 de março de 1860. O assunto que mais os entretinha eram as impressões da viagem e da permanência de Kalley por três anos na Palestina, naquele tempo chamada de Terra Santa. O missionário estava bem por dentro da geografia e da história de Israel, por ter convivido com seu colega e patrício William M. Thomson, missionário naquela região e autor do livro *The Land and the Book*. Em 1876, dezesseis anos depois, acompanhado de uma enorme comitiva e guiado pelo frei franciscano Liévin de Hamme, Dom Pedro II, então com 51 anos, realizou a sua sonhada viagem à Terra Santa. Seu diário, repleto de notas esclarecedoras, foi publicado em 1999 pelo doutor em história hebraica Reuven Faingold.

Apesar desse relacionamento com os poderosos e os de nobre nascimento de seu século, Kalley soube se relacionar muito bem com os pobres e dar-lhes assistência médica e espiritual. No

atendimento médico, apresentava contas elevadas aos ricos, para afastá-los e, então, sobrar mais tempo livre para o cuidado dos pobres. Em Funchal, abriu um hospital de doze leitos, que incluiu serviços de clínica e farmácia, inteiramente gratuitos, para a população necessitada. Como a maioria dos madeirenses era analfabeta, Kalley fundou escolas em vários pontos da Ilha, estimulando o princípio de que cada novo alfabetizado deveria alfabetizar outros. Mais de 2.500 pessoas passaram por essas escolas.

Robert Kalley nasceu em 8 de setembro de 1809, em Mount Florida, nos arredores de Glasgow. Foi batizado 38 dias depois na Igreja Presbiteriana da Escócia. Órfão de pai aos 10 meses e de mãe aos 6 anos, Kalley foi criado pelo segundo esposo de sua mãe, pela segunda esposa de seu padrasto e pela enteada da mãe, Mary Kay, 13 anos mais velha que ele, e de quem recebeu uma influência religiosa muito rica e constante.

Não obstante o envolvimento piedoso do lar e o desejo que todos tinham de que ele abraçasse a carreira eclesiástica, Kalley descambou para o ateísmo. Atrás desse ateísmo, ele mesmo confessa, estava o desejo de ser livre e fazer o que lhe desse na telha, sem que fosse obrigado a ter posterior sentimento de culpa. Permaneceu assim até 1835, quando foi atender uma paciente de idade e extremamente pobre, mas crente, vítima de uma enfermidade terminal. Ao sair de seu quarto, a velhinha, esticada em uma cama, pediu-lhe para abrir um armário e apanhar para ela um pedaço de pão dormido, sua única refeição naquele dia. Ao perceber a tranqüilidade daquela senhora a despeito da pobreza e da proximidade da morte, Kalley ficou impressionadíssimo e buscou a Deus. Então se lembrou do conselho de Mary Kay: "Se a tua alma se submetesse à autoridade das Escrituras, cessariam todas as tuas dúvidas"[5]. No ano seguinte (1835), o jovem médico de 26 anos tornou-se membro da Igreja Presbiteriana da Escócia.

Não demorou muito, Kalley começou a desejar o ministério sagrado. Em 1836, ofereceu-se à Junta Missionária da Igreja da Escócia para ser médico missionário em Cantão, na China, para continuar o trabalho do conhecido missionário escocês Robert Morrison, falecido dois anos antes, aos 52 anos. Como a Junta não tinha campo missionário na China, Kalley procurou a Sociedade Missionária de Londres, à qual Morrison pertencia. A ida para China acabou não dando certo por algum desentendimento com a Missão e por causa

da saúde precária de Margareth Crawfort, com quem ele havia casado em 1838. Então o casal seguiu para a Ilha da Madeira, que Kalley conhecia de passagem quando era médico de bordo da marinha inglesa. Além de ter um clima favorável à saúde da esposa, havia muito o que fazer ali na área de missões.

Kalley sempre foi um missionário biocupacional e independente. Foi para Madeira três anos antes de David Livingstone (1813-73) ir para a África. Sofreu violenta perseguição da parte do clero católico em Funchal, capital da Ilha da Madeira, território ultramarino de Portugal. Em 1843, passou cinco meses no cárcere e, dois anos e meio depois, no dia 9 de agosto de 1846, obrigaram-no a fugir da ilha para não ser morto. Nessa ocasião, Kalley, com 37 anos, disfarçou-se de uma velha senhora, cobriu-se de um lençol branco e deixou-se levar em uma rede até a praia, onde tomou um escaler que o conduziu ao navio inglês que estava ancorado no mar. Foi assim que conseguiu escapar da fúria do bispo local. Trabalhou sem o respaldo de qualquer entidade missionária. Foi ordenado em Londres em 1839, com a idade de 30 anos, não por uma denominação, mas por um grupo de pastores de denominações diferentes. De agosto de 1846, quando deixou a Madeira, depois de oito anos de trabalho, a agosto de 1855, quando chegou ao Brasil, Kalley missionou em Malta (1847-49) e na Palestina (1850-52), além de visitar suas ex-ovelhas portuguesas dispersas pelas Antilhas e nos Estados Unidos. Foi nesse país que ele leu o livro *Sketches of Residence and Travel in Brazil*, do missionário metodista Daniel Kidder, que passou alguns anos no Brasil, "país 20 vezes maior que a Grã-Bretanha e a Irlanda"[6]. A partir daí, o missionário *free-lancer* resolveu vir para o Brasil, onde permaneceu 21 anos, de maio de 1855 a julho de 1876.

A primeira esposa de Kalley morreu em Beirute, no Líbano, em janeiro de 1852. Em dezembro do mesmo ano, com a idade de 43 anos, ele se casou com a rica e talentosa escocesa Sarah Poulton, de 29 anos, que conheceu em Safed, na alta Galiléia.

Três anos depois de sua chegada ao Brasil, Kalley fez seu primeiro batismo e organizou a primeira igreja (11 de julho de 1858). Exceto o batizado daquele dia, Pedro Nolasco de Andrade, os quatorze membros da denominada Igreja Evangélica eram estrangeiros: dois escoceses (Kalley e Sarah), três norte-americanos e oito portugueses. Mais tarde, em 1868, para distingui-la da congregação presbiteriana

fundada por Ashbel G. Simonton, a igreja passou a chamar-se Igreja Evangélica Fluminense, nome pelo qual é conhecida até hoje.

Kalley é responsável por um fato muito curioso: ele trouxe para o Brasil algumas de suas ovelhas madeirenses para ajudá-lo em seu ministério, especialmente no trabalho de colportagem (venda de Bíblias). Isso significa que o Brasil não foi evangelizado apenas por anglo-saxões, mas também por portugueses.

Deve-se ao casal Kalley a publicação do primeiro hinário brasileiro, chamado *Salmos e hinos*, publicado em 1861, a princípio com dezoito salmos e 32 hinos. Num período de 121 anos, entre a primeira edição e a 12ª tiragem da 5ª edição (1975), houve 72 lançamentos de *Salmos e hinos*. Na tiragem de 1959, com 608 hinos a autoria de 72 desses hinos era de Sarah Kalley e treze, do próprio Kalley.

Embora fosse congregacional, mas de origem presbiteriana, Kalley era "alheio a estreitos denominacionalismos e a fórmulas rígidas de credo"[7]. A Igreja Evangélica Fluminense, por ele fundada, veio a ser matriz da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil.

Kalley morreu aos 79 anos em Edimburgo, em 17 de janeiro de 1888. Quem pregou no sepultamento foi Hudson Taylor, o famoso missionário na China. A esposa partiu 19 anos depois, em 1909, com a idade de 74 anos.

Notas

[1] PORTO FILHO, M. *A epopéia da Ilha da Madeira*. Rio de Janeiro: 1987. p. 15.

[2] LÉONARD, Émile-G. *O protestantismo brasileiro*; estudo de eclesiologia e história social. São Paulo: ASTE, 1952. p. 49.

[3] TESTA, Michael P. *O apóstolo da Madeira*. Lisboa: Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, 1963. p. 7.

[4] In: ____. ____. p. 6.

[5] In: PORTO FILHO, M. *A epopéia da Ilha da Madeira*. Rio de Janeiro: 1987. p. 19.

[6] PORTO FILHO, M. *A epopéia da Ilha da Madeira*. Rio de Janeiro: 1987. p. 124.

[7] TESTA, Michael P. *O apóstolo da Madeira*. Lisboa: Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, 1963. p. 109.

16.

Americano jovem e solteiro desembarca como missionário no porto do Rio de Janeiro

Em 1859, foram lançados três livros que redirecionaram muita gente: *A origem das espécies*, de Charles Darwin, *Crítica da política econômica*, de Karl Marx, e *O que é espiritismo*, de Allan Kardec. O planeta tinha um bilhão de habitantes. A população dos Estados Unidos (30 milhões) era três vezes maior que a do Brasil (10 milhões), e a da capital do Império não passava de 250 mil habitantes. Dom Pedro II, o último imperador do Brasil, tinha então 37 anos.

Foi nesse ano, no dia 12 de agosto, que desembarcou no Rio de Janeiro o primeiro missionário presbiteriano. Era um jovem de 26 anos, solteiro, recém-formado no famoso seminário de Princeton e recém-ordenado ao ministério.

Embora nascido e criado dentro de uma família muito piedosa, cinco anos antes, Simonton ainda não havia feito sua pública profissão de fé em Jesus Cristo (cerimônia que marca a adesão pessoal do novo crente) e era estudante de direito. O que mudou por completo e para sempre o rumo de sua vida foi um avivamento espiritual ocorrido nas igrejas metodista, luterana e presbiteriana

de Harrisburg, na Pensilvânia, onde morava, no primeiro semestre de 1855. Chama-se de avivamento aquele sopro soberano de Deus que recoloca a igreja em seu primeiro amor. Em maio, Simonton professou a fé; em agosto, ingressou no seminário; e, em outubro, depois de ouvir um sermão de seu professor de teologia sistemática, Charles Hodge, considerado o maior teólogo do século XIX, fez opção por um ministério missionário transcultural em algum país estrangeiro. Dois anos depois, o jovem seminarista se encontrou com John L. Wilson, secretário da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, ex-missionário na África, e ficou sabendo dos planos daquela organização de incluir o Brasil em seus projetos. No ano seguinte (1858), Simonton se ofereceu para vir para o novo campo e foi aceito.

Descontando os dezesseis meses que passou nos Estados Unidos, de março de 1862 a setembro de 1863, quando voltou casado com Helen Murdoch, o ministério de Simonton no Brasil durou apenas sete anos. Não obstante, nesse curto período de tempo, o jovem missionário fundou a primeira igreja (hoje a Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro), o primeiro jornal (*Imprensa Evangélica*), o primeiro presbitério (associação de igrejas numa determinada área geográfica), a primeira escola paroquial e o primeiro seminário. Recebeu em média dez profissões de fé por ano, escreveu sermões e poesias em português e participou da ordenação do primeiro pastor brasileiro, o ex-padre José Manuel da Conceição (1865).

Simonton viveu na metade exata do século XIX, pois nasceu dezessete anos antes de 1850 e morreu dezessete anos depois. Foram tempos muito difíceis porque, enquanto ele estava no Brasil, aconteceu nos Estados Unidos a Guerra da Secessão, que durou quatro anos (abril de 1861 a maio de 1865), matou mais de meio milhão de americanos, custou 15 bilhões de dólares e destruiu o país. Se isso não bastasse, quase na mesma época, deflagrou aqui na América do Sul a Guerra do Paraguai, mais prolongada que a guerra civil americana (mais de cinco anos), embora tenha feito menor número de vítimas (300 mil). Nessa época, as despesas do Império eram o dobro de sua receita.

Além do mais, Simonton teve de enfrentar a morte da esposa três meses depois de comemorar seu primeiro aniversário de casamento e nove dias depois do nascimento da filha. Ele trabalhou no Brasil dois anos solteiro e quatro anos viúvo.

O *Imprensa Evangélica* teve vida longa: circulou durante os 25 últimos anos do Império (de 1864 a 1889) e durante os três primeiros anos da República (de 1889 a 1892). Foi fundado em outubro de 1864, quatro meses depois da morte de Helen.

Na reunião do Presbitério do Rio de Janeiro em julho de 1867, menos de cinco meses antes de morrer prematuramente de febre amarela em São Paulo, Simonton propôs a seguinte estratégia missionária: 1) a santidade da igreja deve ser ciosamente mantida no testemunho de cada crente; 2) é preciso inundar o Brasil de Bíblias, livros e folhetos; 3) cada crente deve comunicar o evangelho a outra pessoa; 4) é necessário formar um ministério nacional idôneo; 5) escolas paroquiais para os filhos dos crentes devem ser estabelecidas.

Na época de Simonton, não havia abraços e beijos da parte da Igreja Católica Romana, mas também não havia grandes atritos. Procurava-se, porém, salvaguardar a igreja da maioria. Daí esta denúncia que aparece em um jornal católico: "Um brazileiro protestante sôa tão mal como o nome de traidor á seu paiz e ao seu Imperador"[1].

Nota

[1] *O Apóstolo*, periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade. p. 10, 12 jan. 1868.

17.

Metodistas começam em 1835, param em 1841 e recomeçam em 1867

Em 1839, o Padre Perereca, apelido do sacerdote e cronista Luís Gonçalves dos Santos, então um senhor idoso de 75 anos, publicou no Rio de Janeiro o pequeno livro *O catholico e o methodista*, no qual declarava que os metodistas eram os protestantes "mais obstinados no erro e atrevidos em propagá-lo até entre os católicos"[1] (O apelido Perereca era porque o padre, quando pregava, saltitava e arregalava os olhos.)

Um quarto de século depois, em 1864, o presidente dos Estados Unidos Abraão Lincoln, em plena guerra civil, um ano antes de levar um tiro na nuca, fez rasgados elogios aos metodistas: "A Igreja Metodista envia mais soldados ao campo de batalha, mais enfermeiros aos hospitais e mais orações aos céus do que qualquer outra"[2].

De fato, na primeira metade do século XIX, a Igreja Metodista Episcopal dos Estados Unidos, que não passava de uns 15 mil membros e oitenta pregadores no final do século anterior, tornou-se a maior denominação protestante do país, em razão de seu fervor

e métodos evangelísticos, principalmente nas novas regiões de fronteira, como Louisiana, Texas e Flórida. Era natural que esse entusiasmo afetasse também as missões estrangeiras. E um dos países visados foi o Brasil. Por esta razão, os primeiros evangélicos a tentar alguma coisa aqui foram os metodistas. A primeira medida tomada pela Conferência Geral da Igreja Metodista americana foi enviar o pastor Fountain Elliot Pitts para sondar o novo campo missionário. Essa viagem de exploração durou quase um ano, do terceiro trimestre de 1835 ao segundo trimestre do ano seguinte, e incluiu, além do Brasil, o Uruguai e a Argentina. Só no percurso entre Baltimore e Rio de Janeiro, o enviado especial gastou 52 dias.

Mal retornou Pitts aos Estados Unidos, levando na alma um relatório mais do que favorável à implantação do evangelho na América do Sul, os metodistas enviaram ao Brasil os dois primeiros missionários: R. Justus Spauding, em 1836, e Daniel Parish Kidder, em 1837. Os dois vieram com as respectivas esposas e permaneceram pouco tempo no país. Com a morte da jovem esposa em 1840 e com um filho para criar, Kidder foi o primeiro a voltar, depois de realizar um notável derrame de Bíblias em quase todas as províncias do Brasil. Spauding regressou no final de 1841, deixando no Rio de Janeiro uma congregação de quarenta membros, todos estrangeiros, mais tarde transformada na Union Church, uma igreja para estrangeiros de diversas denominações, existente até hoje.

Por causa de problemas internos, quase todos relacionados com a escravatura, a Igreja Metodista Episcopal dos Estados Unidos sofreu uma ruptura em 1844 e suspendeu por 25 anos o seu trabalho no Brasil. Os mesmos problemas provocaram divisões também nas igrejas presbiterianas, em 1837, e batistas, em 1845.

O recomeço só se deu em 1867, quando os congregacionais (desde 1855) e os presbiterianos (desde 1859) já estavam definitivamente instalados no país.

O quase cinqüentenário Junius E. Newman deixou a esposa e cinco filhos (dois deles adotivos) nos Estados Unidos e passou oito meses sozinho no Brasil. Em abril de 1868, morreu a esposa. Em junho de 1879, ele se casou novamente com uma viúva, sob as bênçãos de outro missionário metodista de 25 anos, que seria seu genro no Natal daquele mesmo ano. Newman passou 24 anos no Brasil e trabalhou a maior parte do tempo em Saltinho, no meio de colonos americanos nas proximidades de Campinas, no Estado de

São Paulo. Em uma breve residência em Piracicaba, em 1879, conseguiu granjear a simpatia de Prudente de Moraes, futuro presidente da República. Morreu em 1898, aos 76 anos.

O segundo missionário, John James Ranson, chegou ao Brasil muito jovem (22 anos) em 1876, nove anos depois de Newman, de quem se tornou genro. Teve a infelicidade de perder a esposa seis meses depois de casado, vítima de febre amarela. Tinha então 26 anos. Casou-se outra vez quatro anos depois. Foi taxado de incrédulo pelo jornal católico *O Apóstolo*. Em resposta, convidou os padres redatores a assistirem aos cultos "para verificarem que os metodistas não eram ateus nem desprezadores das leis do Brasil, como eles pensavam"[3]. Foi ele quem recebeu como membro da igreja o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque, sem batizá-lo outra vez (1879). Embora tenha alcançado a idade de 80 anos, Ranson permaneceu apenas dez anos e meio no Brasil, de fevereiro de 1876 a agosto de 1886. Seu último campo foi Juiz de Fora, em Minas Gerais, onde, três anos depois, seria fundado o famoso Instituto Granbery. Antes de voltar definitivamente para os Estados Unidos, com a idade de 32 anos, Ranson fundou o *Methodista Catholico*, que no ano seguinte receberia o nome de *Expositor Cristão*, até hoje órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. Diz-se que Ranson era "muito teimoso, inteligentíssimo e sem rival no púlpito"[4].

A essa altura, já se encontrava em Belém o missionário Justus H. Nelson, enviado pela Igreja Metodista do Norte dos Estados Unidos. Era um missionário biocupacional. Mantinha-se com uma e outra contribuição que vinha de seu país e com as aulas de inglês, alemão e português e "mais algumas matérias". Permaneceu em Belém por longos 45 anos (de 1880 a 1925).

O Instituto Granbery, por sua vez, recebeu este nome em homenagem a John C. Granbery, o primeiro bispo da igreja americana a visitar o Brasil. Fundado pelo missionário John McPherson Lander, de 31 anos, dois meses antes da proclamação da República, o Colégio Granbery sobre ser um estabelecimento de ensino superior, era também uma escola de profetas, o primeiro seminário metodista no Brasil.

A história de James William Koger, que chegou ao Brasil em 1881, com a idade de 29 anos, é muito parecida com a de Ashbel G. Simonton. Ambos morreram de febre amarela em São Paulo aos 34 anos e foram sepultados no Cemitério Protestante. Koger é autor de

uma grande proeza: conseguiu permissão para construir em São Paulo talvez o primeiro templo protestante com aparência externa de templo, prerrogativa da Igreja Católica até a proclamação da República. Só os templos católicos poderiam ter cruz, torre e sino. O templo de Koger, inaugurado no dia 1º de novembro de 1885, tinha uma torre. Três meses depois, sua mulher Fannie Koger ficou viúva e seus quatro filhos ficaram órfãos. Em setembro de 1886, o bispo Granbery levou a família enlutada para os Estados Unidos.

Parece que a morte bateu mais à porta dos metodistas do que à porta das outras denominações, embora todas tenham tido número impressionante de baixas. Casado e pai de um filho, o missionário John S. Mattison chegou ao Rio em julho de 1889, com a idade de 23 anos. Em maio do ano seguinte, a febre amarela o matou. Só teve tempo para assistir à transição entre o Império e a República do Brasil, evento histórico, aliás, intensamente desejado pelo governo americano, que estranhava ser o Brasil o único país não republicano da América do Sul.

Bernado de Miranda, o primeiro pastor metodista brasileiro, batizado por Koger no dia da organização da Igreja Metodista de São Paulo (1884) e ordenado pelo bispo Granbery em agosto de 1890, teve apenas seis meses de ministério. Morreu de febre amarela, como seu primeiro pastor, aos 28 anos. Pior aconteceu com seu irmão um ano mais novo, Ludgero de Miranda, convertido por causa de um sermão sobre a porta estreita e a porta larga (Mt 7.13-14) pregado pelo recém-chegado John William Tarboux, que seria o primeiro bispo metodista residente no Brasil. Depois de assistir em 1892 à morte da esposa em 2 de janeiro e a morte da filhinha em 5 de janeiro, ele mesmo morreu em 17 de janeiro, todos de febre amarela. Ludgero também era pastor e tinha a mesma idade do irmão quando morreu.

Naquele fim de século, houve outras mortes de pastores metodistas: José Celestino de Andrade morreu aos 33 anos, três anos depois de ordenado, e Bento Braga de Araújo morreu aos 27 anos, ambos de febre amarela. Este era "a mais cara esperança do metodismo brasileiro"[5], pois foi o segundo pastor brasileiro a se preparar nos Estados Unidos.

Em sete anos, de 1886 a 1893, a já naturalizada Igreja Metodista do Brasil perdeu cinco de seus mais jovens ministros: dois missionários americanos e três pastores brasileiros. A idade média

de quatorze pastores nacionais de 1886 a 1930 foi de 48,3 anos. O número desceria para 45,7, se entre eles não houvesse o pastor Antônio José de Melo, que morreu aos 82 anos, não obstante ter sido por quatro vezes ferido a bala, com a idade de 18 anos, na Guerra do Paraguai, na qual combateu. A idade média dos missionários americanos do mesmo período foi um pouco maior: 49,5 anos.

Notas

[1] In: REILY, Duncan A. *Metodismo brasileiro e wesleyano*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1981. p. 108.

[2] In: ____. ____. p. 215.

[3] In: ROCHA, Isnard. *Pioneiros e bandeirantes do metodismo no Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967. p. 37.

[4] ROCHA, Isnard. *Histórias da história do metodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1967. p. 53.

[5] ____. *Pioneiros e bandeirantes do metodismo no Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967. p. 66.

18.

General põe fogo na Junta de Richmond

Por mais de 300 anos, desde a chegada dos jesuítas, em 1549, até o início da imigração dos americanos do sul dos Estados Unidos, em 1866, o batismo cristão que se aplicava no Brasil era sempre por aspersão, tanto no meio católico como no meio protestante. Todas as denominações evangélicas existentes até então — luteranos, congregacionais e presbiterianos — batizavam por aspersão. Com a organização de uma igreja batista na colônia americana de Santa Bárbara, nas proximidades de Campinas, São Paulo, em setembro de 1871, o batismo por imersão começou a ser aplicado aos fiéis dessa denominação. Assim como a guarda do sábado caracteriza os adventistas, o batismo imersivo caracteriza os batistas. A ênfase dada a essa forma de batismo pelos novos missionários batistas, a partir de 1881, é tão grande, que, além das conversões ao evangelho de Jesus, havia também conversões ao batismo. Assim é que o metodista Antonio Teixeira de Albuquerque, o presbiteriano Cândido J. Mesquita e o congregacional Salomão Luiz Ginsburg submeteram-se ao novo batismo e tornaram-se batistas. Em 1883, Zachary Clay Taylor, menos de dois anos depois de ter vindo para o Brasil na

qualidade de missionário pioneiro, publicou na Bahia o livro *A bíblia sobre o batismo*. Quando um amigo sugeriu ao missionário que substituísse a imersão por uma "decente afusão", Taylor foi taxativo: "Eu vim ao Brasil para proclamar a lei de Deus e não legislar sobre ela"[1]. Em 1908, esse mesmo missionário foi a Portugal e rebatizou quinze membros da Igreja Batista do Porto, cujo batismo anterior considerou irregular.

Os batistas foram a quarta denominação evangélica a implantar igrejas no Brasil. Para entender essa demora é preciso lembrar a história dos doze espias enviados por Moisés à terra de Canaã. O relatório que eles deram a Moisés e ao povo não foi unânime. Dez deles exageraram e mencionaram mais os problemas do que a produtividade do território a conquistar: "A terra, pelo meio da qual passamos, é terra que devora os seus moradores e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura" (Nm 13.32). Já Calebe e Josué forneceram um relatório acentuadamente otimista: "Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra e no-la dará: terra que mana leite e mel" (Nm 14.8).

O mesmo aconteceu na história da missão batista. O missionário Thomas Jefferson Bowen (1814-1875) desempenhou o papel dos dez espias incrédulos e o general Alexandre Travis Hawthorne (1825-1899) fez o papel de Josué e Calebe.

Bowen havia sido missionário entre os iorubas na Nigéria. Por motivos de saúde, regressou aos Estados Unidos em 1856. Sabendo dos planos da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, com sede em Richmond, na Virgínia, que desde 1851 já cogitava de enviar um missionário para o Rio de Janeiro, Bowen se ofereceu para ocupar esse cargo. No início de 1860, ele desembarcou no Rio de Janeiro, apenas seis meses depois do pioneiro presbiteriano (Simonton) e quatro anos e meio depois do pioneiro congregacional (Kalley). Sua permanência no campo foi pouco mais de um ano. Por vários motivos, mormente por questões de saúde, Bowen, em 1861, retornou à pátria. Não se sabe exatamente o que ele disse aos seus superiores sobre o Brasil e os brasileiros. O fato é que, à vista de seu relatório, "a Junta ficou plenamente convencida de que os obstáculos eram tão grandes e tão pequena a esperança de vencê-los que não se justificava qualquer esforço para manter o trabalho missionário na América do Sul"[2].

Foram necessários vinte anos para a Junta de Richmond mudar de idéia e se interessar outra vez pelo Brasil, o que aconteceu graças ao entusiasmo do relator da comissão encarregada de estudar o assunto. Em seu relatório, o general Hawthorne explicou que "o Império do Brasil é tão grande como os Estados Unidos e todos os seus territórios, excluindo o Alasca, e tem uma população de cerca de dez milhões". Declarou ainda que "não há outro país ao alcance dos trabalhos missionários que seja mais convidativo ou que ofereça resultados maiores e mais prontos, com igual dispêndio de dinheiro e esforço"[3]. A acreditar em todas as referências ao país feitas por Hawthorne, o Brasil era o supra-sumo da ordem e da justiça na década de 1880, sob o reinado de Dom Pedro II: "o governo é justo e estável, sabiamente administrado, oferecendo ampla segurança de vida, liberdade e propriedade, governo que reconhece o mérito e pune prontamente os criminosos"[4]. Empolgada, a Junta resolveu recrutar missionários para o Brasil e nomeou Hawthorne para ser seu representante no Texas.

Mas, quem era esse general Hawthorne? Advogado bem sucedido antes da guerra civil americana (1861-65), Hawthorne se alistou no exército sulista e de tal maneira se distinguiu, que recebeu a patente de general. Com a derrota dos confederados, teve de começar a vida de novo. Veio, então, para o Brasil com a intenção de organizar uma colônia de imigrantes americanos. Esteve pessoalmente com Dom Pedro II, que lhe deu carta branca para viajar em qualquer parte do país às expensas do governo. Chegou a escolher uma área ao sul da Bahia. Acabou mudando de idéia e permaneceu nos Estados Unidos, onde, em 1880, aceitou o evangelho, depois de ter perdido a filha única de doze anos. Nesse mesmo ano, Hawthorne compareceu à assembléia da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos e fez seu dramático discurso em favor do Brasil. Mais tarde, ordenou-se pastor. Foi ele quem descobriu os dois primeiros missionários a vir para o reaberto campo missionário brasileiro: William Buck Bagby, de 25 anos, e Zacarias Clay Taylor, de 31. Foi também Hawthorne quem celebrou o casamento de Zacarias e Kate no Natal de 1881, duas semanas antes de embarcarem para o Brasil.

Bagby nasceu no ano em que Kalley chegou ao Rio de Janeiro e sua esposa Ann Luther, no ano em que Simonton aportou aqui. Ambos descendiam de huguenotes franceses. Estavam tão interessados por missões e pelo Brasil, que "viriam com ou sem nomeação"[5].

Taylor era quatro anos mais velho que Bagby e sua esposa Kate Stevens, três anos mais nova que Ann Luther. Assim como Kalley, Kate desejava ir para a China antes de ser persuadida a vir para o Brasil. Uma das influências que Taylor recebeu foi a leitura de uma edição ampliada do livro de Daniel Kidder, o mesmo que chamou a atenção de Kalley para o Brasil.

O casal Bagby alcançou idade muito avançada, sobretudo naquela época. Ambos morreram aos 83 anos. A primeira esposa de Taylor precisou amputar uma das pernas por causa de um tumor maligno quando estava grávida do quarto filho. Morreu aos 32 anos. Taylor casou-se em segundas núpcias, no ano seguinte, com Laura Barton, ex-missionária na China. Foi ela que fundou na Bahia, em 1898, o primeiro colégio batista brasileiro. Taylor, Laura e uma filha morreram no mesmo dia, em 1919, vítimas de um maremoto que atingiu a cidade de Corpus Christ, no litoral do Texas.

Depois de permanecer algum tempo na colônia americana de Santa Bárbara e em Campinas, para aprender a língua, Bagby e Taylor começaram a orar pedindo a direção de Deus quanto à região onde deveriam iniciar o trabalho missionário. Passando por Barbacena, em Minas Gerais, eles puseram o mapa do Brasil e os joelhos no chão do quarto do hotel onde se hospedavam e oraram ao Senhor. Ao se levantarem, estavam decididos a se fixarem na segunda maior cidade do Brasil na época, com 250 mil habitantes: Salvador. Além do mais, era um campo "quase desocupado"[6]. Enquanto no Rio de Janeiro havia de seis a oito missionários, na Bahia havia somente dois. Ambos eram presbiterianos e americanos do Norte dos Estados Unidos.

Além das famílias Bagby e Taylor, veio também a família de brasileiros Antonio Teixeira de Albuquerque, de 42 anos, ex-sacerdote católico convertido no ambiente metodista e agora, pastor batista. Por três meses, as três famílias, compostas de doze pessoas, incluindo uma criança dos Bagby, quatro filhos dos Albuquerque e a empregada doméstica, moraram em uma mesma casa de três quartos. A cozinha, a sala de jantar e a sala de visitas eram de uso comum. A comitiva missionária chegou a Salvador no dia 31 de agosto de 1882. Um mês e meio depois, no dia 15 de outubro, organizaram a primeira Igreja Batista brasileira. Os cinco membros fundadores foram exatamente os dois casais de missionários americanos e o pastor Albuquerque, cuja esposa preferiu, naquele momento, continuar metodista. As primeiras adesões à nova igreja foram, pouco mais

tarde, a empregada doméstica, a senhora Albuquerque e a irlandesa Mary O' Rorke. A essa altura, a igreja tinha em seu rol três homens e cinco mulheres, sendo três deles brasileiros e os demais, estrangeiros.

Como a freqüência aos cultos começou a diminuir, os três missionários resolveram "colocar um Novo Testamento no bolso e sair para as ruas, entrar nas lojas e armazéns, em qualquer lugar onde pudéssemos encontrar uma ou mais pessoas para ouvir". Era a bem-sucedida prática do evangelismo pessoal.

Dois anos depois, em julho de 1884, Bagby mudou-se para o Rio de Janeiro, naquele tempo com meio milhão de habitantes. Da capital do Império, viajava para o interior das províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Dezesseis anos mais tarde mudou-se para São Paulo, onde permaneceu por 27 anos. Ali a esposa de Bagby fundou, em 1902, o que hoje é o Colégio Batista Brasileiro. Em 1927, com 72 anos de idade, Bagby se transferiu para Porto Alegre, continuando a pregar o evangelho até pouco antes de morrer, onze anos depois. Bagby estava convencido de que o principal trabalho de um missionário estrangeiro não era pastorear igrejas, mas pregar o evangelho em muitos campos, fixando residência em certos centros.

Taylor permaneceu mais algum tempo em Salvador. Gostava de escrever e produzir literatura evangélica. Fundou o primeiro jornal batista *O Eco da Verdade*, em 1886, cujo nome mudou duas vezes, primeiro para *A Verdade* e, depois, para *A Nova Vida*. Enquanto o ministério de Bagby no Brasil durou 58 anos, o de Taylor durou 27.

Apesar de todos os esforços, o trabalho batista começou a crescer mais do que o de outras denominações apenas a partir do século XX. Até então eram os presbiterianos que tinham melhores resultados.

Notas

[1] In: PEREIRA, J. Reis. *História dos batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p. 28.

[2] PEREIRA, J. Reis. *História dos batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p. 10.

[3] In: ____. ____. p. 12.

[4] In: ____. ____. p. 12.

[5] PEREIRA, J. Reis. *História dos batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p. 17.

[6] Id., ibid. p. 22.

19.

Ex-alunos do Seminário Teológico de Virgínia vêm para o Brasil

Um telegrama de quatro palavras foi mais do que suficiente: "Enviem-me com Morris". Quem assinava a lacônica mensagem era um formando do Seminário Teológico de Virgínia, de 27 anos, chamado Lucien Lee Kinsolving. Quem a recebia era a comissão executiva da Sociedade Missionária da Igreja Americana, do ramo anglicano. O tal Morris, citado no telegrama, era James W. Morris, de 30 anos, colega de turma de Kinsolving e presidente da sociedade missionária dos estudantes do seminário.

O "eis-me aqui, envia-me a mim" (Is 6.8) de Kinsolving foi um alívio para a junta missionária reunida em Nova York, em maio de 1889. Desde dezembro do ano anterior (1888), eles haviam se comprometido a enviar dois missionários ao Brasil, mas a primeira tentativa fracassou com o impedimento dos candidatos R.A. Rodrick e F. P. Clark, por motivos de saúde. Para preencher uma das vagas, aceitaram Morris, que acabara de desistir de ir para o campo missionário do Japão, trocando-o pelo Brasil. E o outro? O outro bem poderia ser o rapaz do telegrama, Kinsolving, pois eles haviam resolvido enviar uma dupla de missionários, para seguir o exemplo

de Jesus, que dividiu os doze apóstolos (Mc 6,7) e os setenta discípulos (Lc 10,1) em grupos de dois. Acabada a reunião, Morris e Kinsolving eram, para todos os efeitos, os dois missionários. O resto aconteceu naturalmente e depressa: formatura no seminário no início de junho, ordenação ao diaconato em 29 de junho, ordenação ao presbiterato em 4 de agosto e embarque no vapor *Aliança* em 1º de setembro. No dia 30 daquele mês, os pioneiros da Igreja Episcopal do Brasil desembarcaram em Santos, então o maior porto de café do mundo. Mês e meio depois, foi proclamada a República e o Brasil deixou de ser Império, o que facilitou enormemente o trabalho de Morris e Kinsolving, já que o novo regime provocou a imediata desoficialização da Igreja Católica Romana e a plena liberdade de culto para todos os credos religiosos.

Embora tenham se conflitado na velha Inglaterra, embora tenham sistemas de governo e liturgias diferentes, presbiterianos e anglicanos estiveram muito próximos na história da implantação da Igreja Episcopal no Brasil, a começar em Alexandria, na Virgínia, onde ficava o seminário de Morris e Kinsolving, fundado em 1823. Ali perto, moravam duas senhoras presbiterianas muito piedosas e a sobrinha delas de 24 anos, chamada Helen Murdoch Simonton, nascida no Brasil, filha única e herdeira dos pertences de Ashbel Green Simonton, o pioneiro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Por causa do ambiente acolhedor, os seminaristas iam com freqüência àquela casa. Foi lá que eles descobriram o Brasil, por meio das conversas com Helen e do material histórico que ela lhes mostrava, inclusive o folheto *The Brazilian Leaflet*, que continha propaganda do trabalho missionário presbiteriano brasileiro. Em conseqüência de tudo isso, "a atmosfera do Seminário Teológico de Virgínia estava pejada de viva simpatia para com o Brasil"[1].

Morris e Kinsolving ainda não tinham viajado para o Brasil quando, por troca de correspondência, os presbiterianos sugeriram que os episcopais começassem seu trabalho no estado mais meridional da República, o Rio Grande do Sul. Mal chegados ao Brasil, os dois pioneiros passaram seis meses em Cruzeiro, São Paulo, para aprender a língua com o pastor presbiteriano Benedito Ferraz. Depois, seguiram para Porto Alegre na companhia de um casal de presbiterianos de São Paulo, Boaventura e Inês de Souza e Oliveira, carregando no bolso uma carta de apresentação escrita por Eduardo Carlos Pereira, pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo, e dirigida

a Vicente Brande, membro de sua igreja e diretor de um colégio misto na capital gaúcha. Mais tarde, tanto Boaventura como Vicente tornaram-se ministros episcopais. A última nota interessante sobre esse notável relacionamento entre as duas denominações foi a transferência da congregação presbiteriana de Rio Grande, no litoral do Rio Grande do Sul, para os episcopais em agosto de 1891.

Filho, irmão e pai de ministros episcopais, Kinsolving, como Helen, ficou órfão de mãe com poucos dias de vida. Passou quarenta anos no Brasil e foi o primeiro bispo episcopal em território brasileiro. Certa feita, ao receber uma homenagem em Jaguarão, declarou: "Se pudésseis abrir meu coração, leríeis nele gravado em letras indeléveis, este nome — Brasil!"[2] Por causa desse entusiasmo transparente, Kinsolving, na semana seguinte à sua sagração como bispo, conseguiu levantar, em um único domingo, na Igreja de São Bartolomeu, nos Estados Unidos, a quantia de 15.800 dólares para a missão brasileira.

Uma das denominações protestantes mais chegadas à Igreja Católica Romana, por que a Igreja Episcopal enviou missionários para evangelizar o Brasil, naquela época um país quase todo católico, excluindo apenas os imigrantes protestantes e pequenos rebanhos congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas? Alguns líderes episcopais se opuseram a esse projeto, que acabou vitorioso por razões que foram, então, bem aceitas. Uma delas era a escassez de padres. Kinsolving relatou que Rio Grande, com 25 mil habitantes, e Jaguarão, com 15 mil, cada uma tinha apenas um sacerdote. Já Pelotas, com 45 mil, e Santa Maria, com 20 mil, cada uma possuía dois padres. Morris observou que os dois padres de Santa Maria "não exerciam nenhuma influência sobre o povo, que se conservava em trevas, quanto ao plano da salvação"[3]. Outro problema era o cansaço da pregação e do fervor evangélico. A Igreja Católica não ensinava o evangelho e contentava-se com as formalidades religiosas de ir à missa, confessar-se, batizar-se, casar-se e enterrar os seus mortos. Onde não havia padres, o povo ficava entregue a si mesmo.

Poucas missões cresceram tão depressa em sua fase inaugural como a missão episcopal. Em oito anos de trabalho, a jovem igreja já tinha 301 eclesianos e quatro pastores brasileiros, tudo concentrado até então no Rio Grande do Sul. O seminário foi aberto em junho de 1903, já com oito alunos e quatro professores. Dois dos professores haviam chegado ao Brasil dezessete anos antes, em 1891, por mera

coincidência, a bordo do mesmo vapor *Aliança*, que havia trazido Morris e Kinsolving. Com William Brown e John Meen, veio a primeira missionária episcopal, Mary Packard, filha do reitor do Seminário de Virgínia.

Uma das razões pelas quais o Seminário de Virgínia tornou-se um celeiro de missionários foi a atuação de uma curiosa organização chamada Aliança Missionária de Seminários, cujo objetivo era criar e desenvolver consciência missionária entre os estudantes de teologia das diferentes denominações evangélicas dos Estados Unidos.

Lucien Lee Kinsolving morreu em 1929, aos 67 anos, e foi sepultado no mesmo cemitério onde estavam os corpos do Bispo Payne, pioneiro da Igreja Episcopal na Nigéria, e de outros pioneiros na China e no Japão. Quando era seminarista, quarenta anos antes, Kinsolving havia passado algumas horas da noite em oração diante do túmulo do bispo Payne, em busca da direção de Deus quanto ao Brasil, influenciado pelo epitáfio, que dizia: "Ele deu 33 anos ao campo missionário". Alguém deveria ter escrito no epitáfio de Kinsolving: "Ele deu 40 anos ao campo missionário".

Notas

[1] IVO. *Kinsolving*. Porto Alegre: Ecclesia, 1961. p. 13.

[2] Id., ibid. p. 9.

[3] Id., ibid. p. 40.

20.

Ex-padre troca o púlpito pela evangelização pessoal

No dia 9 de outubro de 1864, aconteceu algo inusitado no salão de cultos da rua do Regente, nº 424, no centro do Rio de Janeiro, sob os olhares de quase todos os crentes das duas únicas igrejas evangélicas da capital do Império e de vários curiosos. Quem estava pregando naquele domingo era um homem corpulento de 42 anos, que havia sido sacerdote católico e ainda não era pastor protestante, nem sequer havia feito sua pública profissão de fé evangélica. Chamava-se José Manuel da Conceição. O salão abrigava a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, organizada menos de três anos antes. O pastor era o missionário americano Ashbel Green Simonton, de 31 anos, cuja esposa havia morrido em junho.

Duas semanas depois, em 23 de outubro, o salão voltou a se encher. Desta vez todo mundo queria assistir à profissão de fé e ao batismo do ex-padre. Quem o batizou foi o segundo missionário presbiteriano a vir para o Brasil, Alexander Latimer Blackford, residente em São Paulo, sete anos mais moço que o batizando. Os dois já se conheciam desde novembro do ano anterior, quando Blackford foi à casa de Conceição, em um sítio próximo a Rio Claro,

São Paulo, ao saber que ele era chamado de "padre protestante". Depois do batismo, Simonton entregou uma pequena mensagem e Conceição deu testemunho de sua conversão.

No dia seguinte, 24 de outubro de 1864, segunda-feira, três homens se puseram de joelhos e entregaram à direção e ao controle de Deus suas próprias vidas e o primeiro jornal evangélico do Brasil e de toda a América Latina, cujos originais estavam enviando para a tipografia Perseverança, na rua do Hospício, 99, ao qual deram o nome de *Imprensa Evangélica*. Eram Simonton, Blackford e Conceição. O objetivo era puramente evangelístico: alcançar pela palavra escrita os não-alcançados pela palavra falada. Além do mais, o novo órgão de imprensa publicaria artigos em defesa de reformas legais necessárias à completa liberdade de culto. O periódico seria remetido aos jornais da corte, às autoridades, a padres selecionados e a outros possíveis leitores atentos, fora as assinaturas pagas.

Os acontecimentos do dia 23 (profissão de fé de Conceição) e do dia 24 (dedicação da *Imprensa Evangélica*) foram tão significativos, que é difícil dizer qual dos dois é mais importante. O ministério de Conceição foi *sui generis* e durou nove anos (de fevereiro de 1865 a dezembro de 1873) e o ministério da *Imprensa Evangélica* durou 28 anos (de novembro de 1864 a julho de 1892). Graças ao ministério de Conceição, o evangelho se espalhou por várias dezenas de cidades das províncias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro e, em Brotas, São Paulo, organizou-se a maior igreja evangélica do país por alguns anos. Graças ao ministério da *Imprensa Evangélica*, o evangelho se espalhou no meio das autoridades civis e religiosas, além de contribuir em muito para acabar com os privilégios de uma só religião. Tem-se notícia de que Saldanha Marinho, o filho do Regente Feijó, a filha de um marechal e alguns padres eram leitores do jornal.

José Manuel da Conceição nasceu em São Paulo no ano da independência do Brasil, em 11 de março de 1822. Foi batizado aos 13 dias de vida na Sé de São Paulo, tendo como padrinho o padre José Francisco de Mendonça, irmão de seu avô. Aos 2 anos, foi morar com o tio-avô em Sorocaba. Dez anos mais tarde, matriculou-se na escola do padre Jacinto Heliodoro de Vasconcelos e estudou aritmética, geometria, gramática, história sagrada e catecismo. Tomou também aulas de desenho e pintura com o pintor francês que decorava a matriz de Sorocaba.

Em 1840, com a idade de 18 anos, mudou-se para São Paulo com o propósito de preparar-se para o sacerdócio. Começou a ler a Bíblia. Como não havia seminário organizado, estudou filosofia, retórica, francês e teologia aqui e ali. Fez amizade com o beneditino frei Joaquim do Monte Carmelo, mais tarde cônego da Sé de São Paulo. Uma vez aprovado nos exames, recebeu a *prima tonsura*, a marca visível de que se iniciava no clericato. Porque as ordenações foram temporariamente suspensas, Conceição só foi ordenado diácono dois anos e meio depois, em setembro de 1844.

Nesse período deu assistência religiosa não na matriz de Sorocaba, onde o tio-avô ainda era pároco, mas em uma vila próxima da cidade, chamada Ipanema, onde havia uma fundição de ferro na qual trabalhavam escravos e operários alemães, sob a chefia de um inglês chamado Godwin. Viveu também ali o médico dinamarquês João Henrique Theodoro Langaard. Eram quase todos evangélicos. O jovem futuro padre, de 20 anos, fez amizade com eles e ensinou português ao médico em troca de algumas aulas de alemão. Ficou impressionado como as 27 famílias alemãs se portavam em dia de domingo. Eles liam a Bíblia e outros livros evangélicos, reuniam-se em família, cultuavam a Deus e descansavam. Nada de botequins nem bebedeiras.

Ordenou-se diácono aos 22 anos e presbítero no ano seguinte. Em dezenove anos de sacerdócio (de julho de 1845 a setembro de 1864), Conceição foi transferido de paróquia em paróquia, todas na província de São Paulo: Limeira, Piracicaba, Monte Mor, Taubaté, Ubatuba, Santa Bárbara, outra vez Limeira e Brotas. A pequena permanência em cada lugar não reflete alguma inconstância da sua parte, como bem explica seu amigo frei Monte Carmelo: "Não o deixavam esquentar lugar"[1]. Foi a melhor estratégia que os bispos usaram para proteger seus fiéis de uma influência demorada daquele pároco que já era chamado, à boca pequena, de padre protestante. Pois ele ensinava que a Bíblia é a Palavra de Deus e não uma heresia. Não dava muita importância às imagens nem à confissão auricular.

Em Ubatuba, Conceição leu livros importados da Europa sobre história, botânica, anatomia e homeopatia e traduziu do alemão a *História sagrada do Antigo e do Novo Testamento*, que veio a ser publicada pelo livreiro Henrique Laemmert em 1857. Adquiriu alguns conhecimentos de medicina para aliviar o sofrimento de seus paroquianos.

Por dentro o coração cada vez mais abrasado, por fora o cerco cada vez mais fechado, Conceição sentia-se um cão amordaçado. A Igreja Católica Romana estava mudando, é verdade, mas em sentido contrário, rumo ao Concilio de Trento, de 300 anos atrás. Já havia Seminário Diocesano em São Paulo. Todos os professores eram capuchinhos pessoalmente escolhidos e enviados pelo papa. O novo catecismo, acentuadamente ortodoxo, era de uso obrigatório em igrejas e escolas. Conceição era um homem sedento. Queria um cristianismo mais bíblico, mais cristocêntrico, mais puro, mais transformador. A princípio, não pensou em passar para o lado protestante. Desejava uma reforma dentro de sua igreja, o que começou a lhe parecer impossível. Pouco depois de completar 41 anos, em março de 1863, mandou uma carta ao novo bispo de São Paulo, D. Sebastião Pinto do Rego, expondo seus problemas e comunicando a resolução de abandonar a paróquia.

O primeiro encontro de Conceição com um pregador evangélico aconteceu em sua própria casa, nas proximidades de Rio Claro, em novembro de 1863, por iniciativa de Alexander Blackford. A visita foi breve. Conceição portou-se como um cavalheiro. Blackford evitou temas polêmicos. A conversa girou em torno da obra redentora realizada por Jesus. Ambos estavam de comum acordo a respeito dos textos bíblicos lidos. O missionário se retirou convicto de que o padre estava bem esclarecido sobre a ação do Espírito Santo. Para Conceição, aquela visita foi como a visita de um mensageiro de Deus. Blackford deixou sobre a mesa exemplares da Bíblia e folhetos evangélicos, que Conceição levou para Brotas e lá distribuiu. Depois do encontro, os dois passaram a trocar correspondência.

Em maio de 1864, seis meses depois, Conceição viajou até São Paulo para se encontrar com "três amigos". Um deles era exatamente Blackford, casado com Elizabeth, irmã de Simonton, pastor da tal igreja da rua do Regente, no Rio de Janeiro. Simonton havia aconselhado o cunhado a não forçar a barra, isto é, "tomar toda cautela de não conduzir o padre a uma declaração prematura de abandono da Igreja Romana, visto que isso o envolveria em uma controvérsia para a qual ele se achava mal preparado". Mas foi Elizabeth que, sem mais nem menos, ao entrar na sala onde Blackford e Conceição trocavam idéias, meteu-se na conversa e convidou o padre a passar da igreja romana para a igreja evangélica. Embaraçado, Conceição nada respondeu.

De volta ao seu sítio em Corumbataí, Conceição pôs-se a estudar com vagar as doutrinas evangélicas. Em setembro, tornou a visitar Blackford em São Paulo e assistiu pela primeira vez na vida a um culto evangélico. Pediu e obteve uma audiência com o bispo Dom Sebastião. No mês seguinte, foi para o Rio de Janeiro, pregou seu primeiro sermão em uma igreja não católica romana e professou sua fé em Jesus Cristo, por meio da qual tornou-se evangélico (23 de outubro de 1864).

Menos de quatro meses depois, o recém-organizado Presbitério do Rio de Janeiro ordenou ao ministério o primeiro pastor brasileiro, ninguém menos que o ex-padre protestante, José Manuel da Conceição, poucos dias antes de completar 43 anos. A cerimônia foi realizada em São Paulo no dia 17 de fevereiro de 1865. Isso aconteceu cinco anos e meio depois da chegada do primeiro missionário presbiteriano ao Brasil. A essa altura, só havia quatro ministros presbiterianos no país: dois americanos (Simonton e Blackford), um alemão naturalizado americano (Francis Joseph Christopher Schneider) e um brasileiro (Conceição).

O ministério de Conceição como pastor evangélico tem sido objeto de muita curiosidade e pesquisa. Embora nunca tenha se indisposto com seus colegas americanos, Conceição seguiu o seu próprio caminho e não o modelo que lhe foi apresentado. A maior preocupação dele era visitar e revisitar suas ex-paróquias para corrigir seus ensinos anteriores e apresentar a nova mensagem. Não era homem de permanecer em um lugar só, pastoreando as ovelhas daquela igreja. Era um evangelista itinerante. Não alimentava ódio da Igreja Católica nem pregava a necessidade de passar de lá para cá. Como explica Antônio Gouvêa Mendonça, Conceição "só se dedicava a anunciar a mensagem nuclear da Reforma, a salvação pela fé em Jesus Cristo, e isso de sítio em sítio, de casa em casa, de cidade em cidade, viajando incansavelmente, quase sempre a pé e até a exaustão"[2].

Por meio de seus relatórios apresentados ao presbitério, a princípio, curtos demais e, depois, longos demais, é possível fazer uma lista mais ou menos completa das cidades visitadas por Conceição, algumas delas mais de uma ou duas vezes: Amparo, Angra dos Reis, Aparecida, Atibaia, Barra Mansa, Borda da Mata, Bragança Paulista, Brotas, Caçapava, Campanha, Campinas, Capivari, Caraguatatuba, Cotia, Guaratinguetá, Ibiúna, Itaquari, Itatiba, Itu,

Jacareí, Limeira, Lorena, Mogi Mirim, Nazaré, Ouro Fino, Parati, Pindamonhangaba, Piracaia, Piracicaba, Piraí, Porto Feliz, Queluz, Resende, Rio Claro, Santa Isabel, São José dos Campos, São Paulo, São Roque, Sorocaba e Taubaté. São ao todo quarenta cidades, 32 na província de São Paulo, cinco no Rio de Janeiro e três em Minas Gerais.

Conceição hospedava-se ora em hotéis ora em casa de ex-paroquianos ou algum conhecido. Se a hospedagem fosse demorada, procurava fazer algum trabalho doméstico ou tratar dos enfermos para retribuir o favor recebido. Às vezes recolhia-se em casa de algum ex-colega padre. Em uma dessas casas paroquiais encontrou vários números da *Imprensa Evangélica*. Tinha o costume de anotar nome e endereço das pessoas mais interessadas no evangelho para posterior visita de outros pastores. Em alguns lugares sofreu forte oposição. Em Campanha, por exemplo, já com 50 anos, foi apedrejado e deixado como morto na estrada. Em outro lugar, foi agredido a chicotadas e cacetadas por um fazendeiro e seus escravos. Nos primeiros anos, teve como companheiros de viagem os próprios missionários e alguns jovens candidatos ao ministério. Depois, viajava só. O trabalho para o qual se sentia especialmente chamado era o de abrir clareiras e lançar os alicerces. Não queria perder tempo com a organização das igrejas. Isso ficaria por conta dos missionários. Morria de medo da burocracia, por causa de sua experiência anterior na Igreja Católica. Era brasileiro, tinha temperamento diferente de seus colegas, adotava uma técnica missionária também diferente. Não se preocupava em destruir instituições para elevar outras. Era muito independente e às vezes, incompreensível. Quando católico era chamado de "padre protestante", quando protestante era chamado de "pastor louco". De vez em quando, Conceição era acometido de remorsos de ter sido padre e de ter pastoreado para o erro. Só ficou livre dessas crises quando se apropriou definitivamente da promessa de que "o sangue de Jesus nos purifica de todo o pecado" (1 Jo 1.7).

José Manuel da Conceição viveu 300 anos depois de seu xará José de Anchieta. Se o primeiro é chamado de "o apóstolo do Brasil", o segundo bem pode ser chamado, como sugere Boanerges Ribeiro, o seu mais conhecido biógrafo, "o apóstolo da Reforma no Brasil"[3], uma espécie de Lutero brasileiro. Assim como o reformador alemão, Conceição recebeu a sentença de excomunhão em 29 de dezembro

de 1866, dois meses e meio antes de completar 45 anos. Em abril do ano seguinte, o *Correio Paulistano* publicou a sentença. Três semanas depois, o mesmo jornal estampou a defesa de Conceição sob o título *Sentença de excomunhão e sua resposta*, mais tarde publicado também em forma de folheto (junho de 1867). No mesmo ano, logo depois de participar da reunião do presbitério no Rio de Janeiro, Conceição embarcou para os Estados Unidos, por insistência de Blackford e Simonton, para um ano de descanso e recuperação de forças físicas (agosto de 1868). Regressou em julho do ano seguinte e recomeçou suas costumeiras andanças pelo interior da província de São Paulo.

Só parou cinco anos depois, no Natal de 1873, na enfermaria de uma instalação militar em Vicente de Carvalho, no Rio de Janeiro, para onde havia sido levado depois de sofrer um desmaio em plena rua. Morreu ali mesmo, durante a noite, depois de ter pedido ao médico para "ficar a sós com Deus". Ninguém sabia quem era aquele estranho enfraquecido e pobremente vestido. O major Augusto Fausto de Souza, que autorizou o seu internamento, veio a se converter mais tarde e tornou-se o primeiro biógrafo de José Manuel da Conceição.

Embora desobrigado do celibato desde que se desligou da Igreja Católica, aos 42 anos, Conceição nunca se casou. Morreu com a idade de 51 anos. Três anos depois de ser enterrado como indigente, seus restos mortais foram trasladados para o Cemitério dos Protestantes, próximo ao Hospital das Clínicas de São Paulo (dezembro de 1876). A sepultura ao lado é a de Ashbel Green Simonton, morto seis anos antes de Conceição.

Notas

[1] In: RIBEIRO: Boanerges. *José Manuel da Conceição e a reforma evangélica.* São Paulo: O Semeador, 1995. p. 30.

[2] MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir;* a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 84.

[3] RIBEIRO: Boanerges. *José Manuel da Conceição e a reforma evangélica.* São Paulo: O Semeador, 1995. p. 89.

III.
Pentecostalização (Século XX)

21.

Operário italiano organiza em São Paulo a mais fechada igreja evangélica brasileira

Fundada em 1803 e quase totalmente destruída no grande incêndio de 1871, a cidade de Chicago tornou-se, no final do século XIX, um dos maiores centros industriais e comerciais dos Estados Unidos. Nela moravam milhares de famílias européias, inclusive italianos. Para lá se dirigiu um operário italiano de 24 anos, que sabia assentar mosaicos, chamado Louis Fancescon. Não obstante tenha sido evangelizado por um patrício logo ao chegar em Chicago, em 1890, Francescon só aceitou o evangelho em dezembro de 1891. Em março do ano seguinte tornou-se membro fundador da Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, da qual foi eleito diácono.

Dois anos depois, ao ler de joelhos em seu quarto o verso 12 do capítulo 2 da Epístola de Paulo aos Colossenses, Francescon disse que ouviu por duas vezes a voz de Deus que lhe dizia: "Tu não obedeceste a este meu mandamento". Muito embora o verso em questão não mencione explicitamente o batismo por imersão, o mosaísta entendeu que Deus estava lhe cobrando essa forma de

batismo. A relutância durou muito tempo: nove anos. Por fim, em uma segunda-feira, dia 7 de setembro de 1903, ainda verão nos Estados Unidos, Francescon deixou-se batizar por Giuseppe Beretta, provavelmente no Lago Michigan. Contava então com 37 anos e já era casado.

A essa altura, estavam acontecendo certas novidades no meio evangélico americano. Em Topeka, no estado mais central dos Estados Unidos, alguns alunos do instituto bíblico dirigido por Charles Parham começaram a ter experiências pentecostais. Um deles, William J. Seymour, negro e cego de um olho, foi pregar em Los Angeles, a convite da pastora de uma igreja do movimento da santidade *(holiness)*. O sucesso foi tal, que Seymour alugou um armazém na rua Azusa e deu início à sua Missão da Fé Apostólica. Como Los Angeles era a cidade que mais crescia naquela época, o movimento teve repercussão por todo o país e no exterior. Nascia naquele armazém e naquele ano (1906) o chamado século pentecostal, de modo mais visível, pois a experiência de Topeka teria sido em 1900.

No ano seguinte, uma das pessoas que receberam o chamado batismo com o Espírito Santo e falavam em línguas chegou a Chicago, onde a primeira a receber "a promessa do Espírito" foi Rosina Balzano, esposa de Louis Francescon.[1] Um mês depois, o fenômeno ocorreu com o próprio Francescon. E assim foi acontecendo com outras pessoas. Em setembro de 1909, depois de abandonar o emprego por ordem do Senhor, Francescon viajou para a Argentina e, depois, veio para o Brasil (março de 1910). Em São Paulo, relacionou-se com a enorme colônia italiana e começou a freqüentar a Igreja Presbiteriana do Braz, até provocar um cisma na comunidade por suas idéias sobre o ministério do Espírito Santo. Com os dissidentes presbiterianos e alguns batistas, metodistas e católicos, formou a Congregação Cristã no Brasil, menos de um ano mais antiga que a Assembléia de Deus e a maior igreja pentecostal brasileira até a metade do século.

Ao contrário de todos os outros pioneiros, Francescon nunca morou no Brasil. Fez onze visitas ao país de 1910 a 1948. Somando o tempo de permanência de cada viagem, chega-se à conclusão de que ele passou dez anos no Brasil.

Embora filha da mesma mãe (o movimento pentecostal da rua Azusa) e nascida quase no mesmo ano, a Congregação Cristã no Brasil é totalmente diferente da Assembléia de Deus. A igreja fundada por

Francescon é tremendamente sectária, às vezes se considera a única igreja certa, não tem o menor relacionamento com qualquer outra igreja, nem mesmo com as igrejas pentecostais. Não publica jornais, revistas de estudos bíblicos nem livros. Não se serve do rádio nem da televisão. Não se reúne em lugares públicos. A evangelização é feita por meio de evangelismo pessoal e por meio dos cultos, geralmente longos. Os que se salvam e se batizam foram ganhos porque eram predestinados e chamados por Deus para a salvação. Não há ministros ordenados nem burocracia eclesiástica. O pregador é suscitado na hora da pregação, por revelação de Deus. Os anciãos não são assalariados e dirigem a parte espiritual da congregação. A Ceia do Senhor é celebrada anualmente. Não há rol de membros, mas registra-se o número de batismos. A princípio, era tudo em italiano, mais tarde em italiano e em português e, agora, só em português.

Nos últimos 45 anos (de 1952 a 1996), a metade exata de sua história, a Congregação Cristã no Brasil já batizou 2.234.208 pessoas. Isso não significa que todos os batizados continuam na igreja, pois não há rol de membros que controle a entrada e a saída dos fiéis. Embora esteja presente em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal, a congregação é mais forte na região Sudeste, onde se encontram 47,3% de suas casas de oração (templos) e onde foram batizados 60,7% de todos os novos crentes em 1996. O Estado de São Paulo é o campeão em número de casas de oração (3.509) e de batismos (51.429 em 1996). Em seguida, vem Minas Gerais e Paraná. Curiosamente, o trabalho não se desenvolveu muito nos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Apenas 2,4% dos batismos de 1996 foram efetuados no Rio de Janeiro, contra 47,2% em São Paulo. Apenas 2,8% das casas de oração estão em território fluminense, contra 28,9% em território paulista. A Congregação cresce muito mais no interior dos estados, onde estão 81,3% de suas casas de oração, do que na periferia das capitais (10,7%) e nas capitais (8%).

Apesar de ser extremamente soberba por se considerar *a* obra do Senhor, não *uma* das expressões da obra do Senhor, a Congregação Cristã no Brasil é a denominação brasileira mais discreta quanto à sua liderança. Eles não praticam nem cultivam o culto da personalidade. Seus obreiros são os anciãos e os diáconos. Só em 1996, "o Senhor se comprouve em confirmar para o ministério de ancião" 236 homens e, para o ministério de diáconos, 263.[2] Destes,

40,2% dos anciãos e 46% dos diáconos servem a igreja no Estado de São Paulo. Ao contrário do que acontecia nos primórdios, poucos têm sobrenome italiano (Ragozini, Rubineli, Meneghin, Stephani, Momesso, Zaratini, Previdelli, Zanardi etc.).

Embora façam questão de evitar ao máximo a burocracia eclesiástica, a Congregação Cristã tem talvez o mais bem feito relatório religioso anual do Brasil. Impresso em papel-bíblia e com 536 páginas, a edição de 1997/1998 publica nome, endereço, telefone e a relação de anciãos e diáconos de cada uma das 12.132 casas de oração, em 3.996 cidades, de Estado em Estado. No caso da capital de São Paulo, o relatório inclui a tabela de dias e horários de culto de todos os seus 966 locais de adoração. E, por incrível que pareça, contém ainda nome, endereço, telefone, horário do culto e nome dos "servos que atendem" (anciãos ou diáconos) das casas de oração em 29 diferentes países, para que a "cara irmandade" participe do culto quando em viagem ao estrangeiro.

No que diz respeito à arrecadação de recursos, a Congregação Cristã é muito discreta. O fiel não pode contribuir por meio de cheque, para que o seu nome não apareça. Tem de ofertar dinheiro em espécie. Por não terem obreiros assalariados, quase toda a arrecadação é aplicada na construção das casas de oração, geralmente padronizadas. Em 1996, a Congregação forneceu 449.375 hinários e 149.343 Bíblias à irmandade, no valor total de 3 milhões e meio de reais. Curiosamente, foram distribuídos três vezes mais hinários do que Bíblias. Parece que as outras denominações evangélicas emprestam mais valor à Bíblia do que a Congregação.

Notas

[1] FRANCESCON, Louis. *Resumo de uma ramificação da obra de Deus, pelo Espírito Santo, no século atual.* São Paulo: 1958. p. 12.

[2] CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. Relatório n° 61, 1997-1998. São Paulo: 1998. p. 11.

22.

Missionários suecos fundam a maior denominação evangélica brasileira

O americano Ashbel era filho de médico. Os suecos Gunnar e Daniel eram filhos de sitiante e jardineiro, respectivamente. Os três nasceram em lares evangélicos e foram criados no temor do Senhor: Ashbel era presbiteriano, Gunnar e Daniel eram batistas. A vida de Ashbel foi afetada por um avivamento religioso ocorrido em Harrisburg, na Pensilvânia, na primeira metade de 1855. As vidas de Gunnar e Daniel foram afetadas por um avivamento ocorrido em Chicago por volta de 1909. Como conseqüência, os três se consagraram ao Senhor. O que chamou a atenção de Ashbel para missões transculturais foi um sermão de seu professor de teologia sistemática, Charles Hodge, pregado na capela do Seminário Teológico de Princeton, uma cidadezinha entre Nova York e Filadélfia, no estado de Nova Jersey, na primavera de 1855. Ashbel tinha então 22 anos. O que chamou a atenção de Gunnar e Daniel para missões transculturais foi uma profecia de um patrício e irmão na fé chamado Adolf Ulldin, proferida na cozinha de sua casa em South Bend, uma cidade no extremo norte do estado de Indiana, no verão de 1910. Naquele ano, Gunnar tinha 31 anos e Daniel, 26. Os três eram então

solteiros e sentiram claramente o chamado de Deus para exercerem seus ministérios no Brasil. O que levou Ashbel a se decidir pelo Brasil foi o desafio a ele apresentado pelo secretário da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. O que levou Gunnar e Daniel a se decidirem pelo Brasil foram os detalhes da visão de Adolf Ulldin: Deus os estava chamando para um lugar, em alguma parte do globo, que se chamava Pará, de clima muito diferente, e a viagem seria em um navio que sairia de Nova York em 5 de novembro daquele ano. Depois de pesquisarem em uma biblioteca, os dois jovens suecos descobriram que esse tal de Pará era um estado do Norte do Brasil. Os três, ainda solteiros, vieram para o Brasil: Ashbel desembarcou no Rio de Janeiro em agosto de 1859; Gunnar e Daniel desembarcaram em Belém do Pará, meio século depois, em novembro de 1910. Em obediência às indicações do Senhor, o americano Ashbel Green Simonton fundou a Igreja Presbiteriana do Brasil, e os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg fundaram as Assembléias de Deus do Brasil. Até hoje há quem julgue fantástica demais a chamada de Gunnar e Daniel. Entre estes estão os membros das denominações históricas. Até hoje há quem julgue racional demais a chamada de Ashbel. Entre estes estão os membros das denominações pentecostais. O certo, porém, é que Deus é soberano e fala "muitas vezes e de muitas maneiras" (Hb 1.1), até mesmo através de uma jumenta (Nm 22.28). O que se requer, em todos os casos, é a autenticidade do processo, que o tempo se encarrega de mostrar, como explicou ao sinédrio o sábio Gamaliel (At 5.33-39).

Gunnar Vingren e Daniel Berg nasceram em uma época difícil na história da Suécia. Entre 1867 e 1886, quase 450 mil suecos deixaram o país por causa da escassez de comida e de empregos. A maioria imigrou para o meio-oeste dos Estados Unidos. Era a chamada "febre dos Estados Unidos". Embora a situação tivesse melhorado, Daniel viajou para lá em 1902, com a idade de 18 anos, e Gunnar no ano seguinte, com a idade de 24. Os dois se conheceram em uma igreja sueca em Chicago no ano de 1909, dez anos depois da morte do famoso evangelista Dwight L. Moody, que viveu naquela cidade. A essa altura, Gunnar já tinha feito teologia em um seminário batista sueco e pastoreava uma igreja em Menominee, no Michigan, e Daniel trabalhava em uma quitanda em Chicago. Em uma conferência realizada na Primeira Igreja Batista Sueca de Chicago, Gunnar passou

pela experiência do chamado batismo com o Espírito Santo e falou em línguas. A partir daí, começou a pregar a doutrina pentecostal, porém a metade da igreja de Menominee não mais o quis como pastor. Assumiu, então, o pastorado de outra igreja batista sueca, desta vez em South Bend, na fronteira de Indiana com Michigan, e a transformou em uma igreja pentecostal. Uma de suas ovelhas era o tal Adolf Ulldin, que, pouco depois, anunciou-lhe o que ouvira da parte de Deus a respeito de seu ministério além-mar. Por inspiração do Espírito Santo, Daniel foi visitar Gunnar em South Bend e ali ouviu a mesma profecia que era dirigida também a ele. Em obediência a essa orientação, viajaram ambos para Nova York e lá encontraram, de fato, o navio *Clement*, que sairia na data indicada por Adolf: 5 de novembro de 1910. Por falta de recursos, compraram uma passagem de terceira classe. Duas semanas depois, com miseráveis noventa dólares no bolso, desembarcaram em Belém do Pará, sem saber uma palavra em português e sem alguém para recebê-los no porto. Assim começou a obra das Assembléias de Deus no Brasil.

Enquanto as denominações protestantes históricas começaram seu trabalho na região Sudeste (congregacionais, presbiterianos, metodistas e salvacionistas), no Rio Grande do Sul (luteranos e episcopais) e na Bahia (batistas), a Assembléia de Deus começou no extremo Norte do país. Os missionários pioneiros eram todos suecos, ao contrário do que acontecia da Bahia para o Sul, onde quase todos eram americanos e britânicos.

O Pará é 2,7 vezes maior que a Suécia, que tinha, na época, mais de cinco milhões e meio de habitantes. Em vez das precisas estações verão, primavera, inverno e outono, com as quais estavam acostumados, Gunnar e Daniel encontraram aqui um verão contínuo. Na Suécia, eles adoravam participar da festa que celebrava a volta do verão, entre os dias 19 e 26 de junho, dançando a noite toda ao redor de mastros com enfeites coloridos. Os dois jovens missionários chegaram ao Pará exatamente quando começou o declínio da economia da Amazônia, devido à queda da produção de borracha, provocada pelos mercados asiáticos.

Gunnar e Daniel eram muito diferentes no aspecto físico e nos dotes pessoais. Cinco anos mais jovem, Daniel tinha muita saúde e resistência física. Em compensação, Gunnar era mais preparado e se tornou, naturalmente, o líder do trabalho. O mais forte era "um

ganhador de almas incomum"[1], como diz Geziel Gomes. Praticava com sucesso colportagem (venda de Bíblias) e evangelismo pessoal, de casa em casa, quase de ilha em ilha, e "de enfermaria em enfermaria", quando já tinha 78 anos e estava internado em um hospital na Suécia. Além da mala cheia de Bíblias e folhetos, carregava sempre o seu violão, ao som do qual cantava hinos em português e em sueco para evangelizar. Era Gunnar quem mais pregava, quem mais batizava e quem mais ia consolidando e ampliando a obra com a organização de novos pontos de pregação e congregações. Morreu trinta anos antes de Daniel, quando faltava mês e meio para completar 54 anos.

Os missionários evangélicos do século XIX foram, em parte, beneficiados pela chamada pré-evangelização, realizada pela Igreja Católica Romana nos 300 anos anteriores à sua chegada ao Brasil (de 1549 a 1855). Os missionários pentecostais foram muito beneficiados pela evangelização realizada pelos missionários evangélicos nos 55 anos anteriores ao início de seu trabalho (de 1855 a 1910). Em alguns poucos casos, o trabalho das Assembléias de Deus começava com a pentecostalização de uma igreja evangélica já existente, como aconteceu com a Igreja Batista Sueca de South Bend, no início de 1910. Em outros casos, começava com alguns crentes que deixavam suas congregações de origem para abraçar a "novidade" pentecostal. Foi o que aconteceu em Belém do Pará e em muitos lugares por esse Brasil afora, especialmente nos primeiros anos. Todavia, o grosso mesmo da membresia das Assembléias de Deus procedia das trevas da ignorância religiosa e das trevas do pecado e da incredulidade.

Gunnar Vingren e Daniel Berg e a geração de pastores nacionais que surgiu com eles não anunciavam apenas Jesus. Pregavam "a salvação em Jesus e o batismo com o Espírito Santo". Esta era "a mensagem completa do evangelho"[2]. Tal pregação certamente encontrava guarida entre os crentes que, à semelhança dos discípulos de Éfeso, nem sequer sabiam da existência do Espírito Santo (At 19.2), por culpa da omissão de seus pastores. Encontrava guarida também entre os crentes cujos pastores atribuíam toda honra ao Espírito Santo sem, contudo, usar a nomenclatura teológica dos pentecostais.

Por algum tempo houve muito desgaste emocional e de tempo por causa do atrito entre as denominações plantadas na segunda

metade do século XIX e as Assembléias de Deus. Houve atitudes precipitadas, exageros e falta de amor de ambas as partes. O encarregado da congregação batista de Belém, Raimundo Nobre, acolheu os dois suecos no porão de sua casa e permitiu a participação deles nos cultos, o que redundou na divisão da igreja. Aborrecido e preocupado com essa situação, Raimundo escreveu um folheto de 27 páginas contra a pregação de Gunnar e Daniel, do qual mandou imprimir 20 mil exemplares, que foram enviados para as igrejas evangélicas de todo o Brasil. Gunnar ensinava que a *prova* do batismo com o Espírito Santo era falar em línguas. Anos depois, a declaração de fé oficial das Assembléias de Deus amenizou a questão, afirmando que falar em outras línguas conforme a vontade soberana de Deus é *evidência* do batismo com o Espírito. Da parte dos pentecostais, havia muita ênfase em línguas, revelações, curas e milagres. Daniel chamou de milagre o fato de um peixe ter pulado para dentro do barco quando os passageiros estavam com muita fome.

A primeira igreja pentecostal foi organizada em 18 de junho de 1911, seis meses depois da chegada dos dois suecos ao Pará, com o nome de Missão da Fé Apostólica, o mesmo nome dado por William Seymour à igreja da rua Azusa, em Chicago, cinco anos antes. O nome Assembléia de Deus foi adotado seis anos e meio depois, em janeiro de 1918.

Nenhuma denominação evangélica experimentou um crescimento tão rápido e tão grande como as Assembléias de Deus. Nos quatro primeiros anos (1911-1914) houve 384 batismos "nas águas". No final da primeira década, a nova denominação estava estabelecida em sete estados das regiões Norte (Pará e Amazonas) e Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas). Na década de 20, os assembleianos ocuparam os demais estados do Norte e Nordeste e começaram o trabalho nas regiões Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais) e Sul (Paraná e Rio Grande do Sul). Em 33 anos de história (de 1911 a 1944), já estavam instalados em todos os estados da Federação. Por ocasião da VIII Convenção Nacional das Assembléias de Deus, realizada em São Paulo, em 1947, o Brasil era o terceiro país em número de crentes pentecostais em todo o mundo, com 100 mil fiéis batizados.

As Assembléias de Deus não foram a primeira denominação a enviar missionários brasileiros para o exterior. Essa honra cabe à Igreja Presbiteriana, que enviou João Marques da Mota Sobrinho

para Portugal em dezembro de 1910, um mês depois da chegada de Gunnar e Daniel ao Pará. Mas os pentecostais realizaram a incrível façanha de enviar o brasileiro José Plácido da Costa, também para Portugal, nos primórdios da sua história, em abril de 1913, menos de dois anos depois da organização de sua primeira igreja em Belém.

Em junho de 1961, os assembleianos comemoraram seu jubileu de ouro no Maracanãzinho, com a presença de Daniel Berg, então com 77 anos, e de Ivar Vingren, filho do já falecido Gunnar Vingren. Seis anos depois, a denominação hospedou, no Rio de Janeiro, a VIII Conferência Mundial Pentecostal. No congresso mundial de setembro de 1997, havia 700 mil assembleianos no Campo de Marte, no dia do encerramento, que contou com a presença do presidente da República Fernando Henrique Cardoso e do governador do Estado de São Paulo Mário Covas.[3]

Notas

[1] In: BERG, Davi. *Daniel Berg — enviado por Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 259.

[2] ALMEIDA, A. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982. p. 189.

[3] CÉSAR, Elben M. L. Assembleianos no Campo de Marte. *Ultimato*, nº 250, p. 58, jan./fev. 1998.

23.

Tenente-coronel diz que o homem de negócio sonega o fisco e o comerciante sonega a alfândega

Em 1865, o pastor metodista William Booth, nascido em Nottingham, na Inglaterra, e criado na pobreza, fundou em Londres a Missão Cristã. William e sua esposa Catherine tinham então 36 anos. O objetivo do casal era declarar guerra à pressão da pobreza e ao poder do pecado. Em 1878, treze anos depois, o nome da Missão Cristã foi trocado por Exército de Salvação. Naquela época, dizia-se e ensinava-se que havia níveis de vida determinados por Deus, e que a miséria era um deles. Booth denunciava o salário de fome pago pelas fábricas, trazia à tona condições sociais escandalosas, desmascarava imoralidades, reconciliava famílias e oferecia casa, comida, emprego e cuidados médicos aos infortunados, e ainda pregava o evangelho às meretrizes, aos bêbados e aos vagabundos. Além de ser um ardoroso evangelista, William Booth era um excelente administrador, "o melhor organizador no mundo inteiro"[1], no dizer do Lord Wolseley. A princípio zombado e perseguido por suas idéias, Booth recebeu várias homenagens antes de morrer em 1912, aos 83 anos: cidadão emérito de Londres, doutor emérito da

Universidade de Oxford e os convites para a coroação do rei Eduardo VII e para a abertura de uma das sessões do senado dos Estados Unidos. O Exército de Salvação é a organização beneficente que mais atrai apoio financeiro ao redor do mundo. É também um dos maiores "exércitos" em atividade hoje em dia.[2]

Em uma de suas muitas viagens para representar o Brasil em reuniões internacionais, o pastor presbiteriano Erasmo Braga encontrou-se em Londres com o general William Booth, 48 anos mais velho, e pediu-lhe que enviasse oficiais do Exército de Salvação ao Brasil, prometendo ajudá-los a se instalar aqui. De fato, em 1922, quando chegaram os suíços David e Stelle Miche para dar início ao trabalho, quem os recebeu no Rio de Janeiro foi o filho de Erasmo Braga.

Para todos os efeitos, o Exército de Salvação é uma denominação evangélica de estrutura semi-militar. Pelo menos no nome tem alguma semelhança com a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola em 1534. Os membros da igreja são soldados, os obreiros leigos são sargentos e os pastores são oficiais. O seminário é a Escola de Cadetes. As promoções variam de acordo com o tempo de serviço, trabalho, capacidade e responsabilidades. Os salvacionistas são a maior organização mundial de temperança. Eles se privam de bebidas alcoólicas, narcóticos, entorpecentes e divertimentos mundanos. Combatem o aborto, a mortalidade infantil, o analfabetismo, a fome, a embriaguez, a prostituição e os demais males sociais. São uma força espiritual dotada de "uma consciência social aguda"[3], no dizer de um ex-primeiro ministro do Canadá. Abrem centros comunitários, lares para menores e mães solteiras, acampamentos, colônias de férias, casas de apoio e de trânsito, hospitais, maternidades, leprosários, clínicas, núcleos para recuperação de dependentes químicos, agências de emprego e restaurantes populares. Praticam o evangelho holístico muito antes da Conferência de Lausanne, de 1974. Valorizam o ministério feminino antes de qualquer outra denominação começar a ordenar mulheres. Duas delas — Evangeline C. Booth, de 1934 a 1939, e Eva Burrows, de 1986 a1993 — já ocuparam o cargo mais alto do Exército de Salvação, o posto de general. Dão muito valor à música. Colocam letras religiosas em ritmos profanos, como balada, *reggae*, *jazz*, pagode e até samba. Usam toda sorte de instrumentos musicais, como pandeiros, bumbo, pistom, trombone, violão, eletrônicos etc. Mas não permitem que o

volume da música prejudique a letra, cuja mensagem pretendem transmitir. Uma conversão significa quase sempre mais um músico nas fileiras do Exército. Bater palmas enquanto cantam nunca foi novidade para os salvacionistas.

David Miche nasceu no Cantão de Berna em abril de 1867. Entrou para o Exército de Salvação aos 19 anos. Fez a Escola de Cadetes em Paris. Trabalhou em três países europeus (França, Bélgica e Itália) antes de vir para o Brasil. Casou-se tarde, aos 38 anos, com sua conterrânea Stella Delisle, de 32 anos, filha de uma família reformada e abastada. Ela era mais instruída e mais expansiva que o marido, embora menos piedosa. Os dois se completavam. De todos os missionários pioneiros que vieram para o Brasil, Miche era o mais velho: 55 anos. O casal e seus dois filhos, um de 16 e outro de 12 anos, desembarcaram no Rio de Janeiro no dia 8 de maio de 1922, depois de uma viagem de dezesseis dias na segunda classe do navio *Arlanza*, de bandeira britânica. No mesmo navio, viajavam o cônsul do Brasil em Genebra e o senador Félix Pacheco, diretor do *Jornal do Comércio* e futuro ministro das relações exteriores.

Graças a essas amizades feitas a bordo, David Miche conseguiu permissão para montar um estande do Exército de Salvação no pavilhão brasileiro da Exposição Internacional com a qual o governo celebrava o primeiro centenário da independência do Brasil, de outubro de 1922 a julho do ano seguinte. Nesse período foram distribuídos 40 mil folhetos sobre a organização fundada por William Booth 57 anos antes.

Nove meses foram suficientes para Miche fazer um retrato do Brasil:

> O país é imenso e seu solo muito produtivo. O café, o algodão e o cacau produzem aí em abundância, assim como todo tipo de cereais e frutas. O interior é rico em minas de ferro, de cobre etc. Porém, apesar desta fertilidade e fazendo exceção das classes favorecidas, é em geral um povo triste e infeliz. A ignorância, a doença e o pecado causam terríveis prejuízos, mas muitos deles almejam a fortuna a fim de aparecer... Para alcançá-la, os escrúpulos não os tolhem. A maior parte não usa da verdade, engana, se apodera daquilo que não lhe pertence e perde a honra e consciência, para satisfazer sua sede de riquezas. A empregada ludibria a sua patroa e o empregado, o seu chefe; o homem de negócio sonega o fisco e o comerciante, a alfândega. Entretanto, o brasileiro possui também as suas qualidades.

> É muito hospitaleiro, amável e generoso. A embriaguez é desconhecida... Infelizmente, a instrução é muito pouco disseminada. Segundo uma estatística publicada em fevereiro de 1922, num jornal do Rio, *O País*, verifica-se que 80 por cento da população não sabe ler nem escrever. Por falta de conhecimentos, o povo é vítima de doenças que, em sua maioria, poderiam ser evitadas. Se, por um lado, a febre amarela e a lepra estão em vias de regressão e desaparecimento, por outro, a tuberculose, a sífilis e os parasitas intestinais incidem em grande escala. Não só a licenciosidade, mas também a falta de higiene — especialmente o estado deplorável em que se encontram as instalações sanitárias —, contribuem para um pior estado de coisas. Enfim, a paixão do jogo a dinheiro — o "jogo do bicho" — se pratica em todas as classes da sociedade. O resultado é que muitos se endividam — aqueles mesmos que esperavam enriquecer-se rapidamente sem trabalhar.[4]

Ao contrário das outras missões, que começaram o seu trabalho no Brasil com um ou mais alguns poucos missionários, todos da mesma nacionalidade, o Exército de Salvação começou com um grupo bem maior e de várias nacionalidades. Logo depois dos suíços David e Stella Miche, foram chegando outros oficiais suecos, ingleses, dinamarqueses, alemães, noruegueses, canadenses, australianos, neozelandeses, norte-americanos, japoneses e até chilenos e argentinos.

O casal Miche permaneceu pouco tempo no Brasil, de maio de 1922 a agosto de 1928. David tinha 61 anos quando se retirou para a Suíça, por questões de saúde. Voltava satisfeito com a implantação do Exército de Salvação no país, mas triste e preocupado com as muitas decisões por Cristo que se mostraram posteriormente espúrias. Aposentou-se no ano seguinte e "foi promovido à glória" (no jargão salvacionista) aos 71 anos.

Uma das histórias mais tocantes envolvendo o Exército de Salvação brasileiro aconteceu na capital de São Paulo em 1936, oito anos depois da partida do missionário pioneiro. Uma missionária norueguesa, de 33 anos, solteira, trajando o uniforme do Exército de Salvação, vendia o jornal *Brado de Guerra* de bar em bar, de transeunte em transeunte, quando, de repente, percebeu que estava dentro da zona de meretrício, na rua Timbiras, ali perto do Largo Paissandu. O vocabulário, as fisionomias, os corpos seminus, os olhares transbordantes de lascívia, a ausência de amor, a deturpação

e a comercialização de uma coisa que havia sido dom de Deus — tudo isso encheu a mente de Helene Londahl de um misto de pavor, revolta e asco. Prevaleceu também um sentimento de profunda piedade pela figura universal e tão velha da chamada mulher perdida. Naquele sábado à noite e naquele lugar, Deus começou a empurrar a capitã Londahl para um tipo de ministério diferente e muitíssimo difícil.

Como o Natal estava próximo, a oficial que havia chegado, pouco tempo antes, de Bergem, litoral da Noruega, resolveu fazer algo em favor das mulheres da rua Timbiras. Obteve a colaboração de algumas senhoras da Igreja Presbiteriana Unida, na rua Helvetia, não muito longe da zona segregada, e de uma jovem brasileira chamada Maria Josefina Anderson, que tinha acabado de completar 21 anos e de se filiar ao mesmo Exército de Salvação.

O plano era oferecer às prostitutas daquela área a oportunidade de participarem de uma mesa de guloseimas no salão social da Igreja Unida, no dia de Natal, quando também ouviriam falar do amor de Deus por meio de cânticos e de uma pequena mensagem natalina. Para tanto era necessário convidá-las, o que foi feito pela dupla Helene Londahl e Maria Josefina. Elas se enfiaram pela rua Timbiras, de casa em casa, e fizeram cerca de 300 convites, entre o espanto, o desprezo e o estado de embriaguez das mulheres ali moradoras.

No dia de Natal, a mesa estava muito bem adornada e suprida. Os salvacionistas e as mulheres presbiterianas se perguntavam: elas virão? Quantas? Por fim, chegaram quatro, apenas quatro. No decorrer da refeição, desenvolveu-se um pequeno e bem organizado programa. Uma delas, de tão sensibilizada, levantou-se bruscamente e pôs-se a chorar. Helene foi ao seu auxílio e ofereceu-lhe lugar para morar em seu próprio quarto até que ela se ajeitasse. A moça aceitou. Ficou combinado que dentro de poucos dias a norueguesa iria buscá-la para o início de uma nova vida. A palavra, no entanto, foi cumprida tão-somente pela salvacionista. A mulher da rua Timbiras não conseguiu libertar-se da rede diabólica em que fora colhida.

Em termos de frutos e frutos imediatos, o balanço de tão bela iniciativa foi melancólico. Mas, dois anos depois, em 12 de fevereiro de 1938, o Exército de Salvação inaugurou o Rancho do Senhor, também chamado Lar das Moças, um lugar onde se amparam as mães solteiras, antes que as circunstâncias e a sociedade façam delas mulheres da vida. Helene descobriu que era preciso atacar o mal

pela raiz: mais importante é prevenir do que remediar. "Enquanto o mundo diz que a infeliz criatura que cai deve ser repudiada, desprezada e esmagada", observou na época o conhecido escritor e pregador Miguel Rizzo Júnior, "o Lar das Moças responde-lhe: 'Aqui há um lugar para ti, minha irmã'".[5] O Rancho do Senhor existe até hoje. Mais de 1.200 mães solteiras já passaram por ali e se livraram de cair no prostíbulo. Algumas tornaram-se membros do Exército de Salvação. A brasileira que acompanhou a norueguesa nos convites da rua Timbiras, Maria Josefina Anderson, estudou na Escola de Cadetes de Londres, tornou-se tenente aos 24 anos e foi redatora do *Brado de Guerra* (órgão oficial do Exercito de Salvação, fundado em dezembro de 1923) de 1940 a 1943. Morreu prematuramente de câncer no seio em 1946, aos 31 anos. Dela David Miche jamais diria que era uma pessoa "mais entusiasmada do que propriamente enraizada na fé baseada numa sólida experiência espiritual"[6].

Notas

[1] In: ELWELL, Walter A. ed. *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988. v. 1. p. 207.

[2] YANCEY, Philip. *Maravilhosa graça*. São Paulo: Vida, 1999. p. 266.

[3] In: ELIASEN, Carl S. *A imagem do cruzeiro resplandece*; a história do Exército de Salvação no Brasil. São Paulo: Exército de Salvação, 1997. p. 41.

[4] MICHE, David. *David Miche e os acontecimentos iniciais do Exército de Salvação no Brasil*. São Paulo: Exército de Salvação. p. 15.

[5] In: ELIASEN, Carl S. *A imagem do cruzeiro resplandece*; a história do Exército de Salvação no Brasil. São Paulo: Exército de Salvação, 1997. p. 81.

[6] MICHE, David. *David Miche e os acontecimentos iniciais do Exército de Salvação no Brasil*. São Paulo: Exército de Salvação. p. 53.

24.

Galã de Holywood traz o Evangelho Quadrangular para o Brasil

Na primeira metade do século XX, a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã foram as únicas igrejas pentecostais de grande porte no Brasil, embora sem nenhum laço de relacionamento mútuo. Foram necessários pouco mais de quarenta anos para surgirem, quase ao mesmo tempo, mais três grandes grupos pentecostais no país: a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1961). Isso aconteceu em dez anos, de forma surpreendente e avassaladora. Apenas a primeira é uma igreja importada. As outras nasceram no Brasil sob a liderança de brasileiros. As três novas igrejas pentecostais começaram no Estado de São Paulo, uma no interior e duas na capital.

A Igreja do Evangelho Quadrangular (International Church of The Four-Square Gospel) foi fundada em Los Angeles, nos Estados Unidos, na década de 20, por uma jovem senhora canadense de trinta e poucos anos, casada duas vezes (o primeiro marido morreu na China), chamada Aimee Semple McPherson. A igreja tem este nome por causa da interpretação dada por McPherson aos rostos

dos quatro seres viventes que o profeta Ezequiel viu no início de seu ministério: rosto de homem, rosto de leão, rosto de boi e rosto de águia (Ez 1.5-14). Esses rostos simbolizam os quatro ângulos do ministério de Jesus: Ele é aquele que salva, aquele que batiza com o Espírito Santo, aquele que cura e aquele que há de voltar.

A experiência carismática de McPherson aconteceu em 1907, um ano depois do chamado avivamento da rua Azusa, onde pregava William J. Seymour, ex-aluno do Instituto Bíblico de Topeka. Ela tinha então 17 anos. Depois de atravessar os Estados Unidos, de carro, pregando a cura divina em tendas montadas aqui e acolá, McPherson, já separada de seu segundo marido para dedicar-se a esse ministério, fixou-se em Los Angeles. Em 1922, começou um programa de rádio. No ano seguinte, aos 33 anos, inaugurou o grande Angelus Temple, que tornou-se o templo sede dos quadrangulares de todo o mundo. Em 1924, adquiriu sua própria emissora de rádio. Morreu com apenas 54 anos, em 1940. Um dos seus convertidos, o ex-ator de filmes de faroeste Harold Willians, onze anos depois, no dia em que se comemorava o 60º aniversário da Proclamação da República (15 de novembro de 1951), instalou a Igreja do Evangelho Quadrangular aqui.

Nascido em Hollywood em 1913, Willians veio para o Brasil com a esposa e um filho de dois anos pelo caminho mais difícil e mais longo. Como anteriormente havia sido missionário na Bolívia (nove meses apenas), Willians e família entraram no país através de Guajará-Mirim, na fronteira da Bolívia com Rondônia. De lá seguiram para Porto Velho, Manaus e Belém. Na capital do Pará, tomaram um navio cargueiro, que foi parando de porto em porto: São Luís, Fortaleza, Recife, Salvador e Rio de Janeiro, entre outros. Depois de dois meses de viagem (julho e agosto de 1946), durante a qual a esposa, Mary, engravidou pela segunda vez, os três Willians desembarcaram em Santos, de onde seguiriam para Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais, para se aculturar e aprender a língua. Logo de cara, o casal conheceu dez Estados brasileiros, tendo atravessado o país do Oeste para o Leste (a Amazônia toda, quase sempre pela navegação fluvial) e do Norte para o Sul, coisa típica de um missionário aventureiro. Três meses depois, Willians completou 33 anos.

Os quatro primeiros anos no Brasil não foram muito produtivos: dois anos em Poços de Caldas, onde nasceu o segundo filho, e dois anos em São João da Boa Vista, São Paulo, onde nasceu o terceiro filho.

Depois de dez meses nos Estados Unidos, onde visitou 21 Estados e "dormiu em 39 camas diferentes"[1], Willians voltou para o Brasil de avião, com paradas em Havana, Panamá e Lima. Naquele mesmo ano (1951), fundou a Igreja Evangélica do Brasil, de doutrina quadrangular, que era a mentora da Cruzada Nacional de Evangelização. Em 1958, sete anos depois, a igreja mudou de nome, passando a chamar-se Igreja do Evangelho Quadrangular, como nos Estados Unidos.

Desta vez o trabalho deslanchou, especialmente nos Estados de São Paulo e Paraná. Willians trouxe, algumas vezes, ao Brasil o evangelista e pregador de cura divina Raymond Boatright, seu amigo desde os tempos de seminário (o Life Bible College, fundado por Aimee McPherson, onde todos os primeiros líderes da denominação estudaram). Boatright havia sido caubói, cantava, tocava guitarra e usava chapéu de vaqueiro. Aliás, foi ele mesmo quem levantou o dinheiro de sua passagem para o Brasil, em um único culto de cura divina em Ohio, abrindo perante o povo a caixa da guitarra para recolher donativos. O ex-caubói pregava e o ex-galã de cinema interpretava, primeiro em São João da Boa Vista, depois em São Paulo. Pastores da Igreja Presbiteriana Independente e da Igreja Metodista deram seu apoio. Pouco depois, a dupla foi para Araçatuba, Presidente Prudente e Americana, no interior de São Paulo. A procura era tão grande e os lugares de reunião, tão pequenos, que Willians foi aos Estados Unidos para trazer uma tenda e um órgão Hammond. A tenda de 1.200 lugares foi usada pela primeira vez no bairro do Cambuci, em São Paulo, em fevereiro de 1954. O novo método de evangelização em tendas era uma herança de Aimee McPherson. Em pouco tempo, mais de 300 brasileiros foram ordenados para o ministério da Igreja Quadrangular e alguns deles receberam uma tenda de lona e um sistema de alto-falantes para realizar um ministério itinerante.

Diferentemente dos demais grupos pentecostais e bem antes das Assembléias de Deus, os quadrangulares encorajaram o preparo bíblico e teológico de seus obreiros. Em 1957, seis anos depois da organização da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil, chegou a missionária Dorothy Marguerite Hawley para cuidar desta área. Ela fundou em São Paulo o Instituto Foursquare, atualmente chamado Instituto Teológico Quadrangular.

Depois de trabalhar por quinze anos no Brasil, Willians teve problemas com o pastor brasileiro Geraldino dos Santos e com a diretoria internacional da Igreja Quadrangular americana (Willians queria organizar uma presidência vitalícia no Brasil, sendo ele o presidente). Em lugar dele veio para São Paulo, em abril de 1962, o missionário George Russell Faulkner, de 48 anos. Além de ocupar a presidência da denominação e de supervisionar os campos missionários da Argentina, Uruguai e Chile, Faulkner assumiu por 22 anos o pastorado da igreja-sede (de 1961 a 1986). São dele os seguintes pronunciamentos, retirados de sua autobiografia:

> Nem sempre ter dinheiro na mão significa sucesso na obra.
> Em todos os lugares onde estive nunca fui com o propósito de mudar as coisas, mas de pregar o evangelho de Cristo. Eu e minha esposa sempre usamos de muita discrição em atender o povo, orar e chorar com eles. Em outras palavras, nós os tratávamos com muito carinho e sem diferença de nível.
> Acredito que a música é algo grande em que a igreja precisa investir, mas nenhuma igreja foi estabelecida sobre música, e sim sobre a pregação da Palavra de Deus.
> O batismo com o Espírito Santo é aquela força, aquele poder do alto que sustenta a pessoa depois da conversão.
> No terceiro milênio a mensagem do céu ainda será a mesma: Jesus salva, Jesus batiza com o Espírito Santo, Jesus cura, Jesus é o Rei que voltará.[2]

Faulkner criticava o triunfalismo daqueles que querem converter o mundo todo na primeira pregação e organizar uma nova igreja em quinze dias: "Conheci três rapazes que tinham este ideal, mas tiveram que apanhar muito para reconhecerem a seriedade disso"[3].

No início de 1965, três anos depois de ter chegado ao Brasil, Faulkner entendeu que a Igreja do Evangelho Quadrangular brasileira estava estagnada, "não piorava, mas também não melhorava"[4]. Nessa época, havia 163 igrejas desde o Espírito Santo até Santa Catarina, inclusive no sul de Minas. Então resolveu reagir. A estratégia de enviar jovens obreiros para as capitais de todos os Estados não-alcançados pela nova denominação deu certo. Dez anos depois, havia igrejas quadrangulares em todo o país. O último Estado a ser alcançado foi o Acre, em janeiro de 1976. Em 1999, a denominação tinha 6.022 igrejas, cerca de 1,5 milhão de fiéis e 17.452 obreiros, entre ministros, aspirantes, pastores titulares e auxiliares de pastor.

Pouco mais da metade dos obreiros eram do sexo feminino (52%). A igreja tem missionários em quinze países, inclusive Guiana Francesa, Itália, Suíça, Israel, Índia, China e Coréia do Sul.

Aí está uma das características da igreja que mais desperta atenção: o espaço que ela dá ao ministério feminino. Não poderia ser diferente, já que a denominação foi fundada por uma pastora. Tanto a esposa de Harold Willians (Mary) como a esposa de George Faulkner (Jane) eram pastoras ordenadas antes de seus maridos. Há casos em que as mulheres são pastoras titulares de uma igreja e seus maridos são os pastores auxiliares delas.

O último presidente americano da Igreja do Evangelho Quadrangular brasileira foi Faulkner, que se retirou do Brasil em 1988, com a idade de 74 anos. Nove anos depois, em fevereiro de 1997, o simpático missionário de 83 anos veio a falecer.

Notas

1 WILLIANS, Mary. *Harold Willians*. São Paulo: Quadrangular, 1997. p. 24.

2 FAULKNER, George. *George Faulkner — autobiografia*. São Paulo: Quadrangular, 1999. pp. 125, 129, 137 e 143.

3 Id., ibid. p. 136.

4 Id., ibid. p. 107.

25.

Pedreiro pernambucano funda em São Paulo a mais aberta igreja pentecostal brasileira

> Quero ser um urubu nas mãos de Deus e não uma ave bela e rara nas mãos do diabo.
> Desde que Jesus nasceu, Satanás começou a ser derrotado.
> Estou seguindo a Jesus Cristo porque Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.
> É maravilhoso ajoelhar-se diante de Jesus. Na terra não há homem algum ao qual se deva dobrar os joelhos, mas bendito é aquele que dobra seus joelhos ante Jesus.
> Tenho preso em meu coração a pessoa de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e não o largarei nunca! Aleluia!
> Muitas pessoas emanam de si tanta fé, que através dela Jesus liberta outra que não a tem.[1]

Estes rasgos de fé foram pronunciados por um pernambucano que foi progressivamente servente de pedreiro, pedreiro, eletricista, encanador, carpinteiro, pintor e mestre de obras, até desligar-se da Assembléia de Deus e da Igreja do Evangelho Quadrangular e fundar em São Paulo, em 1955, a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para

Cristo, aos 26 anos, na certeza de que Deus o chamava para "uma grande obra de avivamento"[2].

Em julho de 1989, um mês antes de completar 60 anos e dez meses antes de morrer, o chamado missionário Manoel de Mello, em uma grande concentração em praça pública na cidade de Tatuí, São Paulo, lançou farpas para todos os lados:

> O Brasil é conhecido lá fora como o país do Carnaval, o país do futebol, o país da feitiçaria, o país dos governos larápios e ineptos, o país mau pagador, o país de mau caráter e caloteiro...
> Roma está entregue à idolatria, o prefeito de Roma é comunista, o parlamento de Roma aprovou o aborto e o chefe de Roma ficou de boca aberta sem poder fazer nada...
> A solução do Brasil não vem de Roma, não vem da Itália, não vem dos Estados Unidos, não vem da Rússia, nem da Alemanha nem do Japão. A solução do Brasil só pode vir das mãos de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo!
> A maioria dos pregadores ensina os crentes a serem fracos, e alguns ensinam até a orar por essas autoridades que estão aí, baseados no versículo que diz: 'Orai pelas autoridades constituídas'. E eu oro. Só que autoridade constituída é aquela que dirige o povo de acordo com a Palavra de Deus. Quando a autoridade dirige o povo de acordo com a vontade de Satanás, não merece o nosso respeito.[3]

O sermão de Tatuí foi sobre o vale de ossos secos (Ez 37.1-14). Segundo os organizadores, naquele dia

> 1.018 almas confessaram a Jesus Cristo como Senhor e Salvador de suas vidas, e neste número não estão inclusos dezenas e dezenas de pessoas cujos nomes não foram anotados pelos conselheiros por causa da grande aglomeração que se deu em frente ao palanque quando Deus começou a realizar milagres.[4]

Em outra ocasião, Manoel de Mello pregou por cinco dias no estádio de futebol Fonte Nova, em Salvador, "sede mundial da macumbaria, com cerca de 160 mil terreiros de macumba". Uma noite, depois de pregar contra a feitiçaria, um homem alto de pele negra e terno branco, com uma rosa vermelha no peito, e rodeado de doze baianas, com saias rodadas, procurou-o e exigiu que ele se retratasse no dia seguinte do que havia dito diante da multidão. Era o presidente da federação de todos os terreiros da Bahia. No dia aprazado, havia alguns milhares de homens vestidos de branco, com uma bengala na mão e uma vela acesa na outra. Eram todos

macumbeiros convocados para intimidar Manoel de Mello, que não se retratou de coisa alguma.

Em Umuarama, no Paraná, havia uma jovem psicóloga muito bonita, mas doente, filha do juiz de direito da cidade. Ela detestava os negros. A moça foi ouvir Manoel de Mello. Queria ser curada. Ficou surpresa quando o pregador chamou um velho negro para impor sobre ela as suas mãos. A psicóloga foi curada tanto de sua epilepsia como de seu preconceito racial.

Não é de se admirar que esse pernambucano filho de agricultores tenha sido preso 27 vezes, acusado ora de curandeirismo ora de desrespeito às autoridades. O que causa mais admiração é o número de países visitados (133) e as oportunidades que esse homem de condição humilde teve de testemunhar perante a rainha da Inglaterra, o presidente dos Estados Unidos, o primeiro ministro da Alemanha e outros governantes. Por ter pregado nos maiores auditórios e estádios de futebol do país, Manoel de Mello é chamado de "o pregador das multidões". O ex-empreiteiro de obras de São Paulo construiu um dos maiores templos evangélicos do Brasil, na capital de São Paulo, com mais de 6 mil metros quadrados, incluindo o átrio.

Nem sempre Manoel de Mello era cuidadoso com a exegese bíblica e com as citações históricas.

Ele inventou uma hierarquia bastante estranha: o diácono está submisso ao presbítero e o presbítero ao pastor. Deus fala diretamente com o pastor, e este com o presbítero, e este com o diácono. "O presbítero tem a ordem de abrir a cortina e falar com o sacerdote [o pastor], porém, o diácono não tem permissão para abrir a cortina e falar com o sacerdote."[5]

No célebre sermão de Tatuí, Manoel de Mello contou que, em meados de 1520, o padre Martinho Lutero ouviu a voz de Deus, caiu por terra, foi batizado com o Espírito Santo, e, levantando-se, fez o roubo mais santo do universo: "entrou nos aposentos do papa, roubou a Bíblia Sagrada, mandou imprimi-la e começou a cobrir a Alemanha com a Palavra de Deus". Então o papa reuniu mais de setenta cardeais, mais de mil bispos e todo o exército da Itália para dar cabo de Lutero, que não voltou atrás.

O Brasil para Cristo foi a única igreja pentecostal a se filiar ao Conselho Mundial de Igrejas, em 1969, quatorze anos depois de organizada. Trata-se de um ato de bravura por causa da posição

ecumênica do CMI e por causa do temido evangelho social. Manoel de Mello confessou a esse órgão ecumênico que "enquanto nós convertemos um milhão, o diabo converte dez milhões através da fome, da miséria, do militarismo, da ditadura"[6]. Na época, o país estava ainda sob o regime militar (marechal Artur da Costa e Silva e general Emílio Garrastazu Médici). Embora tenha declarado no documento de filiação que "estamos na era dos jatos e do ponto de vista religioso o Concílio Mundial de Igrejas está de bicicleta"[7], quem pregou na inauguração do grande templo próximo ao Largo da Pompéia, no dia 1º de julho de 1979, foi o secretário do CMI, Philip Potter. Esteve também presente o cardeal arcebispo Paulo Evaristo Arns, que foi saudado pelo povo com a expressão: "Eu amo meu irmão católico".

As pretensões de Manoel de Mello eram triunfalistas: "Roma deu ao mundo a idolatria; a Rússia, os terrores do comunismo; os Estados Unidos, o demônio do capitalismo; nós, brasileiros, nação pobre, daremos ao mundo o evangelho"[8].

Na década de 60, a igreja chegou a alcançar 2 milhões de adeptos. O Brasil para Cristo cresceu mais como movimento do que como denominação.

A denominação tem hoje cerca de 600 mil fiéis e 2 mil pastores, a maior parte nos Estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, embora esteja presente em todo o país. Há igrejas também na Argentina, Peru, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Portugal, Espanha, Dinamarca e Japão.

No dia em que ia gravar seu primeiro programa de televisão, nos estúdios da TV Bandeirantes, Manoel de Mello teve um derrame cerebral em plena rua. Levado para o hospital, morreu três dias depois, em 5 de maio de 1990, aos 60 anos. Quatro anos antes, O Brasil para Cristo havia se desligado do CMI.

Notas

[1] MELLO, Manoel de. *Mensagens vivas*. Arujá: O Brasil para Cristo, 1995. v. 1. pp. 36, 43, 47 e 58.

[2] Id., ibid. p. 26.

[3] Id., ibid. pp. 151-154.

[4] Id., ibid. p. 165.

[5] Id., ibid. p. 133.

[6] In: REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984. p. 389.

[7] In: ____. ____. p. 389.

[8] In: ANTONIAZZI, Alberto, FRESTON, Paul et al. *Nem anjos nem demônios;* interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 118.

26.

Jovem de 26 anos converte-se em São Paulo e funda a igreja pentecostal mais rígida do Brasil

Enquanto o pernambucano Manoel de Mello desceu em direção ao Sul do país, o paranaense David Miranda subiu em direção ao Norte. Ambos foram ganhar a vida em São Paulo, ainda jovens, o primeiro com a idade de 11 anos (em 1940) e o segundo aos 21 anos (em 1957).

David Miranda nasceu na Fazenda Santa Helena, de propriedade da família, no interior do Paraná. Era congregado mariano e grande devoto de São Gonçalo de Amarante, o santo dominicano português que viveu nos primeiros 62 anos do século XIII. Talvez a história desse eremita, com visões de Maria e realização de milagres, tenha exercido alguma influência inconsciente em David Miranda. Ano após ano, a família comemorava o dia do santo (6 de agosto) com grande estardalhaço e romarias. Algum tempo depois da morte do pai, a mãe viúva vendeu a fazenda e mudou-se para Monte Alegre, ainda no Paraná, onde David trabalhou na fábrica de papel Klabin. De lá foram para São Paulo. Naquele mesmo ano a mãe se converteu a Jesus em uma igreja evangélica, por influência da filha mais velha,

que já era crente. Os outros filhos foram se tornando evangélicos, exceto David, que chegou a romper com a mãe e a esconder em seu quarto as imagens que ela pretendia destruir.

No domingo 6 de julho de 1958, dois dias depois de completar 22 anos, David Miranda resolveu abandonar o lar por motivos religiosos. Dirigia-se para casa, por volta das 7 horas da noite, para apanhar seus pertences, quando ouviu um cântico. Julgando que fosse um barracão de baile, aproximou-se e ouviu um grupo de homens e mulheres cantando: "A graça de Jesus jamais me faltará, jamais me faltará ao coração". Atraído por aquele ambiente e por uma força estranha que não conseguiu controlar, David Miranda entrou e assentou-se em um banco. O pastor pregou sobre o sacrifício de Isaque, que não aconteceu, porque Deus, na última hora, providenciou um cordeiro. Naquela mesma noite, o moço deu conta de seus próprios pecados e misérias, chorou de arrependimento e ali mesmo rendeu-se ao Senhor. Na caminhada entre o templo e sua casa, ainda profundamente tocado pelo evangelho, ajoelhou-se em plena rua e, com lágrimas, pediu o perdão de Jesus e prometeu abandonar seus vícios e pecados. Ato contínuo tirou a carteira de cigarros do bolso e jogou fora. Ao chegar em casa, pouco antes de meia-noite, encontrou a mãe dormindo e nada lhe contou naquela noite nem nos dias seguintes. Ao entrar no quarto, viu as imagens. Não precisava mais delas. Então colocou-as em um enorme saco e deixou-as em um terreno baldio próximo. Durante a semana, foi a todos os cultos e, no sábado, participou da vigília de oração, tendo recebido o batismo com o Espírito Santo.

Daquela data em diante e até o início de 1960, o operário David Miranda leu toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, duas vezes. Em novembro de 1961, aos 25 anos, depois de uma noite de oração, entendeu que Deus o chamava para "uma grande obra", mas não sabia em que igreja, em que denominação. A revelação veio em seguida: a igreja chamava-se *Deus é Amor*. David Miranda procurou essa igreja e não a encontrou. Então, Deus lhe falou que era para ele organizar uma outra denominação à qual deveria dar o nome de *Deus é Amor*.

Sem dinheiro, sem fiéis, sem esposa, sem auxiliares e sem ordenação pastoral, David Miranda alugou um salão na Vila Maria e organizou a igreja no final de março de 1962. Os três primeiros meses de aluguel foram pagos com a indenização trabalhista que ele recebeu

por ter sido despedido do emprego. Os primeiros membros foram apenas ele, a mãe e a irmã mais velha. Logo em seguida, crentes de outras igrejas se agregaram à Deus é Amor. Menos de um mês depois, a assembléia, composta de setenta pessoas, elegeu-o pastor, com 49 votos. Faltava ainda a consagração pastoral, que aconteceu no domingo seguinte. Dos oito pastores de linha pentecostal que deveriam ordenar David Miranda, apenas um compareceu e celebrou a cerimônia. O casamento deu-se em 1965, alguns dias antes de seu 29º aniversário.

Chamado pomposamente de "o maior pregador de curas divinas da época"[1], título que ele não esconde em sua autobiografia, David Miranda tem o seu nome gravado em todas as placas externas que identificam a Igreja Pentecostal Deus é Amor no Brasil e em vários países do exterior.

É a mais legalista e exigente de todas as igrejas pentecostais. Como na Congregação Cristã, as mulheres se assentam em uma ala do templo e os homens, na outra. Homem não pode usar roupa vermelha, mulher não pode usar sapato de salto alto (no máximo três centímetros, se for salto fino, ou quatro centímetros, se for salto grosso), não toma anticoncepcional, não se brinca de amigo-secreto, não se faz uso de nenhum jogo de cartas, nem é permitido estudar teologia.

Em 1979, dezessete anos depois de fundar a igreja, David Miranda adquiriu um velho e enorme armazém na Baixada do Glicério, que comporta mais de 10 mil pessoas, e o transformou na sede nacional da denominação. Seus fiéis não se relacionam com outras igrejas, por considerarem todas mundanas. Em 1991, a Deus é Amor tinha 5.458 igrejas, 15.755 obreiros e missionários em dezessete países. Na época, havia 166 igrejas só no Cone Sul (62 no Paraguai, 59 no Uruguai e 43 na Argentina). Ao contrário da Congregação Cristã e muito mais que a Assembléia de Deus, o forte da Deus é Amor são os programas de rádio (581 horas diárias no início da década de 90).

Paul Freston diz que vários elementos do culto da Deus é Amor são antecipações da Igreja Universal do Reino de Deus, surgida anos depois: "as obreiras uniformizadas, os exorcismos na frente, as entrevistas com os demônios, o grito de 'queima' para fazer o demônio sair de sua morada... Mas é uma versão amadora, pobre e culturalmente ultrapassada."[2] Outra semelhança está na estratégia adotada para levantar ofertas: ambas as igrejas condicionam as

bênçãos de Deus à liberalidade dos fiéis e gastam mais tempo do culto com essa prática. Ao mesmo tempo, há tremendas diferenças entre uma e outra. A Deus é Amor "não se modernizou e teve que ver algumas inovações suas serem adaptadas pela Universal com maior sucesso"[3].

Notas

[1] MIRANDA, David. *Missionário David Miranda — autobiografia*. São Paulo: Luz, 1992. p. 73.

[2] ANTONIAZZI, Alberto, FRESTON, Paul et al. *Nem anjos nem demônios;* interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 128.

[3] Id., ibid. p. 129.

27.

Nascida nos Estados Unidos em 1967, a Renovação Carismática Católica chega ao Brasil três anos depois

Em 1964, a Diocese de Pittsburg, ao sudoeste do Estado americano da Pensilvânia, chamada de "o forno da nação", por ser um dos maiores produtores de aço do mundo, adquiriu uma velha propriedade cercada de árvores em North Hills, a 24 quilômetros da cidade. A partir de então, a casa maior, de três andares e 23 quartos, e a casa menor receberam o nome de *The Ark and the Dove* (a arca e a pomba) e tornaram-se um centro de retiros espirituais. Nesse lugar bucólico nasceu, em fevereiro de 1967, o Movimento Pentecostal na Igreja Católica, pouco depois denominado mais propriamente de Renovação Carismática Católica (RCC). Assim, Pittsburg tornou-se duas vezes "o forno da nação": primeiro por fornecer aço e, segundo, por fornecer calor espiritual aos católicos americanos.

Esse despertar religioso, nos moldes pentecostais, está diretamente ligado à Universidade do Espírito Santo de Duquesne, em Pittsburg, administrada pela ordem missionária Padres do Espírito Santo, em cujo brasão se lê em latim: *Spiritus Est Qui Vivificat* ("é o Espírito quem vivifica").

O derramar do Espírito aconteceu no fim de semana de 17 a 19 de fevereiro, enquanto um grupo de 25 estudantes e dois professores de Duquesne buscavam o batismo sobrenatural do Espírito Santo, por meio do cântico do antigo hino gregoriano *Veni, Creator Spiritus*, de orações espontâneas, do estudo dos capítulos 1 a 4 de Atos dos Apóstolos e da comunhão mútua. Mas houve um preparo prévio: o grupo já se reunia antes. Além do mais, os participantes foram encorajados a ler pelo menos o início do livro de Atos e os clássicos *A cruz e o punhal*, de David Wilkerson, e *Eles falaram em outras línguas*, de John Sherril. Todos esses participantes pertenciam à sociedade *Chi Rho*, nome das duas letras iniciais de Cristo em grego.

Da parte de todos houve grande cuidado para que a experiência pentecostal não provocasse debandada para as igrejas protestantes, principalmente para as igrejas pentecostais. Afinal, o risco era enorme. Primeiro, porque o pentecostalismo até então era um fenômeno exclusivamente protestante, que já tinha quase 70 anos de história nos Estados Unidos. Segundo, porque o grupo reunia-se às sextas-feiras em casa de uma presbiteriana e orava com anglicanos, presbiterianos, metodistas, luteranos e pentecostais, embora nenhum de seus membros tenha sentido necessidade de "ceder um só milímetro em seu catolicismo romano"[1]. Terceiro, porque os livros lidos antes do retiro eram de autores pentecostais. Quarto, porque a palestra do sábado, exatamente sobre a descida do Espírito Santo no dia de Pentecoste (Atos 2), seria dada por uma senhora episcopal. A preocupação quanto a isso era tão grande, que uma das moças tomou a decisão:

> Por mais intensa que tenha sido a minha experiência no *Fim de Semana* [nome pelo qual aquele retiro passou a denominar-se], se a Igreja me disser que isto não é legítimo, preferirei renunciar a minha própria experiência do que deixar a Igreja Católica.[2]

Foi essa estudante de francês, Patti Gallagher Mansfield, que escreveu, 25 anos depois, o livro *Como um novo Pentecostes*, um "relato histórico e testemunhal do dramático início da Renovação Carismática Católica"[3].

Naquele *Fim de Semana*, quase todos tiveram emoções religiosas fortíssimas, renovaram sua fé pessoal em Jesus e falaram em línguas. Bill Deigan, estudante de psicologia e presidente do *Chi Rho*, e o

capelão não abraçaram o movimento, com receio de ser mera emoção. Para a maioria, aquilo era o batismo do Espírito Santo.

Em suas pesquisas posteriores, Patti Mansfield descobriu que a irmã Elena Guerra, fundadora das Irmãs Oblatas do Espírito Santo, na Itália, escreveu, entre os anos de 1895 e 1903, doze cartas confidenciais ao papa Leão XIII (1878-1903), pedindo pela pregação permanente do Espírito Santo. É dela esta exclamação: "Oh, se algum dia, o *Vinde, Espírito Santo* que a Igreja desde o cenáculo [de At 1.13] e através dos tempos não cessa de repetir, pudesse tornar-se tão popular como a Ave-Maria!" De acordo com Patti, o autor da encíclica *Rerum Novarum*, atendendo ao pedido da irmã Elena Guerra, invocou o Espírito Santo em 1° de janeiro de 1901, tendo cantado, ele mesmo, aos 91 anos, o *Veni, Creator Spiritus*. Patti relaciona essa oração com o que aconteceu, segundo ela, no mesmo dia, entre os protestantes no Instituto Bíblico de Topeka, no Estado americano de Kansas, quando alguns estudantes receberam o batismo do Espírito Santo, dando início ao século pentecostal. Por ter encontrado as raízes católicas do pentecostalismo, Patti ficou mais tranqüila: "Foi um alívio certificar-me de que eu poderia ser católica e carismática, sem necessidade de fazer nenhuma opção". Todavia ela pondera: "À Igreja compete discernir os dons, mas sem sufocar a atuação do Espírito".[4]

Seja como for, o cardeal Suenes tem toda razão quando explica: "A graça da renovação espiritual não é restrita, pois é destinada e dirigida a toda a igreja. O Espírito Santo não é monopólio de ninguém."[5]

Como havia um intercâmbio intenso da Universidade de Duquesne, em Pittsburg, com a Universidade Notre Dame, em South Bend, no extremo norte de Indiana, rapidamente a experiência pentecostal atingiu também a outra universidade. Curioso é que foi em South Bend que os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, pioneiros da Assembléia de Deus brasileira, receberam, em 1910, a revelação de que deveriam vir para o Brasil.

Cerca de três anos depois do *Fim de Semana* de Duquesne, dois missionários americanos e jesuítas, Harold J. Rahm, de 51 anos, e Edward J. Dougherty, de 29, trouxeram a Renovação Carismática Católica para o Brasil. Eles começaram a realizar retiros de experiência do Espírito Santo em Campinas, São Paulo. Mais tarde mudaram o nome para Experiências de Oração. O trabalho desses dois padres

era organizar grupos de oração e reuniões de planejamento, que foram se multiplicando por todo o país. Como conseqüência, padres e leigos começaram a experimentar novo ardor na fé e na evangelização. Em pouco tempo a RCC se espalhou pelo Brasil e promoveu o despertamento da vida espiritual de muitos católicos atuantes, inclusive os que estavam engajados em movimentos de renovação, como cursilhos, encontros de casais e treinamento de liderança cristã (TLC). Muitos católicos nominais foram também atingidos e retornaram à igreja.

Em 1971, havia um padre de 34 anos que trabalhava com jovens e lecionava na Faculdade de Ciências e Letras de Lorena, no Vale do Paraíba, em São Paulo. Ele abraçou de corpo e alma a Renovação Carismática. Em 1978, sete anos depois, esse padre, Jonas Abib, fundou a Comunidade Canção Nova, com o propósito de evangelizar pelos meios de comunicação social: rádio, televisão, jornal, livros, CDs etc. Hoje, a Comunidade possui nove emissoras de rádio em sete Estados e a TV Canção Nova, com 34 retransmissoras de norte a sul do país. A sede da Canção Nova fica em Cachoeira Paulista, São Paulo, onde trabalham 120 pessoas, entre jovens e adultos, leigos e religiosos.

Vinte anos depois de instalada no Brasil, o Conselho Nacional de Renovação Carismática Católica entendeu que estava havendo um esfriamento e uma quebra de unidade no movimento em muitos lugares do Brasil. Essa preocupação deu origem ao projeto Ofensiva Nacional, que pretendia reformar outra vez o que já foi renovado, em consonância com a oração do profeta Habacuque: "Aviva a tua obra, ó Senhor, no decorrer dos anos, e, no decurso dos anos, faze-a conhecida" (Hc 3.2).

Calcula-se que há 8 milhões de carismáticos no Brasil e perto de 60 mil grupos de oração. Mas a RCC não é o único movimento de renovação do catolicismo brasileiro, que conta com 198 dioceses, 38 arquidioceses, treze prelazias e duas abadias, nas quais há 8.069 paróquias e 15.652 párocos (estatística de 1997). Entre outros, existem o Movimento Focolares e o Caminho Neocatecumenal. Nem todos os bispos brasileiros apóiam a RCC. Alguns apenas a respeitam. Outros a criticam, como Dom Waldyr Calheiros, segundo o qual os carismáticos praticam um catolicismo mais *light* que evangélico. Em compensação, os carismáticos têm o apoio entusiástico de pessoas como Dom Cipriano Chagas, fundador e presidente da Comunidade Emanuel, que publica a revista mensal *Jesus Vive e é o Senhor*, com

sede no Rio de Janeiro. Dom Cipriano é monge beneditino e um dos fundadores da RCC no Brasil.

Os protestantes vêem com simpatia os carismáticos. Apreciam muito a ênfase dada a Jesus, à leitura da Bíblia, à oração, ao louvor, à busca de dons e do poder do Espírito Santo e à evangelização. Mas têm dificuldade em entender o destaque que os carismáticos continuam dando a Maria, como "Mãe de Deus", "Mãe da igreja", "Esposa do Espírito Santo" etc. A explicação apresentada pelo cardeal Suenens, de que "não devemos querer separar o que Deus uniu", referindo-se à união mística de Maria com o Santo Espírito para que o Verbo se fizesse carne, deixa os protestantes pentecostais e não-pentecostais de cabelo em pé!

Notas

[1] MANSFIELD, Patti Gallagher. *Como um novo Pentecostes*. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1995. p. 30

[2] Id., ibid. p. 53.

[3] Id., ibid. capa.

[4] Id., ibid. pp. 53-54.

[5] In: MANSFIELD, Patti Gallagher. *Como um novo Pentecostes*. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1995. p. vii.

28.

Edir Macedo abandona a umbanda e a loteria e funda a Igreja Universal do Reino de Deus

Ao contrário dos televangelistas americanos e de alguns líderes pentecostais e não pentecostais brasileiros, o fundador e dirigente máximo da Igreja Universal do Reino de Deus é discreto. Pouco se sabe sobre Edir Macedo e pouco se vê o seu rosto nos jornais e na televisão.

O máximo que se conhece do bispo Macedo é que, quarto de uma família de sete filhos, nasceu em 1944, na pequena cidade de Rio das Flores, no Estado do Rio de Janeiro, de onde se mudou para o Rio de Janeiro aos 17 anos, empregando-se na então Loteg (Loteria do Estado da Guanabara). Depois de uma pequena passagem pela umbanda, veio a se converter na Igreja da Nova Vida, em Botafogo, cujo pastor era o canadense Robert McAllister, um pentecostal mais aberto quanto aos usos e costumes e mais ecumênico, inclusive com católicos, e que introduziu no Brasil a primeira igreja pentecostal a adotar governo de modelo episcopal.

Por motivos não claramente revelados, Edir Macedo e seu cunhado R. R. Soares deixaram a igreja de Botafogo e fundaram, no

dia 9 de setembro de 1977, a Igreja da Bênção, numa funerária desocupada no bairro de Abolição. No ano seguinte a congregação adotou o nome de Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e obteve seu registro legal. Mais tarde R.R. Soares e Miguel Ângelo separaram-se de Edir Macedo e fundaram, respectivamente, a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Cristo Vive. Para cuidar da nova igreja, Macedo abriu mão do trabalho secular. Tinha então 33 anos.

Enquanto cinco grandes grupos pentecostais tiveram seu começo no Estado de São Paulo (Congregação Cristã no Brasil, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, Igreja Pentecostal Deus é Amor e Renovação Carismática Católica), a Universal nasceu no Rio de Janeiro. À semelhança das igrejas de Manoel de Mello (O Brasil para Cristo) e de David Miranda (Deus é Amor), a Igreja de Macedo é totalmente brasileira.

Por influência da igreja mãe, Macedo adotou o modelo episcopal em 1981 e ordenou-se bispo juntamente com o co-fundador Roberto Augusto Lopes, que foi organizar a Universal em São Paulo e se tornou o primeiro pastor da igreja a se eleger deputado federal (1986), pelo PTB do Rio de Janeiro.

Não se sabe por que ou para que o bispo Macedo passou quase três anos nos Estados Unidos, de 1986 a 1989. Nesse ínterim, transferiu a sede da Universal para São Paulo. Começou a projetar-se por meio da complicada e corajosa compra da TV Record e da eleição de três deputados federais e quatro estaduais ligados à denominação. Para conseguir a TV Record, Macedo fez conchavos políticos com Collor e Maluf, e repudiou a esquerda. Paul Freston acredita na sua passagem pelo lacerdismo.[1]

Algo peculiar na Universal é a retirada de muitos pastores, como o próprio cunhado de Macedo, R. R. Soares, o bispo e co-fundador da igreja, Roberto Augusto Lopes, e o ex-pastor da igreja no Ceará, Carlos Magno, que deu muito trabalho a Macedo. As evasões continuam.

Em 1994, dezessete anos depois de sua fundação, a IURD devia ter cerca de mil igrejas, 2.700 pastores e um milhão de membros, e muitas congregações em quase toda a América Latina, EUA, Portugal e Angola.[2]

O maior e o mais estranho chamarisco da Universal não são as línguas estranhas nem as curas nem os exorcismos, mas a chamada

teologia da prosperidade, da qual ela foi a porta de entrada no Brasil, ao lado da igreja de seu cunhado R. R. Soares e da Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno (Adhonep). Essa doutrina de origem norte-americana, nos Estados Unidos chamada *Health and Wealth Gospel* (Evangelho da saúde e da opulência), ensina a prática da afirmação positiva, por meio da qual, depois da oração de fé e da oferta de sacrifício (não segundo as posses, mas muito além delas), o crente recebe saúde e prosperidade material nunca vista antes. Ora, crer nessa nefasta teologia que transforma a oferta em instrumento não de gratidão, adoração e construção do reino de Deus, mas de longa vida e privilégios materiais, é deturpar gravemente, em plena consciência ou não, o verdadeiro culto e o verdadeiro evangelho. Além de não corresponder à verdade bíblica e histórica, a teologia da prosperidade, no final das contas, cria um ninho de cristãos materialistas e mundanos, como afirma o indiano Theodore Williams, ex-presidente da Aliança Evangélica Mundial.[3] Ao lado dessa pregação que muito prejudica a ética cristã, a Universal anima os seus fiéis a não se sujeitarem à miséria, a levantarem as suas cabeças e a abrirem seus próprios negócios, o que não é em absoluto um mau conselho.

Não obstante essa grave distorção e a ausência de uma vida simples, o que ocorre também em outros meios, a igreja de Edir Macedo anuncia o evangelho de Jesus à sua maneira, afirma categoricamente que Jesus é o Senhor e ensina uma radical mudança de vida. Paul Freston, uma das pessoas que mais conhece a Universal, acredita que ela é a "combinação da igreja pentecostal com a agência de cura divina, pois une a preocupação com as demandas particulares e com a demanda espiritual de salvação"[4]. Além de pastor, Edir Macedo é administrador e empresário, o que explica a natureza *sui generis* da Universal. Como tanto, não hesita em morar em palacete e ter carro do ano. Isso explica também por que a sua igreja possui, além de templos, televisão, emissoras de rádio, jornais, gráficas, construtora, banco e, por último, um time de futebol, talvez imitando o time *Aleluia*, da igreja coreana. Edir Macedo tenta definir-se teologicamente ao afirmar: "Já vivemos a pregação protestante com Lutero, a [pregação] avivalista com João Wesley e agora temos que sair da mera pregação carismática para a pregação plena"[5]. Paul Freston entende que a pregação plena de Macedo seja "que Jesus salva, batiza com o Espírito Santo, mas também, antes de tudo, liberta

as pessoas que estão oprimidas pelo diabo"[6]. O deslumbramento da IURD, lembra Freston, é a cura (quase sempre associada ao exorcismo) e a prosperidade. A ênfase demasiada à prosperidade diferencia a Universal das igrejas pentecostais anteriores, com as quais não existe nenhuma comunhão (muito menos com as igrejas históricas). Por enquanto, a Universal é uma denominação em processo de observação. Afinal ela tem apenas 23 anos, enquanto a mais antiga igreja pentecostal do Brasil está comemorando 90 anos no ano 2000.

Na Universal existe hierarquia: começa com o mero assistente e vai até ao bispo. No meio estão os membros da igreja, os obreiros (homens e mulheres não assalariados) e os pastores (assalariados).

A leitura da Bíblia é encorajada, mas a de livros que não sejam editados pela denominação, não. Isso lembra o obscurantismo católico nos séculos do Brasil colônia e o já centenário obscurantismo levado a efeito pela Congregação Cristã no Brasil, que só oferece aos fiéis Bíblias e hinários. A Universal tem uma gráfica própria, onde são impressos livros de seus bispos e o jornal protestante de maior tiragem no Brasil, a *Folha Universal*, um quinzenário de 1,5 milhão de exemplares. Ao contrário da Igreja da Nova Vida, da qual saiu, a Universal é anti-ecumênica ao extremo, especialmente com a Igreja Católica, contra a qual escreve artigos rudes sem a menor piedade.

No tocante à maneira de recolher dinheiro, a IURD parece com a Igreja Pentecostal Deus é Amor, mas a ultrapassa. Assisti a duas reuniões da IURD onde ela começou em São Paulo, na Avenida Celso Garcia, no último fim de semana de outubro de 1998, para ver se as coisas eram mesmo assim. Em sua prédica (seria a rigor uma prédica?), o pastor relacionou cura com dinheiro. Depois de ler a história do cego de Jericó que voltou a ver por obra de Jesus, o pregador perguntou: "Quem não pagaria 10 reais por uma bênção especial? Quem não for capaz de dar é porque não crê". A cura seria pela fé, mas essa fé é comprovada pela capacidade de dar mais do que é possível. Na manhã seguinte o pastor convidou 1.000 pessoas para ir à frente e doar o mesmo dízimo duas vezes, em dois envelopes diferentes e encorajou: "Quanto mais você dá, mais você recebe. Você vai dar mais mas não ficará com menos, vai ficar com muito mais. Vou lhe dar o azeite abençoado. Você derrama uma gota em sua cabeça e terá o dom da prosperidade." Depois deste apelo tremendamente estranho, houve mais dois ou três escandalosos pedidos de dinheiro. No último, o dirigente declarou que não

aceitaria oferta inferior a 200 reais e prometeu orar nominalmente até o dia 15 de novembro em favor de todos "os filhos de Abraão" — o patriarca que deu o próprio filho a Deus. Quase tudo girou em torno de dinheiro e houve pouca ou quase nenhuma mensagem bíblica que não fosse relacionada com o vil metal, embora a reunião terminasse com a celebração da Ceia, servida a todos, por moças e rapazes (os obreiros). Depois da distribuição do vinho servido em pequenos copos plásticos, o pastor aconselhou: "Agora amasse com a mão o copinho, como se estivesse amassando seus pecados"[7].

Deste e de muitos outros símbolos, a Universal sabe lançar mão com maestria, embora não use nenhuma imagem de escultura. Não obstante, sobrecarrega o oficiante do poder de curar: talvez tenha caído em desuso, mas até bem pouco tempo atrás os necessitados, para serem curados, precisavam tocar a gravata do pastor ao passarem pelo portal da benção.

Como se vê, até agora a Universal, por mais boa vontade que se tenha, parece ser a mais esdrúxula de todas as denominações pentecostais. Pode ser que, com o tempo, haja avanço, haja correções, como tem acontecido com outras igrejas da mesma linha pentecostal. A Assembléia de Deus era contrária ao estudo formal de seus pastores. Hoje os assembleianos têm muitas escolas bíblicas e seus pastores fazem atualização teológica. Além disso, têm o maior parque gráfico do país, depois da Sociedade Bíblica do Brasil.

O luterano brasileiro Waldo César e o conhecido teólogo presbiteriano americano Richard Shaull, que já morou vários anos no Brasil, acabam de escrever o mais recente livro sobre a IURD, sob o título *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*; promessas e desafios (Editora Vozes e Editora Sinodal, 316 páginas). Os autores enxergam os erros, mas não gastam muito tempo com eles. Vêem muita coisa positiva na Universal. César, que é sociólogo, chama a atenção para a visibilidade de seus templos e lembra que a maioria esmagadora de seus membros não tiveram, até a conversão, uma educação protestante. Apenas uns 5% deles foram criados em igrejas evangélicas. Os outros vêm do catolicismo (61%), da umbanda e candomblé (16%), e do espiritismo (6%). A pesquisa refere-se à grande Rio e foi elaborada pelo Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), de 1992 a 1994.[8] Ao contrário da Assembléia de Deus, que perdeu 24% de seus membros para outras denominações, embora tenha ganho outro tanto, a Universal, segundo a mesma pesquisa,

perdeu menos (18%) do que ganhou (27%). Ora, se a grande maioria dos fiéis da Universal é formada de neófitos, bom seria que a igreja de Edir Macedo tivesse um bom seminário para formar seus obreiros (que tornam-se os futuros pastores) e seus pastores. César informa que a IURD chegou a ter um seminário em São Paulo, que o bispo Macedo fechou sob o argumento de que estavam perdendo tempo e era preciso sair logo ao campo a evangelizar.[9]

Um dos testemunhos ouvidos pela equipe de Waldo César e Richard Shaull é o de uma moça chamada Leila, de Venda das Pedras, que explica por que ela saiu da Assembléia para a Universal: "Na Assembléia a gente tem que usar saia lá embaixo, três blusas para não aparecer nada: uma camisetinha, uma blusa e um vestido por cima"[10].

Tanto César, que é organista de uma das igrejas mais litúrgicas do país, como Shaull, acreditam que "as igrejas históricas devem rever suas formas de culto e experiência religiosa, numa releitura de sua herança de fé e missão" ao mesmo tempo que afirmam que "o neopentecostalismo precisa aprofundar sua leitura da Bíblia em termos de uma visão que ultrapasse uma espiritualidade centrada na espiritualidade individualista que o tem caracterizado"[11]. Shaull reclama que

> nossas igrejas históricas, com raras exceções, estão sempre se distanciando do povo, que no seu empobrecimento e exclusão, na sua desorientação e desalento, está hoje mais aberto a movimentos religiosos na sua busca pela salvação [...] nossas igrejas raramente se mostram aptas para apresentar uma mensagem atraente de salvação para um mundo sofrido, ou demonstra paixão para comunicar o que antes foi a marca de sua primitiva vitalidade e crescimento.[12]

A crítica mais pertinente à Igreja Universal que aparece no livro *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs* é a citação de André Costem em seu estudo sobre o discurso teológico da Igreja Universal: "o termo solução ofusca o termo salvação"[13].

Notas

[1] ANTONIAZZI, Alberto, FRESTON, Paul et al. *Nem anjos nem demônios; interpretações sociológicas do pentecostalismo.* Petrópolis: Vozes, 1994. p. 135.

[2] Id., ibid. p. 136.

[3] WILLIANS, Theodore. Ninho de cristãos materialistas. *Ultimato*, Viçosa, nº 226, p. 13, jan. 1994.

[4] ANTONIAZZI, Alberto, FRESTON, Paul et al. *Nem anjos nem demônios; interpretações sociológicas do pentecostalismo.* Petrópolis: Vozes, 1994. p. 141.

[5] In: ____. ____. p. 136.

[6] ANTONIAZZI, Alberto, FRESTON, Paul et al. *Nem anjos nem demônios;* interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 137.

[7] In: CÉSAR, Elben M. L. O compromisso da Universal com a teologia da prosperidade. *Ultimato*, Viçosa, nº 262, p. 32, jan./fev. 1999.

[8] CÉSAR, Waldo, SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs.* Petrópolis / São Leopoldo: Vozes / Sinodal, 1999. p. 117.

[9] Id., ibid. p. 120.

[10] In: CÉSAR, Waldo, SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs.* Petrópolis / São Leopoldo: Vozes / Sinodal, 1999. p. 138.

[11] CÉSAR, Waldo, SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs.* Petrópolis / São Leopoldo: Vozes / Sinodal, 1999. p. 145.

[12] Id., ibid. p. 294.

[13] In: CÉSAR, Waldo, SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs.* Petrópolis / São Leopoldo: Vozes / Sinodal, 1999. p. 178.

29.

Pentecostais e históricos precisam tomar cuidado com o joio no meio do trigo

O século XX foi mesmo o Século Pentecostal no Brasil e ao redor do mundo. Começou num modesto instituto bíblico, na modesta cidade de Topeka, no Estado mais central do Estados Unidos, nos primeiros dias de 1900. Logo se transferiu para Los Angeles, na Califórnia, e de lá para o mundo inteiro por meio de diferentes denominações pentecostais que foram se formando, tais como: Assembléia de Deus, Congregação Cristã e Igreja do Evangelho Quadrangular. Até a Renovação Carismática Católica, que veio a se formar 67 anos depois, tem alguma ligação com Topeka. Inspiradas nessa onda pentecostal, muitas novas igrejas pentecostais nacionais foram surgindo no correr dos anos, algumas como desdobramentos das denominações históricas. Em seu livro-tese *A manipulação no processo da evangelização*, o missiólogo Stephenson Araújo faz uma relação de 36 denominações pentecostais só no Brasil: Católicos Carismáticos, Congregação Cristã no Brasil, Comunidade Evangélica, Igreja Batista Nacional, Igreja Betânia, Igreja Betesda (mais conhecida como Assembléia de Deus Betesda), Igreja Cristã Evangélica, Igreja Cristã Maranata, Igreja Cristã Pentecostal no Brasil, Igreja de Deus

Avivamento Bíblico, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja do Nazareno, Igreja Evangélica Ágape, Igreja Evangélica do Avivamento Bíblico, Igreja Evangélica Avivamento do Deus Vivo, Igreja Evangélica Chamas do Avivamento Bíblico, Igreja Evangélica Cristo Ressurreto, Igreja Evangélica Embaixadores de Cristo, Igreja Evangélica Missionária Pentecostal, Igreja Evangélica Povo de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Metodista Wesleyana, Igreja Missionária Arca da Nova Aliança, Igreja Pentecostal Boas Novas da Alegria, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Igreja Pentecostal Independente, Igreja Pentecostal de Jesus Cristo, Igreja Pentecostal da Nova Vida, Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo, Igreja Pentecostal o Som da Palavra, Igreja Pentecostal Unida do Brasil, Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, Igreja da Restauração, Igreja Tabernáculo Evangélico de Jesus, Casa da Bênção de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus.[1]

Apesar de extensa, a lista de Stephenson Araújo não está completa. Rubens César Fernandes, do Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), cita mais algumas: Adventista da Reforma, Adventista da Promessa, Metodista Ortodoxa, Igreja da Restauração, Congregacional Independente, Cristã Evangélica Renovada, Sinais e Prodígios, Maranata, Socorristas, Salão da Fé, Evangélica da Renovação, Jesus é a Verdade, Cristo Vive, Cristã Antioquia, Cristo Rei, Assembléia de Cristo, Batista Independente e Templo da Bênção.[2]

Só aí temos oitenta grupos pentecostais, sendo um católico e 79 protestantes. Há outros mais recentes e outros que, tão diminutos e inexpressivos, ainda não são catalogados. Mais da metade surgiu nas décadas de 60 a 90. Só duas estabeleceram-se aqui no início do século (Congregação Cristã e Assembléia de Deus). A grande maioria delas são igrejas não importadas, mas surgidas no Brasil mesmo.

Essa enorme e crescente quantidade de denominações pentecostais causa, no mínimo, muita estranheza, para não dizer escândalo. Se todas existem para recobrar o chamado batismo do Espírito e seus dons, por que tantos grupos e tantas diferenças? Só da Igreja Pentecostal Nova Vida saíram três líderes que fundaram três novas igrejas: Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus), R. R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus) e Miguel Ângelo (Igreja Cristo Vive). Além do espírito de liberdade, que é um dos valores do protestantismo, certamente existe muita e grave carnalidade da parte

de alguns pentecostais que lutam entre si, trocando o que pregam (o fruto do Espírito) pelo que fazem (as obras da carne).

Não se pode negar a redescoberta da pessoa e da obra do Espírito nesse século pentecostal. Isto procede do Senhor, não se tenha dúvida. Curioso é que no século XX há muito mais livros sobre a terceira pessoa da Santíssima Trindade do que sobre Jesus Cristo. Houve de fato um revigoramento da religião, um impulso missionário notável e um crescimento numérico sem precedente. Certos eventos como batismo do ou com o Espírito Santo, glossolalia, curas, expulsão de demônios, sinais e maravilhas, pouco mencionados ou evitados pelos crentes históricos, tornaram-se vulgares e aparecem até na imprensa secular. Antes eram restritos aos pentecostais.

Todavia há muita coisa espúria que coloca sob julgamento o século pentecostal. Os dons do Espírito — o dom de línguas, o dom da profecia, o dom de curas — são mais visíveis que o fruto do Espírito — amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, domínio próprio (Gl 5.22-23). Exibe-se mais aqueles do que estes, como prova de derramamento do Espírito. O grande problema é que existe uma grande mistura entre o autêntico e o não autêntico. O autêntico procede de Deus e o não autêntico procede da natureza estragada do homem ou mesmo do próprio diabo, que sabe e tem permissão para transformar-se, às vezes, em anjo de luz a fim de enganar com sucesso os servos de Deus (2 Co 11.14). A verdade e a mentira estão realmente presentes no reino dos céus, na igreja visível e no movimento carismático. Isso não é nem deveria ser novidade, pois Jesus declarou que nem todo o que proclama o seu senhorio, nem todo o que profetiza em seu nome, nem todo o que expele demônios em seu nome e nem todo o que realiza milagres em seu nome está do seu lado (Mt 7.21-23). O trigo e o joio andam juntos na história da igreja, em todos os ramos do cristianismo, da ascensão de Jesus até a sua volta em poder e grande glória, do Pentecostes até a colheita do trigo, quando o joio há de ser queimado (Mt 13. 24-30). Não se pode esquecer da constante presença do joio nem de quem o plantou: o inimigo do Filho do homem, ninguém menos que o próprio diabo (Mt 13.36-43).

A parábola do joio combina em parte com o ensino de Paulo sobre a doutrina do galardão (1 Co 3.10-15). De um lado estão o ouro, a prata e as pedras preciosas (o verdadeiro trigo). Do outro, a

madeira, o feno e a palha (o verdadeiro joio). O fogo destruirá os três últimos elementos, e não os três primeiros. Isto significa que alguns dos filhos do reino não terão obra alguma para relatar e para sobreviver ao fogo, não obstante tanta correria e tanto barulho. O joio não existe exclusivamente nas igrejas pentecostais. Ele existe também nas igrejas históricas, em Lutero, em Calvino, em William Carey, em Billy Graham, em John Stott. Nenhuma igreja está incólume do joio. A revelação de que é palha, feno, madeira (que desaparecem com o fogo), pedras preciosas, prata e ouro (que se purificam com o fogo) não é para a imprensa nem os tribunais eclesiásticos descobrirem agora. É algo que Jesus fará sem a menor margem de erro na consumação do século.

No trigo histórico e no trigo pentecostal há alegria, há entusiasmo, há santidade de vida, há paixão pelas almas, há contínua negação de si mesmo, há bastante humildade, há muita oração, há cuidadosa vigilância, há vitórias sobre a carne e sobre o curso deste mundo, há ortodoxia, há muita esperança, há vida em abundância, há sacrifício, há liberalidade, há amor, há perdão, há milagres esporádicos e pode haver manifestações estranhas operadas pelo próprio Deus e não por esforço próprio.

No joio pentecostal e no joio tradicional há invejas, há ciúmes, há vaidades, há sede de poder, há exploração, há personalismo, há endeusamento do homem ou da mulher, há mentira, há visões e revelações forçadas, há exegeses tendenciosas, há escândalos envolvendo sexo e dinheiro, há línguas inventadas, há coisas ridículas, há impureza doutrinária, há abuso de autoridade, há ditaduras eclesiásticas, há escândalos tremendos, há soberbas sectárias.

É um erro pensar que esses desastres só acontecem na igreja histórica ou só na igreja pentecostal. Ambas têm sido vítimas de escândalos notórios. Ambas deveriam chorar juntas, humilharem-se juntas, confessarem juntas. O verdadeiro avivamento é muito mais do que passar por êxtases de línguas e por visões sobrenaturais. Também é muito mais do que estar vigiando os outros com a Bíblia aberta nas línguas originais para detectar policialmente qualquer pequeno desvio.

Os pentecostais do século XX não devem criticar os históricos do século XIX. Foram eles que vieram primeiro, encontraram o terreno virgem e abriram picadas por todo canto, apesar da limitada

liberdade religiosa, das distâncias e da ausência de melhores meios de transporte e de comunicação: rádio, televisão, telefone, fax e internet. Talvez alguns deles tenham sido mais crentes, mais apaixonados e mais cheios do Espírito do que muitos de nós hoje. Não poucos deram sua vida por Jesus fora de suas terras, distantes de seus familiares.

A busca do poder do Espírito para ser testemunha de Jesus, para mortificar a carne e para orar é uma necessidade tanto para o pentecostal como para o histórico. Mas a busca do poder e dos recursos do Espírito para tirar vantagens pessoais e denominacionais é simonia, nome que se dá ao pecado de Simão, o mago, que queria comprar de Filipe o poder do Espírito para ampliar o seu repertório de mágicas e exibições (At 8,9-25).

Notas

[1] ARAÚJO, Stephenson Soares. *A manipulação no processo da evangelização*. Belo Horizonte: Lerban, 1997. p. 53.

[2] ANTONIAZZI, Alberto, FRESTON, Paul et al. *Nem anjos nem demônios*; interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 188.

30.

O Brasil deixa de ser campo missionário para ser agência missionária

O presidente da poderosa e bem organizada Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o presidente da frágil Associação Evangélica Brasileira (AEVB) podem em sã consciência tornar suas as palavras de Paulo aos romanos: "Agora não tenho já campo de atividade nestas regiões" (Rm 15.23)?

De fato, em 30 anos de missões, a igreja primitiva alcançou os mais importantes centros urbanos do mundo de então e neles se estabeleceu: em Jerusalém (capital do judaísmo, com 55 mil habitantes), em Éfeso (capital da magia, com 300 mil habitantes), em Corinto (capital do prazer, com 500 mil habitantes), em Atenas (capital do helenismo, com 250 mil habitantes) e em Roma (capital do Império, com um milhão de habitantes). Com exceção parcial de Jerusalém, todo esse trabalho foi realizado graças ao espírito missionário de Paulo e de seus companheiros — Barnabé, Silas, Timóteo, Lucas e outros.

Paulo foi um missionário fora do comum. Ele não exagera quando afirma: "Desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico [região

montanhosa da costa setentrional do mar Adriático] tenho divulgado o evangelho de Cristo" (Rm 15.19).

É bem provável que haja um templo ou uma capela católica em quase todo lugarejo brasileiro e uma Assembléia de Deus ou outro culto protestante em cada cidade desse enorme país, o quinto maior do mundo, com 8.512.000 quilômetros quadrados de área. Enquanto os apóstolos gastaram 30 anos para formar centros de irradiação do evangelho nas principais cidades no oeste da Ásia e no sul da Europa, nós gastamos 500 anos para fazer o mesmo e mais um pouco. Todavia há mais de uma centena de etnias não-alcançadas pelo evangelho no Brasil. Não devem ser desprezadas por não representarem muito numericamente. Mas os missiólogos sabem e todos os crentes deveriam saber que a ordem de evangelização mundial dada por Jesus por ocasião de sua ascensão, especialmente na língua original, não fala de países, mas de nações, de povos, de etnias, o que torna a tarefa muito mais ampla. Fala-se em evangelização individual: "Ide por *todo* o mundo e pregai o evangelho a *toda* criatura" (Mc 16.15). Além do mais, a grande comissão ensina a evangelização não superficial, mas seguida de acompanhamento: "Ide, portanto, fazei *discípulos* de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; *ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado*" (Mt 28.19-20). A tarefa é intensa e trabalhosa. O que mais temos feito, nos três grandes grupos cristãos — Igreja Católica Romana, Igreja Ortodoxa e Igreja Reformada —, é batizar.

A evangelização não é uma tarefa que começa e pára. Enquanto evangelizamos a geração atual, surge a geração seguinte que deveria ser evangelizada pelos progenitores, o que nem sempre acontece, ora porque eles não aceitam a pregação que ouvem, ora porque são pais displicentes ou relapsos quanto à educação religiosa de seus filhos. A evangelização é algo contínuo no mesmo lugar e em outros lugares.

Além da evangelização, é preciso existir o que se chama hoje de reevangelização. É preciso tornar a evangelizar as multidões que entraram pela porta da frente das igrejas batistas e pentecostais e saíram pela porta dos fundos. É preciso reevangelizar os luteranos nominais da Escandinávia e da Alemanha. É preciso reevangelizar os anglicanos da Inglaterra e de suas ex-colônias. É preciso reevangelizar os presbiterianos da Suíça, da Holanda, da Escócia e

dos Estados Unidos. É preciso reevangelizar os metodistas dos Estados Unidos. É preciso reevangelizar os italianos de Roma, os católicos da Península Ibérica e do maior contingente católico do mundo, que está na América Latina, sobretudo no Brasil. Em todos estes casos, Jesus Cristo ainda está do lado de fora à espera do pecador. O reevangelizador precisa repetir uma das mais solenes palavras do Senhor: "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo" (Ap 3.20). A comunhão verdadeira está quebrada e necessita de novo interesse, nova decisão, novo início e reconciliação. É claro que Jesus está do lado de fora de muitos cristãos nominais, muitos lares e, o pior, de muitas igrejas que se chamam de cristãs.

Precisamos ter a coragem de confessar que não sabemos direito o que é evangelizar. Em um país católico como o nosso, muitas vezes evangelizar significa tirar alguém de lá e trazê-lo para cá. Para alguns imersionistas, evangelizar é convencer irmãos na fé a passar pelas águas. Para alguns adventistas, evangelizar é levar os pecadores a guardar o sábado e não o domingo. Para alguns pentecostais, evangelizar é tirar o pobre coitado da geladeira e colocá-lo no fogo. À luz das Escrituras, única regra de fé e prática, e deixando de lado a maior parte dos dogmas de Roma e das tradições da igreja, que escondem a plena suficiência de Cristo, é mesmo preciso evangelizar os católicos, deixando com eles a decisão de ser um católico desobediente lá ou um protestante mais ou menos obediente aqui. Mas não é para alimentar aquela euforia exagerada provocada pela diminuição das hostes católicas em favor do engrossamento das fileiras protestantes, como se a evangelização, coisa muito mais solene, fosse uma guerra entre católicos e protestantes.

É necessário tomar mais cuidado com as palavras. Seria muito mais prudente dizer que mil pessoas assinaram o cartão de decisão ou vieram à frente para aceitar a Cristo do que afirmar que "hoje à noite mil pessoas se *converteram* a Cristo". A prova da conversão não é de uma hora para outra. A conversão é uma caminhada de pequeno ou de maior percurso, às vezes com altos e baixos, para finalmente se firmar de maneira pública e convincente para o convertido e para os que o rodeiam.

A alegria pura — não a alegria mesclada e contaminada com a cultura mundana e com a cultura *Guiness* —, provocada pela

evangelização e conversão de um pecador é aquela alegria descrita nas parábolas da ovelha perdida e da dracma perdida: "haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento" (Lc 15.7).

Porque no passado, especialmente nos séculos XVI a XVIII, atrelamos a evangelização à colonização, somos obrigados a ouvir críticas duras, como a do editor especial da revista *Veja*, Roberto Pompeu de Toledo:

> Evangelizar, ou catequizar é querer impor sua verdade ao outro. É convidar o outro a adotar todo um novo sistema de crenças e valores e destruir aquele no qual se formou, com os resultados desestabilizadores que se conhecem em sua estrutura emocional e na vida social.[1]

A melhor definição de evangelismo, disse-nos o historiador J. Edwin Orr, durante a Conferência Internacional de Evangelistas Itinerantes, realizada em Amsterdã, em 1986, é a de Cannon Max Warren, da Abadia de Westminster:

> Evangelizar é apresentar Jesus Cristo no poder do Espírito, de tal maneira que os homens possam conhecê-lo como Salvador e servi-lo como Senhor, na comunhão da igreja e na vocação da vida comum.

Na mesma ocasião, a mais conhecida tetraplégica do mundo, Joni Eareckson Tada explicou que "evangelismo é compartilhar Cristo a toda e qualquer pessoa com a qual você se encontra, através de palavra falada, através de livros, através de filmes e através de desenhos e pinturas" (Joni pinta com pincéis presos entre as arcadas dentárias). O jornalista Luís Rodrigues, diretor da *Adelante*, de Barcelona, inclui um lado importante: "Evangelismo é proclamar as boas notícias, *deixando os resultados absolutamente nas mãos de Deus*". O missionário holandês Frans Leonard Schalkwijk deu uma explicação interessante: "Evangelizar é executar o testamento do Cristo ressurreto, cujo centro está em ganhar almas para o Cordeiro". Numa de suas mensagens, o presidente de Amsterdã 86, Billy Graham, lembrou que o termo evangelismo "abrange todos os esforços no sentido de declarar as boas novas de Jesus Cristo, com o objetivo de que as pessoas entendam a oferta da salvação de Deus, tenham fé e tornem-se discípulos". A pregação do evangelho é endereçada a "qualquer pessoa que não tenha aceitado Jesus Cristo como Senhor e Salvador, mesmo que seja um muçulmano, um

católico romano ou até um empolgado batista do sul dos Estados Unidos"[2], acrescentou Leighton Ford, presidente da programação da referida conferência.

Precisamos saber de uma vez por todas que a palavra "evangelho" deriva do substantivo grego *euangelion*, que quer dizer boas novas. Assim, a palavra transformada em ação é *euangelizomai*, isto é, anunciar, proclamar, trazer boas notícias. Daí mais esta definição de Timothy P. Weber, doutor e professor de história da igreja no Seminário Teológico Batista Conservador de Denver, no Colorado: "Evangelização é a proclamação das boas novas da salvação em Jesus Cristo, visando levar a efeito a reconciliação entre o pecador e Deus Pai, mediante o poder regenerador do Espírito Santo"[3].

A Bíblia não gera otimismo quanto ao número dos que ouvem e aceitam as boas novas da salvação. Ela diz que "muitos serão chamados, mas poucos escolhidos" (Mt 20.16). Afirma também que são muitos os que entram pela porta larga e poucos os que entram pela porta estreita, cujo caminho "conduz para a vida" (Mt 7.13-14). Declara ainda que, "naquele dia", muitos hão de dizer a Jesus que fizeram isso e aquilo, mas receberão um veemente "nunca os conheci" da parte dele (Mt 7.22-23). A idéia realista que se tem depois da leitura de todas as Escrituras é que apenas o resto do resto é que será salvo.

Quem converte o pecador que ouve a mensagem da salvação é Deus e não a argumentação do evangelizador. De igual modo, quem anuncia a boa nova da salvação não é Deus nem os anjos — é o homem e a mulher que já o conhecem.

No sermão de abertura do Congresso Missionário Íbero-Americano (COMIBAM), realizado no Palácio das Convenções no Anhembi, São Paulo, em novembro de 1987, o argentino naturalizado americano Luis Bush declarou que a tocha da evangelização mundial já esteve nas mãos de Israel, nas mãos da Europa, nas mão da América do Norte e agora está nas mãos dos terceiro-mundistas, pois a porcentagem de evangélicos abaixo da linha do Equador já é muito maior do que a do hemisfério norte.[4] De campo missionário, o Brasil passou a ser uma das novas nações que inverteram o quadro: em vez de recebermos missionários, enviamos missionários para todo o mundo. E isso já está acontecendo, tanto entre católicos, como entre protestantes. De fato, acabou o monopólio dos bem-sucedidos missionários brancos, anglo-saxões e primeiro-mundistas, como

também a distinção entre países enviadores e países receptores. Agora países pobres recebem e enviam missionários e países ricos enviam e recebem missionários. É uma espécie de globalização missionária. Aliás, nas comemorações dos 500 anos do "descobrimento" do Brasil, em Porto Seguro, o legado pontifício cardeal Ângelo Solano declarou que "há muito a fazer na evangelização no Brasil e no mundo inteiro, sobretudo na Ásia e na África, onde imensas multidões esperam ainda o anúncio do evangelho cristão" e "a igreja do Brasil deve ser também missionária"[5].

Há mais missionários brasileiros do que jogadores de futebol atuando fora do Brasil.

Que esta *História da evangelização do Brasil* possa entusiasmar os brasileiros a continuar a evangelização do seu próprio solo, bem como do solo alheio. Os erros e os acertos dos missionários que para aqui vieram — muitos dos quais aqui morreram — hão de servir de inspiração para a presente geração de missionários.

Notas

[1] TOLEDO, Roberto Pompeu de. Anchieta e Nóbrega na reunião da CNBB. *Veja*, p. 162, 15 fev. 2000.

[2] In: CÉSAR, Elben M. Lenz. Evangelismo — o que é? *Ultimato*, Viçosa, nº 178, p. 19, set. 1986.

[3] In: ELWELL, Walter A. ed. *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988. v. 1. p. 121.

[4] BUSH, Luís. Agora é a nossa vez de tomar a tocha. *Ultimato*, Viçosa, nº 192, p. 1, fev. 1988.

[5] LEGADO papal critica ganância. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 9, 28 abr. 2000.

Apêndice

Cronologia religiosa dos 500 anos

Brasil Colônia

1500 (22 de abril) — A armada portuguesa de dez naus e três caravelas, sob o comando de Pedro Álvares Cabral, de 33 anos, chega ao Brasil. (Capítulo 1.)

1500 (26 de abril) — Dom Henrique Soares de Coimbra celebra a primeira cerimônia cristã em solo brasileiro. No dia seguinte, à noite, João Faras, o astrônomo da armada, chama de Cruzeiro do Sul a constelação cujas principais estrelas formam o desenho de uma cruz. (Capítulo 1.)

1500 (1° de maio) — Para comemorar a Paixão de Jesus Cristo, frei Henrique celebra a segunda missa, com a presença de mais de mil portugueses e cerca de 150 nativos. (Capítulo 1.)

1517 (31 de outubro) — Martinho Lutero, com a idade de 34 anos, dá início oficial à Reforma Religiosa do Século XVI, depois de dois séculos de continuada decadência da religião. A Europa pega fogo. (Capítulo 3.)

1538 — Começam a chegar ao Brasil os primeiros escravos africanos. (Capítulo 7.)

1540 — É iniciada a Contra-Reforma, com a fundação da Companhia de Jesus, tendo à frente o basco Inácio de Loyola, então com 51 anos. As duas reformas alteram profundamente o clima religioso da Europa. (Capítulo 5.)

1549 (29 de março) — Desembarcam na Bahia os seis primeiros missionários jesuítas, na companhia de mais de mil pessoas, entre soldados, funcionários públicos, colonos, artesãos e cerca de 400 degredados. Com eles vêm o primeiro governador do Brasil, Tomé de Sousa, e o padre Manoel da Nóbrega. (Capítulo 5.)

1557 (10 de março) — Realiza-se na ilha de Serijipe, na Baía de Guanabara, o primeiro culto reformado abaixo da linha do Equador. O pastor calvinista Pierre Richier, de 50 anos, prega em francês sobre o verso 4 do Salmo 27: "Je demande à l'Eternel et une chose, que je désire ardenment: je vondrais habiter toute ma vie dans la maison de l'Eternel, pour contempler la magnificence de l'Eternel et pour admirer son temple". Onze dias depois, é organizada a primeira igreja evangélica do Brasil e da América do Sul, e celebrada, pela primeira vez, a Santa Ceia. (Capítulo 6.)

1558 (9 de fevereiro) — Nicolau Durant de Villegaignon, de 48 anos, manda estrangular e lançar ao mar na Baía de Guanabara três signatários da primeira confissão de fé reformada da América, conhecida como Confissão Fluminense. Um dos dezessete artigos diz: "Cremos que Jesus Cristo é o nosso único Mediador, Intercessor e Advogado, pelo qual temos acesso ao Pai, e que, justificados no seu sangue, seremos livres da morte, e, por Ele já reconciliados, teremos plena vitória sobre a morte". (Capítulo 6.)

1597 (9 de julho) — Morre, aos 63 anos, na cidade hoje denominada Anchieta, no Estado do Espírito Santo, o missionário jesuíta José de Anchieta, conhecido como "o apóstolo do Brasil". Seu corpo foi carregado até Vitória por seus fiéis, quase todos indígenas. Anchieta viveu 44 anos no Brasil. (Capítulo 8.)

1630 (15 de fevereiro) — Tropas holandesas ocupam Pernambuco e criam no Nordeste brasileiro a Nova Holanda. São 67 navios, 3.700 tripulantes, 3.500 soldados e 1.170 canhões. (Capítulo 9.)

1645 (16 de junho) — Um ano depois da partida do governador João Maurício de Nassau para a Europa, soldados holandeses e índios potiguares matam o padre André de Soveral e outros setenta fiéis durante a celebração da missa dominical na Capela de Nossa Senhora das Candeias, no Engenho Cunhaú, no Rio Grande do Norte. (Capítulo 9.)

1654 (26 de janeiro) — Termina a invasão holandesa. Neste período de 24 anos foram organizadas 22 igrejas reformadas no Nordeste. Essas igrejas e demais ministérios paralelos foram servidos por 54 pastores, 120 presbíteros e igual número de diáconos e mais de 100 consoladores e mestres-escolas. (Capítulo 9.)

1804 (7 de março) — É organizada, em Londres, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, a primeira organização interdenominacional com o objetivo de distribuir a Bíblia no mundo inteiro. (Capítulo 12.)

1805 — Henry Martyn, com 24 anos, de passagem pela Bahia e depois de visitar Salvador, escreve em seu diário: "Há cruzes em abundância, mas quando será levantada a doutrina da cruz?" (Capítulo 11.)

1809 — A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira começa a editar a Bíblia em português na versão de João Ferreira de Almeida, morto em 1691. É a primeira Bíblia em português e a 32ª versão integral das Escrituras nas línguas modernas. O público primeiramente visado são os refugiados portugueses que foram para a Inglaterra, quando Napoleão invadiu e ocupou Portugal, dois anos antes. (Capítulo 12.)

1810 (19 de fevereiro) — Assina-se o Tratado de Comércio e Navegação entre Portugal e Inglaterra, segundo o qual o governo de Portugal se obriga a que "os vassalos de Sua Majestade Britânica residentes em seus territórios e domínios [inclusive o Brasil] não serão perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa da sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso Deus, quer seja dentro de suas casas particulares, quer na suas particulares igrejas e capelas..." Todavia, essas igrejas e capelas têm de ser construídas de tal modo que externamente se assemelhem a casas de habitação, não podendo também ter sinos. (Capítulo 11.)

1822 (26 de maio) — Sob protestos do núncio papal Lourenço Coleppi, inaugura-se no Rio de Janeiro o primeiro templo protestante em solo brasileiro, sem aparência externa de templo, como reza o Tratado de Comércio e Navegação. Para impedir qualquer tumulto e por ordem de José Bonifácio de Andrada e Silva, Secretário de Estado dos Negócios do Reino e dos Negócios Estrangeiros, a polícia está de prontidão em volta da Capela Anglicana, na rua dos Barbonos (hoje Evaristo da Veiga).

Brasil Império

1822 (7 de setembro) — Em viagem a São Paulo, o príncipe regente Dom Pedro, ao tomar conhecimento das pressões de Portugal, resolve proclamar ali mesmo a Independência do Brasil. Menos de dois meses depois, será aclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil. Ele tem, então, 24 anos. (Capítulo 13.)

1824 (25 de março) — "Em nome da Santíssima Trindade" é promulgada a Constituição Política do Império do Brasil. O Artigo 5° reza que "a religião católica romana continuará a ser a religião oficial do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com o seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo". (Capítulo 13.)

1824 — Começam a chegar ao Brasil as primeiras levas de imigrantes alemães, em sua maioria luteranos. O governo brasileiro quer branquear sua população e o governo alemão quer se livrar dos contingentes humanos excedentes, alguns deles desempregados e de precária condição financeira, entre outros motivos de interesse comum. Os imigrantes se fixam especialmente no Rio Grande do Sul. (Capítulo 13.)

1837 — Chega ao Brasil o missionário metodista americano Daniel Parish Kidder, como correspondente da Sociedade Bíblica Americana, fundada 29 anos antes. É um jovem de 22 anos, já casado. Percorre o país de norte a sul com o propósito de divulgar a Palavra de Deus. (Capítulo 12.)

1846 (9 de novembro) — O papa Pio IX publica a encíclica *Que pluribus*, na mesma linha das encíclicas anteriores de Pio VIII (*Trediti humilitati*, de 1829) e de Leão XII (*Ubi primum*, de 1824). As três

encíclicas mostram a preocupação de Roma com a disseminação das Sagradas Escrituras pelas sociedades bíblicas protestantes. (Capítulo 12.)

1855 (10 de maio) — Desembarca no Rio de Janeiro o primeiro casal de missionários protestantes, de caráter permanente: Sarah e Robert Kalley. Ele é médico, tem 46 anos e já trabalhou em Funchal, na Ilha da Madeira, onde fundou um hospital e várias escolas. Embora nascido no seio de uma família escocesa muito religiosa, Kalley era ateu até a idade de 26 anos, quando se converteu, em 1835. (Capítulo 15.)

1859 (12 de agosto) — Desembarca no Rio de Janeiro, jovem (26 anos) e solteiro, o missionário presbiteriano americano Ashbel Green Simonton. Menos de cinco anos antes, Simonton não poderia supor que seria missionário. Nessa época nem membro de igreja era. A mudança ocorreu no primeiro semestre de 1855, quando ele professou sua fé em Jesus, abandonou o curso de direito e foi para o Seminário de Princeton. (Capítulo 16.)

1860 (6 de maio) — Dom Pedro II faz uma longa visita ao missionário congregacional Robert Kalley, em Petrópolis. Conversam longamente sobre a Terra Santa, onde Kalley permaneceu por três anos antes de vir para o Brasil e depois de ser obrigado a fugir da Ilha da Madeira por motivo de intolerância religiosa. (Capítulo 15.)

1864 (5 de novembro) — Começa a circular o primeiro jornal protestante do Brasil e da América do Sul, por iniciativa de Ashbel Simonton. Chama-se *Imprensa Evangélica* e tem o objetivo de alcançar pela palavra escrita os não-alcançados pela palavra falada. Além do mais, pretende publicar artigos em defesa de reformas legais necessárias à completa liberdade de culto. (Capítulo 16.)

1865 (17 de fevereiro) — Poucos dias antes de completar 43 anos, José Manoel da Conceição é ordenado pastor presbiteriano, na cidade de São Paulo. É o primeiro brasileiro a se tornar pastor protestante. Conceição nasceu em São Paulo no ano da Independência do Brasil e fez-se sacerdote católico aos 23 anos. Por causa de suas ênfases bíblicas, era chamado de padre protestante. Tornou-se evangélico em 1864. (Capítulo 20.)

1867 — Com a chegada do quase cinqüentenário Junius E. Newman, recomeça o trabalho metodista no Brasil. A primeira

tentativa aconteceu em 1835 com Fountain Elliot Pitts, imediatamente seguido por R. Justus Spauding e Daniel Kidder. Por falta de recursos, a missão foi interrompida seis anos depois. (Capítulo 17.)

1867 (julho) — Ashbel Simonton expõe ao Presbitério do Rio de Janeiro a seguinte estratégia missionária: 1) A santidade da igreja deve ser ciosamente mantida no testemunho de cada crente; 2) É preciso inundar o Brasil com Bíblias, livros e folhetos; 3) Cada crente deve comunicar o evangelho a outra pessoa; 4) É necessário formar um ministério nacional idôneo; 5) Escolas paroquiais para os filhos dos crentes devem ser estabelecidas. (Capítulo 16.)

1868 (5 de janeiro) — O jornal católico *O Apóstolo* publica: "Um brazileiro protestante sôa tão mal como o nome de traidor á seu paiz e ao seu Imperador". (Capítulo 16.)

1880 — Um general derrotado da guerra civil americana, Alexandre Travis Hawthorne, põe fogo na Junta de Richmond. Até então, a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos estava convencida de que não valeria a pena enviar missionários para o Brasil, por serem "tão grandes os obstáculos e tão pequena a esperança de vencê-los". Mas Hawthorne declara exatamente o contrário: "Não há outro país ao alcance dos trabalhos missionários que seja mais convidativo ou que ofereça resultados maiores e mais prontos, com igual dispêndio de dinheiro e esforço". Empolgada com o discurso inflamado do general, a Junta de Richmond resolve recrutar missionários para o Brasil. (Capítulo 18.)

1882 (31 de agosto) — Chegam a Salvador, Bahia, os primeiros missionários enviados pelos batistas do sul dos Estados Unidos: William Buck Bagby, de 25 anos, e Zacarias Clay Taylor, de 31, e suas esposas Ann Luther e Kate Stevens, respectivamente. (Capítulo 18.)

1889 (26 de setembro) — Duas semanas e meia antes da Proclamação da República, chega ao Brasil a última das denominações protestantes históricas, a Igreja Episcopal, ligada à Comunhão Anglicana. Os dois missionários pioneiros chamam-se James Watson Morris, de 23 anos, e Lucien Lee Kinsolving, de 27. O interesse desses dois recém-formados pelo Brasil foi provocado pela filha de Ashbel Simonton, que morava nas proximidades do Seminário Teológico de Virgínia, onde os dois rapazes se formaram. (Capítulo 19.)

Brasil República

1889 (15 de novembro) — O alagoano Manuel Deodoro da Fonseca, de 62 anos, com o apoio de outro alagoano, Floriano Vieira Peixoto, de 50 anos, proclama, de madrugada, a república brasileira, pondo fim ao sistema imperial, que durou 67 anos. O golpe militar foi planejado na residência de Deodoro quatro dias antes e tornou-se possível porque a essa altura os fazendeiros, os militares e a igreja haviam retirado seu apoio à monarquia. Pedro II, de 64 anos de vida e 49 anos de governo, e sua família, têm 24 horas para deixar o país. O marechal Deodoro da Fonseca assume o poder como chefe do Governo Provisório.

1891 (24 de fevereiro) — É aprovada e promulgada a primeira constituição republicana, que estabelece a separação entre Igreja e Estado. O Artigo 72 institui o casamento civil, transfere para as autoridades municipais a administração dos cemitérios e acaba com o privilégio da subvenção oficial, bem como as relações de dependência ou aliança com o governo da União ou dos Estados.

1897 — A Diretoria Geral de Estatística divulga os resultados do recenseamento realizado em 1890: o país tem 14.333.915 habitantes. Diz-se que o número está bem aquém da realidade, porque o censo foi feito por meio de formulários que deveriam ser preenchidos pessoalmente, não obstante dois terços da população não saber ler nem escrever. Os três estados mais populosos são Minas Gerais, Bahia e São Paulo. No censo anterior (1872), havia 10 milhões de habitantes.

1910 — Depois de freqüentar por um pequeno período a Igreja Presbiteriana do Brás, em São Paulo, o italiano Louis Francescon, de 44 anos, funda, na capital de São Paulo, a Congregação Cristã no Brasil, a primeira igreja pentecostal do país. Francescon morava nos Estados Unidos, onde recebeu influência do movimento pentecostal nascido em Topeka (Kansas) e continuado em Los Angeles, Califórnia. (Capítulo 21.)

1911 (18 de junho) — Os missionários suecos Gunnar Vingren, de 32 anos, e Daniel Berg, de 27, organizam a primeira Assembléia de Deus do Brasil, em Belém do Pará, à qual dão primeiramente o nome de Missão da Fé Apostólica, o mesmo nome da igreja fundada por William J. Seymour em Los Angeles, em 1906. (Capítulo 22.)

1922 (8 de maio) — O casal suíço Stelle e David Miche, ele de 55 anos, desembarca no Rio de Janeiro com a missão de organizar no Brasil o Exército de Salvação. No mesmo navio estão o cônsul brasileiro de Genebra e o senador Félix Pacheco, que prometem auxiliar no que for possível. (Capítulo 23.)

1942 — Dá-se a fusão da Sociedade Bíblica Americana, no Brasil desde 1854, com a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, no país desde 1856. No relatório de 1876 da Sociedade Bíblica Americana, encontra-se este registro: "Os melhores dentre os brasileiros começam a sentir que não é a República ou a Monarquia, nem a maçonaria nem a superstição, muito menos a decantada civilização do século XIX, e menos ainda a negação de tudo que é sobrenatural, que será capaz de regenerar a sociedade brasileira, mas, sim, tão-somente as doutrinas de nosso Senhor Jesus Cristo, tais como se encontram na Palavra de Deus".

1948 (10 de junho) — Organiza-se no Rio de Janeiro a Sociedade Bíblica do Brasil, cujo objetivo é "promover e intensificar, sem escopo lucrativo, a difusão das Escrituras Sagradas como meio de elevação moral, social e espiritual do povo brasileiro".

1951 (15 de novembro) — O ex-galã de Hollywood convertido em Los Angeles e batizado pela pastora Aimee Semple McPherson, fundadora da *International Church of The Four-Square Gospel*, Harold Willians, organiza, em São João da Boa Vista, São Paulo, a primeira Igreja do Evangelho Quadrangular do Brasil. (Capítulo 24.)

1955 — O jovem pernambucano Manoel de Mello, de 26 anos, organiza em São Paulo a primeira igreja pentecostal brasileira (a Congregação Cristã fora "importada" dos Estados Unidos), com o nome de Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo. Manoel de Mello é aquele que disse: "Quero ser um urubu nas mãos de Deus e não uma ave bela e rara nas mãos do diabo". (Capítulo 25.)

1962 (março) — O jovem paranaense David Miranda, de 26 anos, organiza em São Paulo a Igreja Pentecostal Deus é Amor. Ex-congregado mariano e devoto de São Gonçalo do Amarante, David Miranda experimentou uma profunda convicção de pecado que o levou à conversão dois dias antes de completar 22 anos. (Capítulo 26.)

1970 — Dois missionários jesuítas americanos residentes em Campinas, São Paulo, Harold J. Rahm, de 51 anos, e Edward J. Dougherty, de 29, dão início à Renovação Carismática Católica no Brasil. O movimento havia começado três anos antes, num retiro espiritual realizado por 25 estudantes e dois professores da Universidade do Espírito Santo em Duquesne, numa casa de retiro chamada *The Ark and the Dove*, em Pittsburg, nos Estados Unidos. (Capítulo 27.)

1974 (6 de outubro) — O evangelista Billy Graham, de 56 anos, encerra a cruzada de evangelização realizada no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, com a presença de cerca de 250 mil pessoas.

1977 — Edir Macedo, de 33 anos, deixa a Igreja de Nova Vida, do bispo Robert McAllister, e o serviço secular, e funda a Igreja Universal do Reino de Deus. (Capítulo 28.)

Índice onomástico

Bibliografia

A RELIGIOUS ENCYCLOPAEDIA. New York: Funk & Wagnaldis Company, 1891.

ALMEIDA, A. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

ALMEIDA, Edgar de. *A história do evangelho no Brasil*. Ourinhos: Edições Cristãs, 1999.

ANCHIETA, Joseph de. *Cartas;* correspondência ativa e passiva. São Paulo: Loyola, 1984.

ANCHIETA, José de. *Diálogo da fé*. São Paulo: Loyola, 1988.

____. *Textos históricos*. São Paulo: Loyola, 1989.

ANDERSON, Gerald H. *Biographical Dictionary of Christian Missions*. New York: Simon & Schnster Macmillan, 1998.

ANTONIAZZI, Alberto, FRESTON, Paul et al. *Nem anjos nem demônios;* interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARAÚJO, Stephenson Soares. *Manipulação no processo da evangelização*. Belo Horizonte: Lerban, 1997.

BEAR, James E. *Mission to Brazil*. EUA: Bord of World Missions, 1961.

BERG, Daniel. *Enviado por Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.

BERG, David. *Daniel Berg — enviado por Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BOTELHO, Ângela Vianna, REIS, Liana Maria. *Dicionário histórico Brasil colônia e império*. Belo Horizonte: Dimensão, 1998.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. *Salmos e hinos; sua origem e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Fluminense, 1983.

BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

____. *Capitães do Brasil*; a saga dos primeiros colonizadores. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

____. *Náufragos, traficantes e degredados*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CAXA, Quirício, RODRIGUES, Pero. *Primeiras biografias de José de Anchieta*. São Paulo: Loyola, 1988.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *Entrevistas com Ashbel Green Simonton*. Viçosa: Ultimato, 1994.

____. *Práticas devocionais*. 4. ed. Viçosa: Ultimato, 1996.

CÉSAR, Waldo, SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis / São Leopoldo: Vozes / Sinodal, 1999.

CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja no Brasil*. Itaici: Paulinas, 1999.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *Relatório 1997-1998*. São Paulo: 1998.

CRABTREE, A.R. *História dos batistas no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962. v. 1.

CRESPIN, Jean. *A tragédia de Guanabara*. Rio de Janeiro: Typo-Lith / Pimenta de Mello & C., 1917.

DEIROS, Pablo Alberto. *Historia del Cristianismo en América Latina*. Buenos Aires: Fraternidade Teológica Latino-americana, 1992.

DONATO, Hernâni. *O cotidiano brasileiro no século XVI*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

____. *O cotidiano brasileiro no século XVII*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

____. *O cotidiano brasileiro no século XVIII*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

____. *Os índios no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

DOUGLAS, J. D. ed. *The New International Dictionary of the Christian Church*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974.

DREHER, Martins N. *Igreja e germanidade*. Porto Alegre / São Leopoldo / Caxias do Sul: EST / Sinodal / Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

ELIASEN, Carl S. *A imagem do cruzeiro resplandece*; a história do Exército de Salvação no Brasil. São Paulo: Exército de Salvação, 1997.

____. *Energia vertical para expansão horizontal*. São Paulo: Exército de Salvação, s/d.

ELWELL, Walter A. ed. *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988.

ENCICLOPEDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

Esboço histórico da escola dominical da Igreja Evangélica Fluminense. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Fluminense, 1932.

FAINGOLD, Reuven. *D. Pedro II na Terra Santa*; diário de viagem — 1876. São Paulo: Sêfer, 1999.

FAULKNER, George. *George Faulkner — autobiografia*. São Paulo: Quadrangular, 1999.

FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959. v. 1.

FISCHER, Harold A. *Avivamentos que avivam*. Rio de Janeiro: 1961.

FRANCESCON, Louis. *Resumo de uma ramificação da obra de Deus, pelo Espírito Santo, no século atual*. São Paulo: 1958.

GILLIES, John. *The Martyres of Guanabara*. Chicago: Mooly Press, 1976.

GONZALEZ, Justo L. *A era dos conquistadores*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

____. *A era dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

GRANDE ENCICLOPEDIA DELTA LAROUSE. Rio de Janeiro: Delta, 1972.

HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989.

HAUCK, João Fagundes, FRAGOSO, Hugo et al. *História da igreja no Brasil*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. v. II/2.

HOORNAERT, Eduardo, AZZI, Riolando et al. *História da igreja no Brasil*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. v. II/1.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1991.

HUNSCHE, Carlos Henrique. *Protestantismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre / São Leopoldo: EST / Sinodal, 1983.

IVO. *Kinsolving*. Porto Alegre: Ecclesia, 1961.

JONES, Judith Mac Knight. *Soldado, descansa!* uma epopéia norte-americana sob os céus do Brasil. 1. ed. São Paulo: Jarde, 1967.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil*. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

KRISCHKE, George Upton. *História da Igreja Episcopal brasileira*. Rio de Janeiro: 1949.

LÉONARD, Émile-G. *O protestantismo brasileiro*; estudo de eclesiologia e história social. São Paulo: ASTE, 1952.

LESSA, Vicente Themudo. *Annaes da I Egreja Presbyteriana de São Paulo*. São Paulo: 1938.

LONG, Eula Kennedy. *O arauto de Deus*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1960.

LUSTOSA, Oscar F. *A Igreja Católica no Brasil república*. São Paulo: Paulinas, 1991.

MANSFIELD, Patti Gallagher. *Como um novo Pentecostes*. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1995.

MELLO, Manoel de. *Mensagens vivas*. Arujá: O Brasil para Cristo, 1995. v. 1.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir*; a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MICHE, David. *David Miche e os acontecimentos iniciais do Exército de Salvação no Brasil*. São Paulo: Exército de Salvação.

MIRANDA, David. *Missionário David Miranda*. São Paulo: Luz, 1992.

MORAES, Evaristo de. *A escravidão africana no Brasil*. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

NEILL, Stephen. *Missões cristãs*. Lisboa: Ulisseia, 1964.

PAIVA, José Maria de. *Colonização e catequese*. São Paulo: Cortez, 1982.

PEREIRA, J. Reis. *Breve história dos batistas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1972.

____. *História dos batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

PEREIRA, Paulo Roberto. *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

PORTO FILHO, M. *A epopéia da Ilha da Madeira*. Rio de Janeiro: 1987.

PRIORI, Mary Del. *Religião e religiosidade no Brasil colonial*. São Paulo: Ática, 1994.

READ, Willian R. *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Campinas: Cristã Unida, 1967.

REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984.

____. *Metodismo brasileiro e wesleyano*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1981.

REIS, Álvaro. *O Martyr Le Balleur*. Rio de Janeiro: 1917.

RIBEIRO, Boanerges. *José Manoel da Conceição e a reforma evangélica*. São Paulo: O Semeador, 1995.

____. *O padre protestante*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.

ROCHA, Isnard. *Histórias da história do metodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1967.

____. *Pioneiros e bandeirantes do metodismo no Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil holandês*. Recife: FUNDARPE, 1986.

SCHLESINGER, Hugo, PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHNEIDER, Roque. *José de Anchieta;* seu perfil e sua vida. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

SCHÜTZER, Isabel Botelho de Camargo. *Nas mãos de Deus*. Fundação Walter Schützer.

SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. *Dicionário da escravidão*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1997.

SEBE, José Carlos. *Os jesuítas*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SILVA, José Raimundo Gomes. *Síntese histórica das Assembléias de Deus*. São Paulo: 1981.

SILVA, N. Duval da. *A igreja militante*. Porto Alegre: Publicadora Ecclesia, s/d.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SWELLENGREBEL, J. L. *João Ferreira de Almeida, um tradutor português da Bíblia em Java*. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1972.

TESTA, Michael P. *O apóstolo da Madeira*. Lisboa: Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, 1963.

THE NEW INTERNATIONAL DICTIONARY OF THE CHIRSTIAN CHURCH. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974.

TUCKER, Ruth A. *Guardians of the Great Commission;* the story of women in modern missions. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1988.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados;* moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

VERDASCA, José. *Raízes da nação brasileira;* os portugueses no Brasil. São Paulo: IBRASA, 1997.

VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. *Vida e obra de Guilherme Stein Jr.;* raízes da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

VINGREN, Ivar. *O diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.

VIOTTI, Hélio Abranches. *Anchieta;* o apóstolo do Brasil. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1980.

WALKER, John. *A história que não foi contada*. Americana: Worship Produções, 1996.

WALKER, W. *História da igreja cristã*. São Paulo: ASTE, 1967. v. 1-2.

WILLIANS, Mary. *Harold Willians*. São Paulo: Quadrangular, 1997.

WITT, Osmar Luiz. *Igreja na migração e colonização;* a pregação itinerante no sínodo rio-grandense. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WOOD, Violet. *Em cada terra uma bandeira*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1953.

YANCEY, Philip. *Maravilhosa graça*. São Paulo: Vida, 1999.

História da Evangelização do Brasil

DOS JESUÍTAS AOS NEOPENTECOSTAIS

Na verdade é muito fácil dividir a história da evangelização do Brasil em três períodos distintos e naturais.

O que aconteceu na primeira fase foi a *cristianização* do Brasil, o que os missionários católicos portugueses e espanhóis faziam em todas as suas colônias. Isso ocorreu no grande século missionário católico e nos dois séculos seguintes (XVI, XVII e XVIII).

Já no segundo período, com o Tratado de Comércio e Navegação entre Inglaterra e Portugal (1810) e com a proclamação da Independência (1822), aconteceu a *evangelização* do Brasil, por meio de missionários protestantes. Todas as denominações históricas se instalaram no país nessa época. Foi o grande século missionário protestante em todo o mundo.

No último período, por influência de fenômenos pentecostais verificados em Topeka, nos Estados Unidos, aconteceu a *pentecostalização* do Brasil, a partir da implantação das Assembléias de Deus até a Renovação Carismática Católica e a Igreja Universal do Reino de Deus. Sem exagero algum o século XX é chamado o Século Pentecostal.

Ultimato
EDITORA